

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

GIGLIESE APARECIDA MENDES

**O ESPAÇO DE MORAR E A ARQUITETURA MODERNISTA:
REFLEXÕES A PARTIR DE IRATI – PR**

**PONTA GROSSA
2013**

GIGLIESE APARECIDA MENDES

**O ESPAÇO DE MORAR E A ARQUITETURA MODERNISTA:
REFLEXÕES A PARTIR DE IRATI – PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito para a obtenção de título de mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cicilian Luiza Löwen Sahr

**PONTA GROSSA
2013**

Ficha Catalográfica

Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Mendes, Gigliese Aparecida
M538 O espaço de morar e a arquitetura
modernista: reflexões a partir de Irati -
PR/ Gigliese Aparecida Mendes. Ponta
Grossa, 2013.
112f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do
Território - Área de Concentração: Gestão
do Território), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientadora: Profª Drª Cicilian Luiza
Löwen Sahr.

1.Arquitetura modernista.
2.Glocalização. 3.Espaço de morar. I.Löwen
Sahr, Cicilian Luiza. II. Universidade
Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
Gestão do Território. III. T.

CDD: 720.981.62

TERMO DE APROVAÇÃO

Gigliese Aparecida Mendes

“O ESPAÇO DE MORAR E A ARQUITETURA MODERNISTA: REFLEXÕES A PARTIR DE IRATI-PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Orientador: Prof.ª. Dra. Cicilian Luiza Löwen Sahr
UEPG


Prof. Dr. Renato Leão Rego
UEM


Prof.ª. Ana Luiza Ruschel Nunes
UEPG

Ponta Grossa, 22 de maio de 2013.

Dedico aos meus pais, Carlinhos e Marina.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois não realizamos nada sem que esteja em Seus planos.

À professora Dra. Cícilian Luiza Löwen Sahr, por despertar meu interesse pela arquitetura modernista, apaziguar meus medos e aceitar minhas limitações.

Aos professores membros da minha Banca de Qualificação, Dra Ana Luiza Ruschel Nunes e Karla Rosário Brumes, pelas sugestões estruturais para a Dissertação.

Aos professores membros da minha Banca de Defesa, Dr. Renato Leão Rego e Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes, pela possibilidade de aprofundamento em detalhes importantes no trabalho.

À minha família, pelo incentivo da busca dos meus sonhos.

Ao Gelson Menon, pelo companheirismo, transformando os meus sonhos em nossos sonhos enquanto estive ao meu lado.

À minha amiga e quase irmã Cristiane Pereira, que sempre estive ao meu lado, me incentivando em todos os momentos.

Ao meu chefe e amigo Edson Santos Silva, pelo apoio incontestável.

Ao Will Chaves, pela paciência em me auxiliar quando as palavras sumiam durante a escrita do trabalho.

À equipe da Divisão de Extensão Comunitária - DIEX/I, pelo apoio e compreensão dos momentos em que estive ausente.

Cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.

(Italo Calvino)

RESUMO

A arquitetura modernista mostra-se bastante presente na paisagem urbana de Irati – PR. Tal movimento chegou à cidade a partir da década de 1950, ou seja, com um certo atraso temporal, tendo em vista que estava em alta na década de 1920 nos grandes centros urbanos. O eixo condutor da pesquisa é a dialética existente entre as escalas global e local, na tentativa de mostrar de que maneira um movimento globalizado exerce influência local, mesclando-se à vida dos indivíduos e estabelecendo uma cultura ‘glocal’. O foco da pesquisa é o ‘espaço de morar’ modernista, onde analisa-se doze residências unifamiliares, construídas entre as décadas de 1950 a 1970, projetadas por Eduardo Posfaldo, profissional local que detinha forte influência corbusierana. Nestas são observados elementos arquitetônicos característicos do modernismo, como os *pans de verre*, platibandas e *pilotis*. A ‘máquina de morar’, tão debatida durante o movimento modernista, tem seu espaço ligado à praticidade, de forma que a beleza das fachadas se alia à funcionalidade dos cômodos internos. A partir da análise destas habitações, constata-se que estas seguem um padrão na distribuição dos espaços internos, privilegiando-se os espaços íntimos seguidos dos espaços sociais. Além disso, são encontradas singularidades na arquitetura modernista de Irati - PR, como a utilização da madeira em detalhes nas fachadas e a presença de 'espaço profissional' integrado, em alguns casos.

Palavras-chave: Arquitetura modernista; glocalização; espaço de morar;

ABSTRACT

The modernist architecture is strongly presented in the urban scenery of Irati-PR. Such movement arrived to this town from 1950`s, what indicates a certain temporal delay, considering that this movement was booming in 1920`s in large urban centers. The base of this research is the dialectic relationship between local and global scales, in order to show the ways that a globalized movement wields local influence, mixing to individuals` life and establishing a `glocal` culture. The focus of this research is the modernist `living space` in which are analyzed twelve single-family residences built from 1950`s to 1970`s, that was projected by Eduardo Posfaldo, a local professional that strongly presented lecorbusioan influence. In these are observed modernist architectonic elements, such as pans de verre, platibands and pilotis. The “living machine”, that was largely discussed in the modernist movement, has its space linked to practicality, and the beauty of its frontages is allied to the functionality of the interior rooms. Based on the analysis of these habitations, it is possible to establish that they follow a pattern in the distribution of the intern spaces, privileging the private spaces followed by the social ones. Furthermore, it was found singularities in the modernist architecture of Irati-Pr, such as the use of wood in frontage details, and the presence of integrated “professional spaces” in some cases.

Keywords: Modernist architecture, glocalization, living space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Le Corbusier, Niemeyer e Posfaldo: Protagonistas da Arquitetura Modernista ...	23
Figura 02 – Residência ‘La Ville Savoye’ – Poissy/França	27
Figura 03 – Prédio do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro.....	28
Figura 04 - Construções Modernistas de Niemeyer em Brasília.....	30
Figura 05 - Projeto original da planta da residência Família Pavia - 1958	51
Figura 06 - Projeto original da planta baixa da residência Família Pavia - 1958	52
Figura 07 - Estação Ferroviária – 1950	58
Figura 08 - Praça Etelvina Andrade Gomes – 1950	63
Figura 09 – Localização do Município de Irati	64
Figura 10 – Construções não residenciais Posfaldianas	68
Figura 11 – Localização de residências posfaldianas modernistas das décadas de 1950 a 1970 – Irati/PR.....	69
Figura 12 - Residência em estilo modernista projetada para a família Zacarias - Irati/Pr	71
Figura 13 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Zanetti - Irati/Pr	72
Figura 14 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Grechinski - Irati/Pr ..	73
Figura 15 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Pavia - Irati/Pr	74
Figura 16 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Panka - Irati/Pr	76
Figura 17 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Duszczak - Irati/Pr	77
Figura 18 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Klososki - Irati/Pr	78
Figura 19 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Andreassa - Irati/Pr ...	79
Figura 20 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Dziecinny - Irati/Pr....	81
Figura 21 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Stroparo - Irati/Pr	82
Figura 22 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Zainko - Irati/Pr	83
Figura 23a - Residência em estilo modernista projetada para a Família Elias - Irati/Pr	84

Figura 23b - Residência em estilo modernista projetada para a Família Elias - Irati/Pr	85
Figura 24 - Projeto da planta baixa da residência Família Zanetti – 1955	89
Figura 25 - Projeto da planta baixa da residência Família Pavia – 1958.....	89
Figura 26 - Projeto da planta baixa da residência Família Grechinski – 1958.....	90
Figura 27 - Projeto da planta baixa da residência Família Zacarias – 1953.....	91
Figura 28 - Projeto da planta baixa da residência Família Duszcak – 1961	94
Figura 29 - Projeto da planta baixa da residência Família Klososki – 1962	95
Figura 30 - Projeto da planta baixa da residência Família Panka – 1960.....	96
Figura 31 - Projeto da planta baixa da residência Família Andreassa– 1963.....	96
Figura 32 - Projeto da planta baixa da residência Família Zainko – 1975	98
Figura 33 - Projeto da planta baixa da residência Família Stroparo – 1973.....	99
Figura 34 - Projeto da planta baixa da residência Família Dziecinny – 1972.....	101
Figura 35 - Projeto da planta baixa da residência Família Elias – 1978	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Evolução dos ‘Espaços de Morar’ no Brasil	41
Quadro 02 – Características Modernistas utilizados nos ‘Espaços de Morar’	44
Quadro 03 – Elementos Modernistas utilizados nos ‘Espaços de Morar’	46
Quadro 04 – Quadro Conceitual utilizado para a análise dos ‘espaços de morar’ posfaldianos de Irati – PR	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Área dos bairros, número de residências e população média em Irati	66
Tabela 02 – Evolução da população urbana e rural em Irati de 1950 a 2010	67
Tabela 03 – Residências modernistas de Irati, segundo a família original, o ano de construção, a área construída, a área do lote e a taxa de ocupação – Projetos de Posfaldo da década de 1950 - Irati/Pr	75
Tabela 04 – Residências modernistas de Irati, segundo a família original, o ano de construção, a área construída, a área do lote e a taxa de ocupação – Projetos de Posfaldo da década de 1960 – Irati/Pr	80
Tabela 05 – Residências modernistas de Irati, segundo a família original, o ano de construção, a área construída, a área do lote e a taxa de ocupação – Projetos de Posfaldo da década de 1970 – Irati/Pr	85
Tabela 06 – 'Espaços de morar' das residências modernistas, segundo o uso – Projetos de Posfaldo da década de 1950 – Irati/Pr	88
Tabela 07 – Quantidade e tipologia dos cômodos das residências modernistas, segundo os espaços de morar – Projetos de Posfaldo da década de 1950 – Irati/Pr	92
Tabela 08 – 'Espaços de morar' das residências modernistas, segundo o uso – Projetos de Posfaldo da década de 1960 – Irati/Pr	94
Tabela 09 – Quantidade e tipologia dos cômodos das residências modernistas, segundo os espaços de morar – Projetos de Posfaldo da década de 1960 – Irati/Pr	97
Tabela 10 – 'Espaços de morar' das residências modernistas, segundo o uso – Projetos de Posfaldo da década de 1970 – Irati/Pr	100
Tabela 11 – Quantidade e tipologia dos cômodos das residências modernistas, segundo os espaços de morar – Projetos de Posfaldo da década de 1970 – Irati/Pr.....	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - O GLOBAL NO LOCAL: REFLEXÕES A PARTIR ARQUITETURA MODERNISTA	17
1.1. Diferenciação e/ou integração cultural: A “glocalização”	17
1.2. A Complexidade Escalar da Arquitetura Modernista: Os protagonistas	23
CAPÍTULO 2 - ESPAÇO DE MORAR: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	36
2.1. Construindo o conceito ‘espaço de morar’	37
2.2. Metodologia: A apreensão da realidade	48
CAPÍTULO 3 - O ESPAÇO DE MORAR POSFALDIANO: UMA LEITURA DA ARQUITETURA MODERNISTA EM IRATI	55
3.1. A modernização no espaço: estrutura e processo	56
3.2. As residências modernistas: mudanças na forma e função	70
3.3. O espaço modernista de morar: conteúdo social e diferenciação funcional	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	107
ANEXO – ROTEIRO DAS PESQUISAS DE DADOS	112

INTRODUÇÃO

Irati, cidade situada no centro-sul do Paraná, presencia um desenvolvimento significativo em sua configuração urbana a partir da década de 1950. Nesta fase, o movimento da arquitetura modernista estava em seu auge no contexto brasileiro, mostrando-se presente em várias regiões do país, primeiramente nas grandes cidades e, gradativamente, também nas cidades de médio e pequeno porte. É nesta fase, entre 1950 e 1970, que a cidade de Irati vivencia mudanças nos estilos de construir, surgindo os primeiros projetos residenciais modernistas, os quais acarretaram uma intensa transformação nos 'espaços de morar'¹.

A partir da segunda metade do século XX, a cidade passou a comandar o espaço produtivo, se sobressaindo ao campo. Com a expansão do núcleo urbano de Irati, surge a necessidade da formulação de um planejamento urbano. Este busca, desde o princípio, conferir ao cenário urbano, um caráter funcional, modernizando sua infra-estrutura de modo a conjugar o embelezamento de seus ambientes. A população também modifica seus hábitos, passando a exigir a ampliação da capacidade e qualidade de serviços públicos como pavimentação, meios de comunicação e transporte.

A arquitetura, parte integrante da paisagem urbana, também sofre mudanças nesse contexto, tendo em vista ser resultado das relações entre o homem e o meio ambiente. Esta dinâmica é acompanhada de modificações de usos do espaço interno e externo das moradias. Edificações que possuíam influência europeia, aos poucos vão dando lugar a edificações modernistas, com seus *pans de verres* e *pilotis*², as quais aliam forma/função e arte/técnica.

Tais edificações modernistas buscam ser funcionais, como verdadeiras “máquinas de morar”, conforme aponta Le Corbusier, referência central do Movimento Modernista mundial. Se reforça a ideia de que casa é “uma máquina destinada a dar-nos uma ajuda eficaz para a rapidez e a exatidão no trabalho, uma máquina diligente e atenta para satisfazer as exigências do corpo: comodidade” (REGO, 1999, p. 35). Assim, ao mesclarem elementos e técnicas mundiais às peculiaridades locais, instaura-se uma identidade visual singular em Irati.

Sendo assim, a problemática da pesquisa tem como eixo condutor a análise de como se estabeleceu o movimento da arquitetura modernista na cidade de Irati entre as décadas de

¹No item “2.1 Construindo o conceito ‘espaço de morar’” esta expressão é discutida e aprofundada.

²No Quadro 02 “Elementos Modernistas utilizados nos ‘Espaços de Morar’” se descreve os elementos modernistas frequentemente utilizados nas edificações modernistas aqui analisadas.

1950 a 1970, bem como, o que isso implicou na sua estrutura urbana. Utilizando-se da dialética existente entre as escalas global e local, busca-se evidenciar - através da arquitetura - de que maneira um movimento globalizado exerce influência direta em um local, se mesclando às histórias de vida dos indivíduos e dando origem a uma cultura ‘glocal’.

Desta forma, o objetivo central desta dissertação é analisar o processo de ‘glocalização’ (ROBERTSON, 2000) dos ‘espaços de morar’ iratienses. A análise se restringe ao período auge do movimento modernista na cidade, ou seja, as décadas de 1950, 1960 e 1970, enfatizando os aspectos espaciais internos das moradias modernistas e suas diferentes funções relacionadas ao morar. Busca-se, portanto: a) analisar a complexidade escalar do movimento modernista com relação aos ‘espaços de morar’; b) avaliar a arquitetura modernista local com relação ao ideário modernista global e nacional, detectando as singularidades iratienses; e c) contextualizar o espaço de moradia local de influência modernista quanto ao seu conteúdo técnico, cultural, econômico e social.

Inicialmente, no Capítulo I, de cunho teórico, faz-se a análise das diferentes ideias relacionadas à correlação entre o local e o global. Aponta-se o processo de homogeneização cultural relacionado à influência global e o processo de diferenciação local relacionado às particularidades, e ainda, o resultado da junção destas duas esferas – o ‘glocal’. Neste mesmo Capítulo, aborda-se a complexidade escalar do Movimento Modernista e seus protagonistas em que Le Corbusier é considerado o representante deste movimento na esfera mundial; Oscar Niemeyer na escala nacional brasileira e Eduardo Posfaldo no local, ou seja, na cidade de Irati.

No Capítulo II, realizado também através de pesquisa bibliográfica, analisa-se o conceito de ‘espaço de morar’ através de aspectos teóricos-metodológicos. Em um primeiro momento há a construção do conceito enquanto reduto da família e espelho da sociedade que o gerou, analisando sua origem e sua evolução e diferenciação. Tal discussão conceitual objetiva apontar fatores para a compreensão da realidade dos ‘espaços de morar’ modernistas de Irati – PR entre as décadas de 1950 e 1970.

Em um segundo momento do Capítulo são apontados os caminhos metodológicos utilizados para tal análise:

- a) No aspecto técnico, utilizou-se como base a autora Migliorini (2008), a qual evidencia os principais elementos modernistas presentes nas fachadas das edificações analisadas.

- b) Tendo em vista que o foco de análise é a arquitetura, foram utilizadas técnicas de leitura das edificações, pautando-se principalmente na metodologia empregada por Zevi (1996) em sua obra intitulada *Saber Ver a Arquitetura*. O autor declara que o espaço interior é o que dá sentido à arquitetura, salientando três aspectos de análise: o econômico-social, o técnico e o espacial. Optou-se aqui por priorizar a interpretação espacial, pois se entende que esta não se trata de uma visão específica, mas sim de uma visão que engloba todas as demais.
- c) Ainda, considerando-se que o 'interior' é o protagonista da arquitetura, o espaço arquitetônico foi analisado enquanto 'espaço de morar'. Dessa forma, o aspecto espacial busca respaldo na metodologia elaborada por Veríssimo e Bittar (1999). Nesse sentido, capta-se a integração entre homem e casa, entendendo que esta passa de um conjunto de volumes, planos, linhas retas e curvas, a um espaço a ser vivido pelo homem, adquirindo valores humanos.

O Capítulo III trata do estudo de caso proposto inicialmente de caráter quanti-qualitativo: o 'espaço de morar' posfaldiano em Irati entre as décadas de 1950 a 1970. Para que tal análise fosse realizada, foram reunidas doze plantas de residências unifamiliares desenhadas por Eduardo Posfaldo, profissional local, detentor de forte influência modernista e responsável pela criação da maioria das residências modernistas de Irati. Tais plantas fazem parte do acervo do Departamento de Controle Interno de Documentos da Prefeitura Municipal da cidade. Os exemplos de edificações se localizam no centro da cidade, sendo estes convencionados³ como de médio porte, ou seja, com metragem quadrada inferior a 220, e de grande porte, ou seja, com metragem quadrada superior a 350.

O Capítulo foi dividido em três partes. Nesta estruturação utilizou-se quatro conceitos básicos empregados por Santos (2009) - processo, forma, função e estrutura - para a compreensão da produção do espaço modernista em Irati. A primeira analisa o espaço urbano modernista enquanto estrutura e processo. Antes mesmo de analisar as transformações ocorridas no espaço urbano no período proposto, faz-se uma breve explanação acerca do espaço como sendo um produto social em permanente transformação e a sociedade que nele vive, não operando de forma separada. Ainda é feito um histórico político-econômico cidade, abarcando as principais transformações no espaço urbano desde o surgimento da cidade, perpassando o período de 1950 a 1970, até a atualidade.

³ Tal convenção foi utilizada tomando-se por base as características habitacionais gerais da cidade de Irati.

A segunda parte analisa as dinâmicas temporais das residências modernistas posfaldianas em sua forma e função. Aqui, analisam-se as doze residências posfaldianas pertencentes às décadas de 1950, 1960 e 1970, salientando-se suas características externas, como os elementos modernistas presentes em suas fachadas, as transformações em suas formas e funções e seu posicionamento no lote.

A última, por sua vez, analisa o ‘Espaço de Morar’ enquanto conteúdo social e diferenciação funcional. São analisadas as doze residências posfaldianas pertencentes à diferentes décadas, buscando captar a integração entre homem e casa. Neste sentido, fez-se necessário abordar as famílias proprietárias que as construíram e os vários espaços internos que constituem as residências modernistas.

O acervo para análise deste capítulo foi constituído das edificações modernistas, com imagens externas, denotando os elementos modernistas nas fachadas. Os aspectos internos foram trabalhados a partir dos projetos arquitetônicos. Soma-se a este, a realização pesquisas de dados, direcionadas aos proprietários das residências selecionadas, a esposa de Posfaldo e alguns habitantes da cidade que conheciam os proprietários que já não moram na cidade ou são falecidos. Estas foram necessárias para que se pudesse compreender o motivo da aceitação do estilo arquitetônico que estava em voga, bem como, as transformações culturais evidenciadas a partir desse novo espaço de moradia.

CAPÍTULO 1 - O GLOBAL NO LOCAL: REFLEXÕES A PARTIR DA ARQUITETURA MODERNISTA

Ao contrário do que muitos estudiosos afirmam, a globalidade, ou como é costumeiramente chamada, a globalização, não é um processo recente. A globalidade, nada mais é que a modernidade em escala global. Robertson (2000), em sua obra *Globalização. Teoria Social e Cultura Global*, defende que o processo de globalização é tão antigo quanto a emergência das chamadas religiões mundiais, datando aproximadamente dois mil anos. O fato é que o termo foi debatido longamente em discussões acerca da modernização e da pós-décadas seguintes.

Neste capítulo, considerando-se como Robertson (2000) que a globalização não é um processo recente, procura-se analisar e contrapor as diferentes idéias relacionadas à correlação entre o local e o global. Aponta-se, de um lado, o processo de homogeneização cultural relacionado a influencia global, e de outro, o processo de diferenciação local relacionado às particularidades, e sobretudo, o entrelaçamento existente entre estas duas esferas – o ‘glocal’ (HAESBAERT, 2007, p. 347). Ainda, aborda-se a complexidade escalar do Movimento Modernista na arquitetura e seus principais protagonistas. Le Corbusier se destaca como o grande representante deste movimento na esfera mundial, Oscar Niemeyer difunde tais idéias na escala nacional brasileira e Eduardo Posfaldo torna-se seu representante na cidade de Irati.

Através da análise do entrelaçamento entre as escalas de manifestação da arquitetura modernista e também através das contribuições teóricas selecionadas, busca-se avançar tanto nas reflexões acadêmicas com relação ao ‘glocal’, quanto apreender a manifestação destas articulações no espaço urbano de Irati.

1.1. Diferenciação e/ou integração cultural: A “glocalização”

A leitura que Santos (2009) faz acerca da globalização e da dialética existente entre a escala global e local não pode ser esquecida. O autor ao citar o filósofo Serres⁴ “Nossa relação com o mundo mudou. Antes, era local-local; agora é local-global” (apud SANTOS, 2009, p. 313), mostra que o mesmo foi bem sucedido no argumento ao pensar na globalização como

⁴ SERRES, Michel. Entrevista a Bernardo Carvalho. Folha de São Paulo, 21 de abril de 1990.

um processo que organiza uma nova relação com o mundo, marcada pela fluidez, pela velocidade da informação e das inovações.

Nesta conjuntura, segundo Santos (2009), cada lugar é o mundo e todos os lugares são virtualmente mundiais. Ao passo que os mais distantes pontos do globo terrestre se aproximam através de um processo massificador, cada lugar torna-se diferente dos demais. A localidade se opõe à globalidade, mas ao mesmo tempo se confunde com ela. Assim, globalidade e individualidade andam juntas. Nesse sentido, o autor confirma:

Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade (SANTOS, 2009, p. 314).

Ao se pensar a globalização a partir da cultura, como faz Warnier, pode-se “observar a circulação dos fluxos culturais a nível mundial ou como eles são recebidos a nível local” (2000, p. 143). A partir de um ponto de vista local, como é a proposta da presente pesquisa, é possível se analisar a recepção localizada da cultura. A emissão da cultura globalizada, segundo o autor, é muito mais complexa.

Desta forma, em um primeiro olhar, a escala local aparentemente perde seu espaço diante do contexto global, todavia, “O espaço somente se concretiza através das práticas sociais nos lugares, é a sua diversidade que proporciona a articulação entre as determinações globais e as narrativas locais” (ROCHA e MONASTIRSKY, 2008, p. 146). Assim os fluxos culturais, como é o caso do ideário da arquitetura modernista, atingem diferentemente as escalas locais em função de suas características específicas.

Hall (2006, p. 67) considera o termo 'globalização' como o processo que “atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. Nesse sentido, ela vai explicar sobre o deslocamento das identidades culturais nacionais, declarando que do processo de globalização resultam características temporais e espaciais, como a compressão de distâncias e de escalas temporais (p. 68).

Assim, uma das características primordiais da globalização, a compressão espaço-tempo, acelera os processos globais, proporcionando a sensação de que o mundo ficou menor, as distâncias mais curtas e os eventos ocorridos em um determinado lugar têm um impacto

imediatamente sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância física (HALL, 2006, p. 69). Nesse sentido, assiste-se a uma intensificação no processo de redução no tempo de circulação de fluxos culturais entre seus espaços de emissão e seus espaços de recepção, ou seja, entre a escala global e a escala local.

Nesta mesma linha de pensamento, Giddens define a globalização como sendo a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo há muitas milhas de distância e vice-versa” (2005, p. 61). Todavia, o que se observa são comportamentos não homogêneos, ou seja, as localidades não recebem todas da mesma forma e ao mesmo tempo os fluxos culturais emitidos. Além da diversificação na forma de recepção dos fluxos, há também um deslocamento temporal diferenciado nesta recepção.

Santos (2009) ao explicar sobre a ordem universal e a ordem local, declara que no plano global, as ações constituem normas de uso dos sistemas localizados de objetos, e no plano local, o território acaba sendo a norma para que se efetivem as ações. Segundo o autor:

A partir dessas duas ordens, se constituem paralelamente, uma razão global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. É nesse sentido que o lugar defronta o Mundo, mas, também, o confronta, graças à sua própria ordem (SANTOS, 2009, p. 332)

Seguindo tal linha de pensamento, pode-se dizer que a ordem global tenta impor uma racionalidade a todos os lugares, no entanto, estes respondem segundo o funcionamento da sua própria racionalidade. É por esta razão que o local acaba sendo algo com um significado mais rico que a própria lógica global. Enquanto esta é regida por uma lei única, o local associa seu funcionamento à interação de pessoas e objetos, associados ao território em que se encontram.

Continuando suas reflexões, o autor aponta que:

A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. [...] A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação, e a socialização com base na contiguidade” (SANTOS, 2009, p. 339).

Desta maneira, o centro e a sede de ações são separados. Nas ‘escalas superiores ou externas’ o espaço é desterritorializado, já na ‘escala do cotidiano’ o espaço é reterritorializado, reunindo numa lógica só todos os elementos: homens, instituições,

empresas, formas sociais, jurídicas, culturais e geográficas. Assim, o espaço local, marcado pelo cotidiano e pelo localmente vivido, é mais denso e marcado pela comunicação.

No entanto, mesmo sendo geneticamente opostas, ou seja, a realidade global marcada por uma razão organizacional e pela informação e a local marcada por uma razão orgânica e pela comunicação, ao analisar uma destas, encontram-se aspectos de uma na outra intrínsecos em suas lógicas. Santos (2009) reitera, assim, que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2009, p. 339).

Em meio a esta discussão onde global e local se combinam, não sendo possível reconhecer um processo totalmente separado do outro, é importante focar o olhar na discussão existente na Geografia contemporânea, onde há a valorização do regional. Tal discussão está articulada em uma análise centrada na ação dos sujeitos que produzem o espaço e na interação que estes estabelecem. Neste viés, dá-se importância ao discurso da “hibridização” do mundo, da complexidade, das microfísicas, da relação entre conexão e fragmentação. Teoricamente falando, são leituras que “veem um mundo muito mais híbrido, complexo, multifacetado, contraditoriamente ao mesmo tempo mais fragmentado e mais conectado” (HAESBAERT, 2010, p. 59-60).

Giddens (2003) aponta esses contextos espaciais particulares – região como são denominados - como circunstâncias contingentes nas quais as pessoas são moldadas e atuam como agentes dentro de estruturas que organizam a vida. Para o autor, a região é constituída de diversos espaços-tempos existentes no cotidiano. Dessa forma, a regionalização significa “o movimento de trajetórias de vida através de cenários de interação que apresentam diversas formas de demarcação espacial [...] referente ao zoneamento do tempo-espaço em relação às práticas sociais rotinizadas” (GIDDENS, 2003, p. 136).

Nessa nova abordagem acerca da região e seus processos, esta não é mais vista como um ‘fato’ – concreto -, um ‘artifício’ – teórico - ou um instrumento de ação, mas como um ‘artefato’, rompendo com a dualidade realista e idealista, sendo uma construção ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica e material-funcional (HAESBAERT, 2010). O regional, ao ser visto como ‘artefato’, é criação e, ao mesmo tempo, construção já produzida e articulada.

Diante da complexidade existente no processo chamado globalização, ocorre uma imbricada e múltipla articulação escalar, em que global, nacional/regional e regional/local se confundem. Aqui surgem propostas contemporâneas para explicar tal processo e a do neologismo “glocal” ou “glocalização” estariam entre as melhores para responder tal

dificuldade. Nesse sentido, utiliza-se o autor Robertson (2000) para explicitar essa sobreposição escalar.

Robertson (2000), ao debater sobre a questão do universalismo-particularismo, afirma que o universalismo não pode ser visto como algo relacionado a princípios aplicados a todos, e o particularismo se referindo apenas ao que é 'local'. “Os dois se entrelaçaram como parte de um nexo global” (p.144). O autor relata que ambos se uniram, dando origem à particularização do universalismo, o qual envolve a idéia do universal com concretude global-humana e a universalização do particularismo, em que não existe limite para a particularidade, a singularidade e a diferença. Assim, segundo ele, a globalização acaba sendo constituída “de processos interpenetrantes de socialização, individualização, consolidação do sistema internacional de sociedades e ainda como a concretização do senso de humanidade” (p. 147).

O autor, ao explanar sobre globalidade, globalização e internacionalização da cultura, explica que as culturas de determinadas sociedades são o resultado de interações com outras sociedades no âmbito global, ou seja, “as culturas societárias e nacionais foram diferentemente formadas pela interpenetração com outras culturas significantes. Pela mesma razão a cultura global é, em si, parcialmente criada conforme as interações específicas entre as sociedades nacionais” (ROBERTSON, 2000, p. 159). Nesse sentido, a cultura global tem o mesmo grau de importância que a cultura nacional-societária ou local.

Robertson (2000) ainda complementa, apontando que ao contrário do que se supõe, quando se fala que a globalização é um processo que se sobrepõe à localidade, negligencia-se que aquilo que é chamado de ‘local’ acaba por ser construído em bases translocais ou extralocais. Em outras palavras:

a promoção da localidade é, na verdade, feita de cima ou de fora. Muito do que se pensa ser local é, na verdade, o local expresso em termos de conceitos gerais de localidade. Mesmo nos locais onde existe conceito aparentemente concreto em andamento [...] existe [...] um fator translocal em andamento (ROBERTSON, 2000, p. 248).

Com relação à discussão existente em torno da 'homogeneização cultural', fica claro que, ao invés do pensamento global substituir as culturas locais, há uma articulação entre o global e o local. Segundo Haesbaert (2007), o termo 'glocalização' ultrapassa o contexto em que situações locais sofrem interferência do global. Para ele:

Nem simplesmente uma justa ou sobreposição de territorialidades em escalas distintas (o global e o local), nem uma imposição unilateral de eventos que ocorrem em uma escala sobre os de outra (o global *sobre* o local), a glocalização, [...] indica

uma combinação de elementos numa nova dinâmica onde eles não podem mais ser reconhecidos estritamente nem como globais, nem como locais, mas sim como um amálgama qualitativamente distinto – global e local *combinados, ao mesmo tempo*, como um novo processo (HAESBAERT, 2007, p. 347)

Seguindo tal análise, a globalização e a localização acabam por produzir espaços híbridos, sítios 'glocais', em que diferenciação e integração são simultâneas. Assim, o local e o global, deixam de ser entidades fixas, sendo produzidas de forma constante e nunca completas. Dessa forma, deixa-se de lado a distinção entre as formas globais e locais e enfatizam-se as suas combinações variadas. O 'global' acaba sendo visto como o “resultado da globalização de condições que previamente eram tidas como “locais” ou “regionais” (HAESBAERT, 2007, p. 347).

Robertson (2000) define o termo “glocal” como “um olhar global adaptado às condições locais” (p. 251). Revela ainda o falso antagonismo entre as duas escalas “o global não é em si e por si contraposto ao local. Ao contrário, aquilo que geralmente se entende por local está geralmente no contexto do global” (p. 260). Pode-se dizer, assim, que a globalização, nada mais é, que a conexão das diferentes localidades. O autor ainda ressalta que não faz sentido definir o global de modo a excluir o local. Para ele, é preciso superar a ideia de que “... o global excede todas as localidades, como se aquele tivesse propriedades sistêmicas que superassem os atributos das unidades dentro do sistema global” (ROBERTSON, 2000, p. 259).

Lançar a ideia de globalização em tensão com a ideia de glocalização é algo ultrapassado. Segundo Robertson (2000), o fenômeno da globalização envolve a criação e incorporação de localidade, processo que acaba por delinear a compressão do mundo como um todo. Ele ainda reitera que em muitos dos casos em que se utiliza o termo ‘globalização’, deveria-se substituí-lo por ‘glocalização’, por este “ter a vantagem definitiva de valorizar a preocupação com o espaço no mesmo grau de importância do foco nas questões temporais” (ROBERTSON, 2000, p. 267).

É neste viés, onde global e local se combinam, dando origem a uma realidade ‘glocal’, que será analisado o movimento do ideário moderno, principalmente ao que concerne à arquitetura modernista e seus protagonistas. Para fins de contextualização, entretanto, optou-se pela análise da manifestação do fenômeno em três dimensões, a mundial, a nacional e a intraurbana.

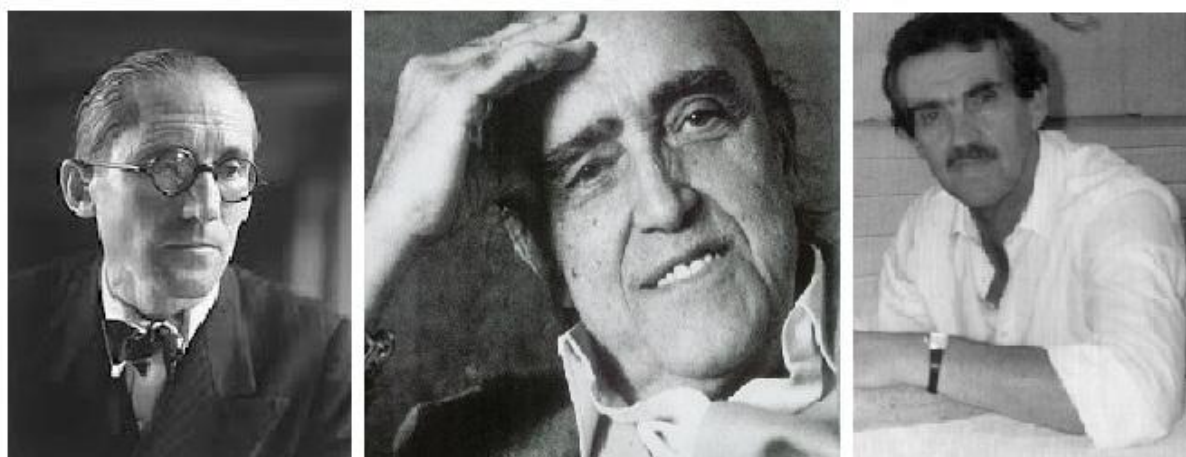
1.2. A complexidade escalar na Arquitetura Modernista: Os protagonistas

No início do século XX surge um movimento que confronta as premissas que eram utilizadas na arquitetura até aquele momento. Em contraste à arquitetura pomposa dos séculos anteriores, nasce uma arquitetura racional, que une técnica e arte. Benevolo (2009, p. 618), ao falar da arquitetura modernista diz que esta “faz desaparecer a diversidade entre o método objetivo do trabalho científico e o método subjetivo do trabalho artístico”. Ainda, “a arte e a técnica são indivisíveis, e a invenção plástica pura anda sempre de acordo com as exigências

práticas, porque ambas são questões de equilíbrio” (p. 618).

Diversos protagonistas da chamada “arquitetura racional” a difundiram nas mais diversas escalas. Le Corbusier se destaca como o grande representante deste movimento na esfera mundial, enquanto que Oscar Niemeyer difunde tais idéias na escala nacional brasileira e Eduardo Posfaldo torna-se seu representante na cidade de Irati (Figura 01). Retrata-se a seguir, o contexto em que estes atores protagonizaram o ideário modernista.

Figura 01 - Le Corbusier, Niemeyer e Posfaldo: Protagonistas da Arquitetura Modernista



Fontes: <http://pt.wikipedia.org>; Acervo de Angela Kosloski
Org.: Mendes, 2013

a) Le Corbusier e o ideário modernista

Charles-Edouard Jeanneret (1887-1965), conhecido mundialmente como Le Corbusier, nasceu na Suíça e desenvolveu sua carreira na França. Após se formar na Escola de Belas Artes em sua cidade Natal, La Chaux-de-Fonds, ele entrou em contato com profissionais renomados da época como Josef Hoffman, de Viena; Tony Garnier, de Lyon; Auguste Perret, Paris; Peter Behrens, de Berlim, além de outros (CAVALCANTI, 1997, p. 288).

Le Corbusier é considerado como um dos fundadores do CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna e autor da Carta de Atenas, documento resultante do 4º Congresso do CIAM, realizado em Atenas, na Grécia, em 1933. No documento (LE CORBUSIER, 1933) constam regras básicas do urbanismo funcionalista do século XX, onde é longamente debatido as quatro funções básicas da cidade, que são apresentadas resumidamente a seguir:

‘Habitar’ - Quanto a essa função, prega que as construções devem ser arejadas, iluminadas pelo sol, rodeadas de áreas verdes, distantes dos cruzamentos de grande densidade. É indispensável também o zoneamento, no qual a densidade populacional deve levar em conta a natureza do terreno.

‘Trabalhar’ - Ao que diz respeito a essa função, defende que os setores industriais devam ser independentes dos setores habitacionais, separados por uma zona de vegetação. Além disso, a cidade industrial deve ser ligada aos canais de comunicação, os quais precisam funcionar plenamente a fim de diminuir o tempo percorrido pelos trabalhadores nas vias.

‘Lazer’ - A função trata dos espaços livres diretos, ligados à habitação, e indiretos, concentrados em superfícies de uso comum. Tais espaços teriam a tarefa de proteger a saúde física e moral dos habitantes da cidade.

‘Circular’ - A função trata das vias de circulação. Ao se projetar a cidade, tais vias devem ser independentes umas das outras conforme sua natureza: vias para pedestres, para automóveis, para veículos de cargas pesadas e automóveis de uso coletivo.

No mesmo documento, Le Corbusier afirma que a paisagem deve exercer domínio sobre a cidade construída e, ao construir, o arquiteto deve levar em consideração o clima, o arejamento e a luminosidade.

Le Corbusier, representante do funcionalismo, uma das tendências da arquitetura modernista, via a casa como uma ‘máquina de morar’, que deve seguir a “lógica e precisão,

verdadeiramente mecânicas, na ordenação e divisão do espaço arquitetônico” (CAVALCANTI, 1997, p.278). Segundo essa tendência, que tem com precursor Louis Sullivan, a forma deve seguir a função, na qual os elementos construtivos ou estruturais, tantos os de suporte com os de divisão de espaço, exprimam a função que desempenham.

Cavalcanti aponta que “A perfeita adequação do material e da forma à função que são chamados a desempenhar promove nova espécie de beleza grata ao espírito de lógica e de síntese da mentalidade racional da civilização industrial e da cultura tecnológica ...” (1997, p. 277). Seguindo essa ideia, o significado de beleza passa a estar ligado ao de utilidade, ou seja, o objeto é considerado belo quando sua forma for a expressão de sua função.

No funcionalismo, arquitetura e natureza não se integram, como acontece na outra tendência modernista, o organicismo. Segundo Cavalcanti, “o aproveitamento do espaço arquitetônico se faz de maneira racional rigorosa, ao ponto de o isolar completamente, sem dependência direta, do espaço natural” (1997, p. 278). O uso do *pilotis*, elemento estrutural bastante destacado pelo modernismo, frisa essa independência do espaço arquitetônico, separando-o do natural. Deste modo, “A habitação se transforma numa caixa mural, praticamente suspensa no ar. Assim, o espaço arquitetônico, reservado ao homem, está cientificamente disciplinado, sem a liberdade e espontaneidade do espaço natural” (CAVALCANTI, 1997, p. 278).

É de grande importância frisar algumas colocações de autores renomados acerca do movimento modernista na esfera global. O próprio Le Corbusier (2004), por exemplo, ao abordar a mudança no aspecto construtivo, declara o rompimento de uma linha evolutiva milenar vinda desde a antiguidade mediterrânea e perpassando toda a idade média, onde as técnicas eram constantes: pedra, tijolos e madeira. A partir de então, “deixam de sê-lo com o aço perfilado, com o vidro e o concreto armado e os métodos científicos de cálculo de resistência apoiado, tanto quanto possível, na segurança de materiais artificiais de qualidade constante: aços e ligas” (LE CORBUSIER, 2004, p. 29).

Além da mudança na concepção construtiva, Le Corbusier (2004) aponta outras: a) a separação entre funções portantes – vigas e pilares – e funções portadas – paredes e divisões internas; b) a fachada servirá apenas para separar o interior do exterior, perdendo a função de portante; c) a estrutura (fundação) independente do imóvel, dando um poder maior de circulação; d) os telhados de concreto armado e a planta livre; e e) a arquitetura é vista como uma arte plástica. Assim “o concreto armado, o ferro e o vidro encontraram, então, as bases fundamentais de sua estética” (p. 35).

Nesta mesma linha de raciocínio, Zevi (1996) indica a planta livre como a grande conquista desta nova arquitetura que passa a ser conhecida como arquitetura modernista. Com base nessa concepção, as casas deixam de ser cubículos justapostos e isso se deve à “nova técnica construtiva do aço e do concreto, que permite concentrar os elementos de resistência estática num finíssimo esqueleto estrutural” (p. 121).

A nova concepção traz modificações também no interior das habitações, pois torna possível uma maior mobilidade nas partes internas. As divisões passam a ser cada vez mais finas e podem curva-se e mover-se livremente, possibilitando a conjugação de ambientes:

Na casa média, a sala de visitas funde-se com a sala de jantar e o escritório, o vestíbulo reduz-se, em benefício da grande sala de estar, o quarto de dormir torna-se menor, os serviços especializam-se, sempre visando conceder maior amplitude a esse grande ambiente articulado onde a família vive, o living room (ZEVI, 1996, p.123).

Choay (1992), ao discutir sobre a revolução arquitetônica modernista e a introdução de novos materiais construtivos como o vidro, o aço e o cimento armado, declara que foram finalmente encontradas as soluções necessárias para construir. Faz alusão também a práticas utilizadas milenarmente como fundações maciças, muros espessos, a escassez de janelas, solos obstruídos por porões, telhados inclinados que eram inutilizáveis e a repetição de disposições iguais de andar em andar, as quais foram substituídas por “uma nova técnica: fundações localizadas, supressão dos muros de arrimo, possibilidade de dispor de toda a fachada para a iluminação, solo livre entre as estreitas estacas, telhados que constituem um solo novo para o uso dos habitantes” (p. 185).

Rego (2003), ao falar sobre o ideário modernista que Le Corbusier difundia, vai denotar a arquitetura funcionalista pura, em que os cinco princípios modernistas criados por ele – planta livre, fachada livre, janelas em fita, uso de *pilotis* e o terraço-jardim – vão aliar-se à ausência de ornamento aplicado. Além disso, entre seus princípios estéticos estavam o volume e o espaço, substituindo a massa e a solidez; a regularidade no lugar da simetria axial e a exposição de materiais, ao invés do ornamento aplicado.

Entre os profissionais que se destacam nesta nova concepção construtiva, caracterizada pela lógica e poder de síntese, além do protagonista francês Le Corbusier, pode-se elencar o estado unidense Frank Lloyd Wright e os alemães Ludwig Mies van der Rohe e Walter Gropius, aquele influenciado diretamente por Wright (MIGLIORINI, 2008, p. 60).

Le Corbusier, segundo Cavalcanti (1997), desde seus primeiros trabalhos demonstrou preocupação com a associação entre a indústria e a arquitetura, principalmente com os problemas da standardização e pré-fabricação. Além disso, defendeu e manteve a posição da junção da arquitetura e do urbanismo, pois seus trabalhos tinham os seguintes princípios “organização racional das cidades, para o melhor cumprimento de suas funções primordiais de habitação, circulação, trabalho e lazer; a racionalização da arquitetura, planta, construção e devolução do homem à natureza” (CAVALCANTI, 1997, p. 288).

Uma das obras mais notórias de Le Corbusier foi a residência ‘La Ville Savoye’, construída em Poissy/França entre 1928 e 1930. Esta obra sintetiza as suas idéias arquitetônicas, sendo: o uso de pilotis; o terraço jardim; janelas em fita; planta e fachada livres.

Figura 02 - Residência ‘La Ville Savoye’ – Poissy/França



Fonte: frivolousdisorder.com
Org.: Mendes, 2012

b) Niemeyer e o contexto brasileiro

No contexto nacional, o movimento modernista chega um pouco mais tarde, ressaltando as reflexões teóricas anteriores, nas quais se apontou que os fluxos culturais além

de atingirem diferentemente as demais escalas, muitas vezes, as atingem com retardo temporal.

Seus primeiros efeitos são percebidos levemente a partir da década de 1930 com a construção do prédio do Ministério da Educação e Saúde, MES – no Rio de Janeiro, entre 1937 e 1943. Projeto inovador, desenvolvido por seu principal protagonista - Le Corbusier, juntamente com um grupo composto por arquitetos brasileiros como Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Moreira, Reidy, entre outros (MIGLIORINI, 2008, p. 60).

Figura 03 – Prédio do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro



Fonte: coisasdaarquitetura.wordpress.com
Org.: Mendes, 2012

Segundo Segawa (2010, p. 91), o projeto do MES “evoluiu para uma solução com personalidade própria, embora com evidentes citações dos esboços e das idéias de Le Corbusier. A obra incorporava toda a sintaxe corbusierana – sobretudo os ‘cinco pontos da arquitetura nova’”. Assim, o MES representou, segundo o autor, um desafio do ponto de vista estrutural, pois o emprego de *pilotis* jamais havia sido adotado na escala de um prédio como este. Foram ainda atribuídas às lajes planas a função de vigas dispostas na horizontal, apoiadas nas paredes cegas laterais. Na busca incessante por uma solução estrutural “arquitetônica”, foi definida uma estrutura que evitava vigas, compostas por lajes de pouca espessura.

Segawa, ao analisar o prédio do Ministério da Educação e Saúde, o descreve da seguinte forma:

A implantação numa esplanada aberta e o desafogo assegurado pelos *pilotis* no nível térreo são idéias corbusierianas que vão de encontro a uma melhor ventilação do entorno do MES. A fachada norte do edifício (permanentemente castigada pelo sol) é protegida com *brise-soleils* horizontais; a fachada sul (que em nenhum momento do ano recebe sol direto) é um *pan de verre* integral – a primeira aplicação de uma fachada de vidro em escala monumental (anterior às aplicações das torres de vidro norte-americanas, do início dos anos 1950). Tal solução ensejou um sistema natural de ventilação cruzada: a diferença de temperaturas entre as duas faces do edifício é capaz de criar um deslocamento de ar no interior do prédio que, em não havendo obstáculos, atravessa transversalmente o prédio criando uma corrente natural de vento atenuadora do calor típico do Rio de Janeiro (SEGAWA, 2010, p. 91-92).

Oscar Niemeyer, nascido no Rio de Janeiro em 1907 e formado pela Escola Nacional de Belas Artes em 1934, atuou em seu primeiro trabalho em 1936, como membro da equipe que desenvolveu o projeto do MES. O arquiteto, entretanto, possui uma extensa lista de obras e é o principal representante da difusão do movimento modernista no âmbito nacional. A principal característica de suas composições é o uso do concreto armado, sendo estas marcadas pela fluidez e movimento. Em seus trabalhos é nítida a influência do arquiteto francês Le Corbusier, com a presença dos *pilotis*, da planta e fachada livres e do terraço jardim.

Em 1940 Niemeyer conheceu o então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, e foi convidado a projetar edifícios em uma área da cidade destinada à elite local. A obra ficou conhecida como ‘Pampulha’, sendo composta pelo Cassino, Casa do Baile, Iate Clube e a Igreja de São Francisco de Assis. Com tais obras, o arquiteto passa a ser conhecido internacionalmente, denotando as possibilidades do concreto armado, com o uso de formas livres, entretanto, ainda não como arquiteto modernista. A liberdade plástica pode ser notada através do uso contínuo de curvas, as quais são utilizadas principalmente na Igreja de São Francisco de Assis, dando um caráter inovador. A Casa de Baile também merece destaque no uso das marquises curvas, as quais acompanham a sinuosidade do lago, dos finíssimos *pilotis* que sustentam as lajes de concreto e dos desenhos curvos no chão.

Sobre esta obra e seu significado, Segawa (2010) declara:

Em Pampulha, Oscar Niemeyer – agora trabalhando só – produziu uma arquitetura que se afastava da sintaxe corbusieriana por uma expressão mais pessoal, decerto

amadurecida com a sua experiência nova-iorquina. A sede do iate-club (e uma casa desenhada para Juscelino Kubistchek, nas proximidades) tinha como referência a solução de cobertura da casa Errazuriz de Le Corbusier e Pierre Jeanneret (1819-1967), de 1930 (planos inclinados vertendo para uma calha central); todavia, afastando-se dessa inspiração, o cassino é uma contrastante combinação de um volume prismático regular, de rigorosa modulação estrutural – explorando a liberdade de ordenação dos espaços internos proporcionados pelos *pilotis*-, associado ao curvilíneo e translúcido corpo que abriga a pista de dança. A Casa de Baile – pequeno restaurante com pista de dança – é um edifício situado numa pequena ilha artificial, de planta baseada em dois círculos secantes da qual se desprende uma marquise sinuosa, como a acompanhar as ondulantes margens do lago. A pequena capela de São Francisco de Assis é a obra mais instigante do conjunto. Inovadora pelo inusitado emprego de uma casca parabolóide para a nave, associada a abóbadas para o abrigo das demais dependências religiosas, numa combinação de estruturas cuja resultante formal afastava-se de qualquer formulação do racionalismo do pós-guerra (SEGAWA, 2010, p. 98-99).

É na década de 1950, que Oscar Niemeyer passa a ter um vínculo mais próximo com o ideário modernista, quando fica responsável pelo projeto arquitetônico da capital nacional – Brasília – ao lado de Lucio Costa, o qual se encarregou do projeto urbanístico da cidade. Dentre os projetos arquitetônicos de Niemeyer em Brasília destacam-se prédios como o Palácio do Planalto, a Praça dos Três Poderes, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (Figura 04).

Figura 04 – Construções Modernistas de Niemeyer em Brasília



Fonte: <http://pt.wikipedia.org>
Org.: Mendes, 2013

Ao projetar os edifícios da nova capital, Niemeyer seguiu a linha da liberdade plástica e invenção arquitetural, onde criava formas novas, adicionando ao seu vocabulário plástico novos elementos arquitetônicos.

E decidi que, nos palácios de Brasília, essa seria a minha escolha, caracterizando-os pelas próprias estruturas, dentro das formas concebidas. Com isso, detalhes menores que compõem a arquitetura racionalista se diluiriam diante da presença dominante das novas estruturas. Se examinarem o Congresso de Brasília ou os palácios nela realizados verão que, terminadas suas estruturas, a arquitetura já estava presente.

E procurei especular no concreto armado, nos apoios principalmente, terminando-os em ponta, finos, finíssimos, e os palácios como que apenas tocando o chão.

(...)

E com o mesmo empenho me detive diante dos Palácios do Planalto e do Supremo na Praça dos Três Poderes. Afastando as colunas das fachadas, imaginando-me diante da planta elaborada, a passear entre elas, curioso, procurando sentir os ângulos diferentes que poderiam provocar. E isso me levou a recusar o montante simples, funcional, que o problema estrutural exigira, preferindo, conscientemente, a forma nova desenhada, rindo com o meu sócia daquele “equivoco” que a mediocridade atuante com prazer descobriria (NIEMEYER, 1999, p. 35-36).

Seus projetos monumentais em Brasília o fizeram conhecido mundialmente. Mas, em 1964, três anos após o golpe militar e ainda com a capital inacabada, Oscar Niemeyer exilou-se em Paris, o que lhe proporcionou realizar obras na Europa, Ásia e África. Assim, o que de início foi um ato de repressão, tornou-se uma nova fase na vida do arquiteto, na qual seu trabalho se expandiu para mais três continentes.

Com o fim da ditadura militar, o arquiteto retorna ao seu país, realizando uma série de obras, na maioria com caráter social. Entre estas, merece destaque o Memorial da América Latina, construído em 1987 na cidade São Paulo, significando a violência, dominação e opressão que o povo latino-americano sofreu. Desta forma, representando a América Latina ofendida e esquecida, a obra foi realizada com o intuito de aproximar os povos latino-americanos, os quais, unidos, deveriam trocar experiências e lutar contra a exploração.

Dos projetos realizados no Brasil recentemente, se pode citar o Memorial da América Latina, construído em São Paulo em 1987; o Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói e o Sambódromo de São Paulo, ambos construídos em 1991; o Museu Oscar Niemeyer, construído em Curitiba em 2002; o Complexo Cultural da República João Herculino, de Brasília em 2006, entre outros (FON, 2013).

Assim, foi a partir da construção do MES que se disseminaram os ideais modernistas e, nos anos posteriores, vários projetos auxiliaram na consolidação do movimento no país.

Aos poucos, a construção 'geometrizada', que abusa do concreto e do aço, das linhas puras e telhados planos, que não dispensa o uso dos *brise soleil*, das paredes de vidros, das janelas em fitas e dos *pilotis* ganha a simpatia dos habitantes, não só das grandes metrópoles, mas também em cidades de médio e pequeno porte, como é o caso de Irati no Paraná.

c) Posfaldo e o cenário modernista de Irati

Na década de 1950, a cidade de Irati vai presenciar várias transformações na sua estrutura urbana. Com o desenvolvimento de novas relações comerciais e financeiras decorrentes da modernização da produção agrícola, a cidade acabou por absorver o excedente de população que estava sem emprego no campo. Desta forma, se até então a cidade era o “apêndice do campo” (MENDES, 2005, p. 64), agora passa a comandar o espaço produtivo, “havendo um processo de simbiose, em que a cidade e o campo se sustentam, porém com a sobreposição daquela sobre este”.

Devido a tais transformações, que culminaram com o crescimento desordenado da cidade e o aumento da sua população, o poder público municipal de Irati vislumbrou a necessidade de formular um planejamento urbano:

Regido por intelectuais vindos de outras cidades, buscou, desde início, conferir à cidade um caráter funcional. Essa tendência urbanista trazida à Irati, a qual almejava dotar a cidade de racionalidade, tentando transformá-la em ‘ideal’, deve-se ao fato de que os engenheiros, arquitetos e urbanistas recém chegados, traziam consigo forte influência das reformas modernistas ocorridas no início do século XX em cidades brasileiras, como por exemplo no Rio de Janeiro. Da mesma forma que ocorreu na capital carioca, em Irati, a intervenção no espaço urbano visou a higienização da cidade, através da modernização de sua infra-estrutura e o embelezamento de suas áreas (MENDES, 2005, p. 64).

Entre os profissionais desta fase, merece destaque Eduardo Posfaldo, pois é através dele que os ideários modernistas chegam até Irati, embora com certo deslocamento temporal, ou seja, apenas na década de 1950. Assim, a arquitetura modernista de Irati centra-se, sobretudo, na criatividade do projetista Eduardo Posfaldo (POSFALDO, 2011). Posfaldo⁵ nasceu em Irati em 21 de setembro de 1935, onde se formou no ensino médio profissionalizante na área contábil. Trabalhou no escritório de engenharia de José Jacob Wasilewski, hoje Rua da Liberdade. Ele criava e acompanhava a execução de projetos

⁵ Todas as informações da Biografia de Posfaldo que se apresentam a seguir se baseiam em entrevista fornecida por sua esposa (POSFALDO, 2011).

arquitetônicos, mesmo sem possuir formação na área de engenharia civil ou arquitetura, havendo a necessidade de um profissional diplomado assinar suas criações.

Casou-se com Leoni Leandro Posfaldo em 1962, na cidade de Irati. Nesta época já morava em Curitiba por motivos profissionais, pois havia sido convidado a trabalhar na Construtora Marna e no Palácio Iguaçu, no departamento de Arquitetura, durante o mandato do governador Ney Braga. Esta construtora era especializada em grandes construções, especialmente igrejas. Posfaldo não trabalhava como um funcionário que cumpria horário, ele desenvolvia seus projetos em sua casa. Segundo relatos de sua esposa, tal construtora desenvolvia projetos inclusive para o Oriente Médio, dada a qualidade de seus trabalhos.

Com o passar do tempo, Posfaldo não trabalhou mais para empresas, vivendo como profissional autônomo, tendo um escritório na sua residência, situada no bairro Batel (Curitiba - Paraná). Pessoas de diversos pontos do Paraná e de Santa Catarina o procuravam para projetar, além de grandes construtoras. Suas obras estão espalhadas pela região centro-sul e centro-oeste do Paraná e pelo litoral paranaense e catarinense, como por exemplo Caiobá e praias particulares situadas ao norte da Praia de Leste no Paraná, e Camburiú em Santa Catarina. Segundo exposição de sua esposa, enquanto as obras eram realizadas, ele as visitava, a pedido dos proprietários, no sentido de verificar se tudo estava saindo conforme seu projeto.

Eduardo Posfaldo detinha um extremo talento e um amplo conhecimento na área arquitetônica, no entanto, não trabalhava com projetos hidráulicos e elétricos das construções, se detendo aos aspectos arquitetônicos. Mesmo em fases mais atuais, que já permitiam o trabalho de desenho arquitetônico com softwares, Posfaldo continuou elaborando seus projetos à mão. Para que o projeto fosse passado para o programa auto-cad, ele contratava estudantes de arquitetura. Segundo Leoni, Posfaldo sempre argumentava que “para desenhar ele apenas precisava de lápis e papel” (POSFALDO, 2011).

Posfaldo elaborava seus projetos de forma personalizada, levando em conta o histórico econômico, social e até mesmo cultural de cada cliente. Sugeriria alguns traçados das tendências que estavam em voga, mas não impunha nada. Dessa forma, cada residência possuía uma característica singular, pois se pensava na construção como algo diretamente relacionado com o indivíduo.

Ele nunca se interessou em ingressar em uma universidade, pois tinha facilidade em conseguir clientes. Muitos eram os engenheiros que iam até ele para tirar dúvidas ou solicitar algumas opiniões, dado o seu conhecimento. Não se importava em não poder assinar seus

projetos, por não ter a formação na área. O que lhe interessava era satisfazer os clientes, e não necessariamente divulgar seu nome. Nesse sentido, participava de muitos eventos, com trabalhos, mas na maioria dos casos, estes não eram assinados por ele. Pessoas solicitavam projetos direcionados a exposições, os quais ele elaborava, cobrava por eles, mas não colocava sua assinatura.

Apesar de ter origem humilde, Eduardo Posfaldo “era um homem de extremo bom gosto, tinha conhecimento de todas as coisas que eram boas, era extremamente educado, fino, sabia e conhecia de tudo, era surpreendente. Era um homem que cabia em qualquer ambiente. Era uma pessoa que se informava muito, ouvia muito” (POSFALDO, 2011). Em relação aos materiais que utilizava, era extremamente exigente: o papel tinha que ser de origem alemã, vindo de São Paulo, e o grafite também era importado. O projetista era detalhista e preocupado com a qualidade de seu trabalho. Nesse sentido, exigia muito dos estudantes de arquitetura que trabalhavam para ele.

O conhecimento de Posfaldo não vinha da academia, mas de seu dom e dos contatos que tinha com outros profissionais. Seu gosto pela arquitetura modernista provinha do contato com engenheiros e arquitetos que se inclinavam para essa tendência, pois trabalhou no Palácio do Iguaçu na época em que tal movimento estava no auge e neste local conheceu pessoas provenientes dos mais diversos lugares.

Segundo sua esposa, ele possuía em sua biblioteca particular muitas obras relacionadas aos arquitetos modernistas Le Corbusier e Oscar Niemeyer e sobre o urbanista Lúcio Costa. Sua preferência era por profissionais franceses, em especial, Le Corbusier, sabendo detectar nas construções os princípios utilizados pelo arquiteto modernista francês.

Mesmo tendo saído de Irati na década de 1960, diversos componentes da elite da cidade continuaram a procurar pelo seu trabalho. São significativos os exemplares de arquitetura modernista projetados por Posfaldo no espaço urbano de Irati entre as décadas de 1950 e 1970. Isto se deve ao estilo modernista que adotara, o qual era mesclado às singularidades locais.

Seus clientes iratienses pertenciam, na maioria, a famílias tradicionais abastadas. Tais famílias estavam sempre em busca de novidades e a arquitetura modernista era o novo estilo, sinônimo de *status* social. Investir no estilo modernista, racional, era estar aberto ao progresso e à procura de expressão de uma identidade própria.

Trabalhou até a semana que antecedeu seu falecimento. Seu último projeto foi para um médico que construiu no Batel. O mesmo foi finalizado em software por uma estudante de arquitetura que trabalhava para ele, sendo entregue aos proprietários após sua morte. Eduardo Posfaldo faleceu em julho de 2008, aos 72 anos, em Curitiba – PR, acometido de uma infecção no intestino, entretanto, está imortalizado em diversas construções, modernistas e não-modernistas, encontradas no espaço urbano de Irati.

Percebe-se, assim, que os fluxos culturais do ideário modernista, embora tenham na Europa seus espaços de emissão e tenham ocorrido a partir da década de 1930, atingem o Brasil e a cidade de Irati, ou seja, seus espaços de recepção, com certo retardo temporal. Salienta-se também, que tal ideário na dialética entre as escalas global e local sofre influências recíprocas, ou seja, ao mesmo tempo que influenciam, são influenciados. A análise do fenômeno da ‘glocalização’ modernista é aprofundada para o caso de Irati ao longo dos próximos capítulos que compõe esta dissertação.

CAPÍTULO 2 - ESPAÇO DE MORAR: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Veríssimo e Bittar (1999, p. 21), na tentativa de responderem o que uma casa significa, indagam “É um abrigo? O ninho? O repouso do guerreiro? A personalização e identificação fechada de um universo? Simplesmente a máquina de morar preconizada pelos modernistas? Um símbolo de status ou de refinamento? Uma brincadeira formalista?” Todas estas perguntas são retomadas aqui, neste capítulo, que busca ir além do significado da casa em si, avançando a discussão em termos de seu conteúdo social para o caso específico dos espaços de morar modernista, que privilegiam a forma e a função.

Desde a sua origem, o ser humano sempre procurou por um abrigo. A casa, todavia, não representa ao homem apenas um abrigo para as intempéries climáticas, mas um porto seguro para seus sonhos e um lugar onde se revela a sua intimidade. Segundo Turrossi e Odebrecht (2013, p. 01), “Morar não se restringe às circunstâncias de alojar o corpo. Uma casa quando se revela habitável é sempre um pedaço do universo, construído de singularidades onde seu morador se sente a vontade”. Embora o morar seja algo universal, o conceito de casa não. A casa, analisada pelo seu ângulo funcional, é justificada pelo alojamento de móveis, aparelhos domésticos e pertences familiares. No entanto, o morar ultrapassa a finalidade de descanso e satisfação de necessidades primárias. Assim, a casa é também o lugar onde se instalam a memória dos seus habitantes e seus costumes.

Neste capítulo há a tentativa de construção do conceito ‘espaço de morar’, no sentido de que este seja tanto o reduto da família, o seu próprio espelho, como também reflexo da sociedade a qual as famílias pertencem e são geradoras. Discorrer sobre esses ‘espaços de morar’ e sobre sua evolução na realidade brasileira, é adentrar na história das famílias ao longo dos séculos e conhecer a sua intimidade. Esta discussão conceitual visa apontar subsídios para que se possa apreender a realidade dos “espaços de morar” modernistas da cidade de Irati, construídos entre as décadas de 1950 e 1970. Assim, na segunda parte deste capítulo são apontados os caminhos metodológicos utilizados para tal apreensão.

2.1. Construindo o conceito ‘espaço de morar’

Quando se pensa no conceito de ‘espaço de morar’, logo surgem alguns questionamentos: O que é o ‘espaço de morar’? Como se formou o primeiro modelo de ‘espaço de morar’ na história brasileira? O ‘espaço de morar’ têm sofrido modificações consideráveis ao longo do tempo? E quando se pensa numa abordagem modernista do ‘espaço de morar’, novos questionamentos se impõe: Quais as características específicas desse modelo de ‘espaço de morar’; É possível se considerar um ‘espaço de morar’ como uma máquina de morar como apregoava o movimento modernista?

Segundo Perret⁶ (apud COELHO NETTO, 1997), a arquitetura é a arte de produzir e organizar o espaço, o qual se exprime através da construção. Mas afinal, o que é esse espaço e qual o seu sentido? Segundo o autor, até o século XX, o arquiteto pouco sabia sobre o espaço e como trabalha-lo. No entanto, atualmente, uma série de disciplinas colocou em destaque o termo, como também a necessidade de analisar e delimitar os diferentes sentidos de espaço.

Sendo assim, faz-se uma breve análise de uma das interfaces do espaço – o espaço de morar -, que pode também ser caracterizado como o espaço interior ou o espaço privado de uma habitação. Segundo Coelho Netto (1997), o confronto entre espaço interior e exterior e a passagem daquele para este acaba sendo a operação de manipulação do espaço mais importante desde os tempos pré-históricos. Há uma grande tendência em considerar o espaço interior como o domínio da arquitetura, mas não o ‘interior’ no sentido contrário de espaço exterior, mas conjugando os dois e obtendo destes um mesmo elemento. Sendo assim, quando se pensa em algo substancial à arquitetura, diretamente este é remetido ao interior.

O espaço de morar, todavia, é um conceito que vai mais além, embora integre o espaço interno e o espaço privado, pois ele é para o homem um refúgio, um lugar que traz a tranquilidade e remete ao primeiro abrigo humano, ao útero materno. Desde os primórdios, a arquitetura tem escolhido o interior como eixo principal de sua atuação. Coelho Netto relata:

E assim tem sido efetivamente através dos séculos: desde a concepção de uma casa egípcia (não de um templo egípcio) da XX dinastia (aprox. 1198 a.C.), passando pela casa pompeana (79 d.C.) até o período românico (séculos XI, XII) obedeceu-se a essa orientação de manipular por excelência um Espaço Interior concebido como oposição ao Exterior e com o qual se procurava uma proteção necessária – quem vê o muro liso e exterior (anônimo, agressivo) de uma casa pompeana é incapaz de

⁶ ZAHAR, M. *D'une doctrine d'architecture: August Perret*. Paris, 1959.

imaginar a tranquilidade, a intimidade (a imobilidade) interior (COELHO NETTO, 1997, p. 32).

No entanto, há uma grande discussão em torno da questão de qual espaço define efetivamente o pensamento arquitetônico. Muitos estudiosos afirmam que não há interior sem o exterior e que a fachada, que em um primeiro momento parece ser um elemento exterior da casa, é um elemento inerente a ela, sendo considerada interna também. Dessa forma, somente elementos afastados da edificação são reconhecidos como externos: ruas, praças e demais espaços coletivos. É neste viés que esta pesquisa caminha, em que espaços internos e fachadas fazem parte de um mesmo ‘espaço de morar’.

Tomando-se por base que a casa é o refúgio do homem, local necessário tanto “psicológica quanto biologicamente para gozar de uma intimidade, de um isolamento dos outros por um certo número de horas diárias” (COELHO NETTO, 1997, p. 34), faz-se necessário afirmar que os sentidos e usos dos espaços internos possuem significados diversos conforme a cultura e a época analisada. Uma mesma disposição espacial interna de uma residência pode ser recebida de uma forma totalmente distinta por dois indivíduos pertencentes a culturas diferentes. Além disso, segundo o autor, na França do século XVIII, os cômodos de uma casa não tinham funções fixas, onde os indivíduos pertencentes à família não isolavam-se individualmente. “Funções como *comer* ou *dormir* não eram exercidas necessariamente no mesmo lugar, continuamente, e as pessoas estranhas à casa atravessavam normalmente “salas de comer” ou “quartos de dormir” sem maiores cerimônias” (COELHO NETTO, 1997, p. 37)

Segundo Santiago (2002), os primeiros indícios quanto à compartimentação dos espaços internos, a qual confere a estas funções definidas, datam dos séculos XVI e XVII e serão reforçados durante o Movimento Modernista, em meados do século XX, que vincula a forma a função.

O padrão do ‘espaço de morar’ burguês oitocentista originou-se no século XIX, caracterizado pela tripartição em espaços de prestígio, isolamento e rejeição, comumente conhecidos como social, íntimo e serviços (SANTIAGO, 2002). Nesse padrão o espaço de rejeição ou de serviços é composto por banheiro, cozinha e dependências dos empregados. O espaço de isolamento ou íntimo é representado pelos quartos e salas de comer. Quanto ao espaço de prestígio ou social, este é representado pela sala, a qual serve para o recebimento de visitas e acaba sendo uma vitrine de prestígio social. É neste último espaço que há os móveis

mais pomposos da casa. Ainda, caso haja uma loja, espaço reservado ao trabalho, ao que chama-se de espaço profissional, este acaba sendo um anexo da residência. A família burguesa, segundo Santiago (2002), era uma família nuclear extensa, representada por pai, mãe e muitos filhos. O pai, na maioria dos casos trabalhava em casa e era o responsável pelo sustento da família, enquanto que os empregados domésticos eram responsáveis pelo funcionamento da casa, ficando distantes dos patrões. Devido ao número grande destes, o espaço de serviços era extenso.

O padrão modernista, segundo Santiago (2002), sofre algumas alterações, passando a ser representado pela bipartição dia-noite. Quartos e banheiros são espaços de uso íntimo e noturno, servindo para o repouso. A cozinha e a sala de estar se transformam no espaço de convívio da família, essencialmente diurno. O espaço profissional desaparece e a área de serviços reduz visivelmente, tendo em vista a diminuição do número de empregados. Quanto à família moderna, segundo o autor, ela continua nuclear, centralizada no pai e mãe, com um número reduzido de filhos. O pai ainda é o responsável pelo sustento da família, trabalhando fora. A esposa, na maioria das vezes, substitui a empregada doméstica e passa a ser a responsável pelo funcionamento da casa.

Atualmente, no Brasil, o ‘espaço de morar’ de prestígio é aquele com inúmeros cômodos, os quais possuem funções bem definidas: salas de almoço e jantar, sala de TV, sala de estar, jardins de inverno, além dos vários cômodos destinados às atividades íntimas da família e a área de serviços. Tal estereótipo tem uma herança das residências coloniais, as quais mantinham “cozinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos de hóspedes; capela; puxados para acomodação dos filhos casados; camarinha no centro para a reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar; senzala”⁷ (FREYRE⁸ apud VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 23).

Segundo Veríssimo e Bittar, a elite pautada na política do café-com-leite⁹ do final do século XIX, compreendida pelos latifundiários e pelos industriais em ascensão, ocupavam seus palacetes com traços das residências europeias, tanto externa como internamente. “Em

⁷ Significados de: Puxado: reformas com aumento de cômodos que não constam nas plantas originais das residências. Gineceu: Lugar onde se reúnem só as mulheres. Originalmente, era o local da casa onde os gregos acomodavam as mulheres, apartadas dos homens que, por extensão, passou a significar também uma instituição em que só as mulheres podiam participar. Senzala: Alojamento onde ficavam os escravos.

⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

⁹ A política do café com leite foi uma política de revezamento do poder nacional executada na República Velha entre 1889 e 1930. Consistia na alternância entre os estados de São Paulo e Minas na presidência da República, tendo em vista que São Paulo (produtor de café) e Minas Gerais (produtor de leite) eram os estados mais ricos e populosos no Brasil da República Velha.

suas plantas salas, salas, salas, cada uma com uma linguagem estilística, para uma finalidade específica, refletindo tempos do ecletismo, quando o ser era decorrência do ter” (1999, p. 26).

No entanto, durante o século XX, o ‘espaço de morar’ sofre diversas transformações. Segundo Veríssimo e Bittar (1999), os espaços das grandes casas senhoriais compactam-se, pois com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, o número de escravos se torna escasso, e as tarefas até então consideradas servis, serão de responsabilidade da mulher. Nas primeiras décadas do século, ainda segundo os autores, surgem as ‘vilas’, uma evolução dos cortiços, um corredor com casas semelhantes, térreas e assobradadas, em torno de uma área comum, a qual vai abrigar a classe média e durante os anos 1920, surgem ainda nas grandes cidades os edifícios de apartamentos, com vários pavimentos e algumas unidades por andar.

Veríssimo e Bittar (1999, p. 28), relatam que até os anos 1950, foram poucas as inovações nos ‘espaços de morar’, havendo sempre uma mescla com as tendências trazidas de Portugal. “Mansões neocoloniais dos anos 20, casas *art déco* no Estado Novo, dividindo as atenções com a proliferação de edifícios de apartamentos com suas notáveis portarias...”. Destaque inovativo são as residências modernistas, sobretudo, dos anos 1950, com seus jardins projetados, telhados escondidos e garagem em destaque.

No Quando 01 apresenta-se uma síntese da evolução dos principais ‘espaços de morar’ no Brasil, desde o início do período colonial até a segunda metade do século XX, momento em que surgiu o movimento modernista.

Quadro 01 – Evolução dos ‘Espaços de Morar’ no Brasil

Descrição do Espaço		Século XVI	Período Colonial	Anos 1920	A partir dos anos 1950
Social	Tratado com formalidade. Transição entre o exterior e interior. Representado pela sala. Possui a função principal de receber.	Localizado no pavimento superior da construção, tinha circulação restrita e era acessado por escada vigiada.	Localizado na frente, aberto para o externo através de amplas janelas, às vezes interpostas por varanda.	Continuou com seu caráter de “recepção”, localizando-se no térreo, e em alguns momentos tendo um banheiro social.	Na arquitetura modernista o espaço social é “aberto” com vãos guarnecidos de esquadrias de vidro e ferro e <i>brises soleil</i> .
Íntimo	Lugar das atividades íntimas da família onde não entram pessoas estranhas, a menos que convidadas. Representado pelo quarto e banheiro.	Quartos encerrados no corpo da casa com janelas voltadas para pátios internos. Quanto à disposição da planta, eram distribuídos ao longo do corredor. Com dimensões pequenas e pouco mobiliário, o quarto servia apenas para o descanso. Banheiros quase inexistentes, representados por urinóis.		Local do repouso, vestir e dormir, em modelos compactos. Em alguns casos, banheiro conjugado no quarto do casal.	Quarto principal, do casal, implantado à frente da casa, próximo à sala. Banheiros em locais afastados do espaço social.
De Serviços	Possuem uma superposição de funções nos seus compartimentos, que são representados por: cozinha, copa, alojamento de empregados e quintal ou área de serviços.	Durante o período colonial, a cozinha vai representar uma verdadeira “indústria de alimentos”, implantada nos fundos da casa, próximo ao quintal ou área de serviços. A copa associa-se à sala de jantar nas residências de classe média e nas casas mais simples, se associa à cozinha. As áreas de serviços possuem grandes dimensões, representadas por quintais, pomares e hortas.		Diminuição da área da cozinha, devido o número menor de empregados, próxima aos quitais, no fundo da casa, com fácil acesso à sala de jantar ou copa. A copa persiste entre as classes menos favorecidas, que a utilizam como local de refeições ou para a televisão. As áreas de serviços sofrem uma redução nas dimensões, sendo um prolongamento da cozinha, representado por um tanque e um varal para as roupas.	
Circulação	Elementos filtrantes, permeando apenas quem interessa à intimidade da família. Representados por: corredores, varandas e garagens	A varanda utilizada como “colchão de sombra”, impedindo o aquecimento das paredes perimetrais. Conhecida também como alpendre, serve como elemento de proteção contra o sol, chuva ou como um terraço para a vigília ou descanso. Nas casas urbanas, a varanda se volta aos quintais, um local para a família, distante dos olhares de transeuntes. O corredor une os espaços sociais com os destinados à intimidade familiar. Durante o período colonial, vão aparecer do lado externo da residência, num misto de varanda e circulação. A garagem foi, durante o período colonial, um espaço muito tímido, destinada ao alojamento de carruagens e carroças. No final do século XIX, com a chegada dos primeiros automóveis, continua nos fundos da casa, aparecendo raras vezes no pavimento inferior da residência, conjugada a uma pequena oficina de apoio.		A partir da década de 1920, o alpendre ou varanda, são adaptadas à disposição da residência, integrando-se na planta e situando-se nas frentes das casas. Continuam a ter o papel de filtro, um verdadeiro elemento de transição, onde o indesejável não ultrapassa. A garagem mantém-se em uma posição discreta, refletindo uma relação distante entre automóvel e os habitantes da casa.	
Profissional	Espaço destinado ao trabalho específico de um integrante da família, mas que não faz parte dos trabalhos que movimentam a residência, característico do setor de serviços.				

Fonte: VERÍSSIMO; BITTAR, 1999.

Org.: Mendes, 2013

Tomando-se por base as informações contidas no Quadro 01 acerca da evolução dos ‘espaços de morar’ no Brasil¹⁰, pode-se afirmar que:

- a) O Espaço Social, representado pela sala, se comparado desde o início do Período Colonial até a década de 1950, em que despontou o movimento modernista, sofreu poucas alterações. Primeiramente era um espaço mais reservado, guarnecido por escadas e passou a ser ‘aberto’ ao externo, através de amplas janelas.
- b) O Espaço Íntimo, representado por quartos e banheiros, também teve pouca alteração, apenas modificando o mobiliário. No Período Colonial os quartos eram praticamente inexistentes, aparecendo de uma forma mais expressiva a partir do século XX. Outra alteração diz respeito ao posicionamento, passando este, a partir da década de 1950, para a frente no corpo da casa. Quanto ao banheiro, pode-se dizer que a sua quase inexistência durante todo o Período Colonial foi alterada, quando no século XX este espaço ganha importância, sendo decorado com ladrilhos e peças de louça importadas em muitas residências.
- c) O Espaço de Serviços, representado por cozinha, copa, dependências de empregados e área de serviços, sofreu grandes mudanças desde o Período Colonial até a década de 1950, principalmente em suas dimensões. Primeiramente, tal espaço tinham grandes dimensões, a cozinha em especial era uma ‘indústria de alimentos’ e pelo número de escravos, havia a necessidade de amplos espaços. Com a abolição da escravatura, a tendência foi destes espaços se compactarem, chegando à década de 1950 a espaços com dimensões bem reduzidas.
- d) O Espaço de Circulação, representado por corredores, varandas e garagens, sofreram mudanças quanto à disposição no corpo da casa. A varanda, que de início era uma espécie de local de vigília, controle de acesso e amenização do calor que adentrava ao interior das residências, se transforma em mera área de transição entre exterior e interior. Quanto à garagem, com o surgimento e popularização dos automóveis, ganha destaque, saindo dos

¹⁰ Quanto ao Espaço Profissional, este não foi analisado em sua evolução por não serem contemplados nas bibliografias brasileiras, sendo uma especificidade encontrada em Irati, local analisado nesta pesquisa.

fundos da residência, onde aparecia na maioria das vezes no corpo de uma edícula e possuía uma posição secundária, sendo alocada no próprio corpo da casa, na parte frontal.

Uma das grandes tendências do Movimento Modernista foi o funcionalismo ou a arquitetura funcional, também conhecida por racional. Tal tendência, segundo Cavalcanti (1997), surgiu com os arquitetos de Chicago, nas últimas décadas do século XIX, entre os quais o mais importante foi Louis Sullivan, autor da frase “a forma segue a função”. Segundo esse princípio, os elementos construtivos ou estruturais devem exprimir a função que desempenham. Ou seja, a beleza segue o espírito da lógica e da síntese, onde o material e a forma devem se adequar à função.

Le Corbusier, seguidor dos princípios racionalistas de Sullivan e um dos protagonistas do Movimento Modernista, levado pelos princípios da lógica e da precisão, verdadeiramente mecânicas, ao pensar na ordenação e divisão do espaço arquitetural, nomeou o ‘espaço de morar’ como “máquina de morar”. Ele considerou que a “máquina de morar” deveria ser uma ferramenta “tão útil quanto uma máquina de escrever” (SCULLY Jr, 2002, p. 90), ou seja, um lugar de ação, com a finalidade de ser usada pelos homens, e não um mero local de refúgio.

Nesse sentido, Rego (1999) declara que a casa, enquanto “máquina de morar”, é destinada a satisfazer as exigências do corpo, ou seja, proporcionar aos seus habitantes uma maior comodidade. O local deve ser útil, sendo eficaz para a rapidez e exatidão das tarefas diárias dos seus habitantes.

Ao falar sobre comodidade, Brasileiro e Salles (2007) declaram que tal conceito refere-se à adequação do espaço às funções a serem exercidas neste, levando-se em conta os resultados obtidos dos elementos materiais sobre o vazio. Desta forma, “um espaço será considerado cômodo se os elementos envoltórios que o delimitam oferecem a dimensão, o conforto térmico e acústico, a luminosidade, a possibilidade de um arranjo correto do mobiliário, dentre outros atributos” (p. 97).

O ‘espaço de morar’ visto como “máquina de morar” é capaz de reunir as dimensões pública e privada, com a nova tecnologia e a estética emergentes nesse contexto, conjugando em meio ao ambiente urbano o design dos objetos de uso cotidiano. Neste sentido Vasconcellos (1961) relata que:

Abrem-se as salas de visitas, crescem em tamanho, aperfeiçoam-se as cozinhas e os cômodos sanitários para maior conforto da família, e as paredes se tornam cada vez mais transparentes, com o emprego do vidro.

A maior modificação encontra-se, entretanto, na conjugação da sala de estar com a de jantar, criando ambientes mais amplos, onde de fato a família se demora, abandonando a cozinha e os quartos. O principal é, afora a sala de estar, com poltronas estofadas, tapetes, a vitrola e o rádio. Já se recebem mais estranhos e a casa não é mais o refúgio ou o esconderijo que resguarde as aparências. [...] A casa não é mais estanke, fechada ou cúbica, mas acolhedora, aberta e franca. [...] Por sua vez, as casas recuam acentuadamente da via pública, com jardim de dez ou mais metros de profundidade. Os quintais perdem sua razão de ser e, cimentados ou ladrilhados, transformam-se em pátio de brincar, de lavar roupa ou mesmo de jogos e piscinas. As peças destinadas aos serviçais, que antes, preferentemente, se erguiam em barracões independentes da casa, incorporam-se a esta e ganham tratamento melhor. A garagem transforma-se em abrigo de utilização dupla: guarda de automóvel e varanda. Os dormitórios, mormente o do casal, aumentam de tamanho. Banheiros privativos incorporam-se a esses dormitórios. Por sua vez, as plantas compõem-se em retângulos de uma só água ou com terraços impermeabilizados. Janelas são de correr, e não mais de abrir. Os interiores são claros, iluminados fartamente e até em demasia, exigindo o uso de cortinas e, frequentemente, os jardins conjugam-se com as salas de estar. (VASCONCELLOS, 1961, p. 18)

Faz-se importante frisar que, ao comparar a casa com a “máquina de morar”, Le Corbusier não impunha a padronização integral da habitação. O arquiteto francês afirmava que a população não possuía um abrigo condizente com seu modo de vida no mundo moderno. Segundo ele, o homem “deveria habitar em uma máquina também, com banhos quentes, água fria, temperatura personalizada, boas condições de conservação dos alimentos, de higiene” (MAIA, 2005, p. 64).

A análise do ‘espaço de morar’ não se restringe apenas as funções interiores da residência, mas também às técnicas e aos elementos empregados na construção. Durante o Movimento Modernista, as mudanças na arquitetura não foram apenas físicas, mas também estruturais, onde a maneira de construir foi repensada, desde os materiais empregados até as técnicas construtivas (MIGLIORINI, 2008). No Quadro 02 destaca-se uma relação das características que foram propagados na arquitetura nacional, definindo o estilo modernista, sendo este marcado pelo espírito de síntese entre forma e função, técnica e arte.

Quadro 02 – Características Modernistas utilizadas nos ‘Espaços de Morar’

(continua)

Característica	Descrição
Abandono da fachada	Ausência de uma fachada principal. A fachada aparece como consequência da planta interior.
Ausência de decoração	Simplicidade e lógica de volumes e planos.
Estandardização	Pré-fabricação de materiais. Construção em série.
Fachada	Parede frontal da edificação voltada para a rua.
Internacionalização dos estilos	Materiais e processos construtivos são socializados em escala global.

(conclusão)

Característica	Descrição
Ossatura Metálica	Uso do aço e do ferro misturados ao cimento.
Paredes não sustentantes	As paredes perdem a função de sustentação, transformando-se em simples membranas, divisórias dos espaços internos e externos.
Planta livre	Mobilidade na planta devido ao uso do aço e concreto, em que estrutura será cada vez mais discreta.

Fonte: CAVALCANTI, 1997.

Org.: Mendes, 2013

Cavalcanti (1997) declara que além dos cinco princípios de Le Corbusier – *pilotis*, tetos-jardins, planta livre, janela longitudinal e ausência de fachada principal -, é importante frisar outras características modernistas, ou seja, técnicas empregadas na construção durante o movimento. Entre estas técnicas tem-se a negação à decoração e o uso da estrutura metálica, que permite que as paredes não desempenhem a função de sustentação, podendo estas ser cada vez mais finas e ganhando mobilidade, resultando em uma planta livre. Foi devido a essa liberdade ao construir que se pode empregar, em meio a paredes de concreto, grandes *pans de verre* ou finíssimos *pilotis*.

O abandono da fachada tem suma importância dentre as características modernistas. Segundo Cavalcanti (1997, p. 281), a fachada, em momentos anteriores, sempre esteve ligada a sentimentos de hierarquia social e ostentação. Ao construir, iniciava-se pela fachada, ou seja, de fora para dentro, dada a importância que esta tinha como símbolo de *status*. Durante o modernismo, o processo inicia-se de forma contrária: pela planta, ou seja, de dentro para fora, sendo que a fachada será mera consequência da planta interna.

Tendo em vista que o Movimento Modernista é fruto da industrialização, há a estandardização dos materiais, possibilitando a construção em série. Outra característica marcante é a internacionalização dos estilos, onde mesmo com as especificidades dos materiais empregados e processos construtivos, houve uma disseminação do movimento em escala global.

A identidade do Modernismo na arquitetura também se percebe através de uma série de elementos que são bastante presentes nos ‘espaços de morar’, via de regra, articulando espaço interior com o exterior e vice-versa. Os principais elementos estão relacionados no Quadro 03.

Quadro 03 - Elementos Modernistas utilizados nos 'Espaços de Morar'

Elemento	Descrição
<i>Brise-soleil</i>	Painéis móveis ou fixos - orientáveis, basculantes, horizontais e verticais - para a proteção ou direcionamento de insolação.
<i>Cobogó</i>	Elemento vazado de concreto, cerâmica, alvenaria. Impede que o interior da edificação seja visto de fora. Filtra a luz solar e o vento.
Espelhos d'água em forma de ameiba	Pequenos reservatórios de água com formas sinuosas localizados nos jardins.
Janelas em fita	Aberturas sequenciais marcadas pela horizontalidade. Altura da abertura bastante inferior à sua largura.
Marquise	Cobertura que serve de proteção da chuva e do sol, sem paredes laterais.
Painéis	Painéis confeccionados com pastilhas cerâmicas com temáticas abstracionistas ou geométricos, instalados no exterior das edificações, para que os transeuntes pudessem apreciar a arte.
<i>Pan de verre</i>	Panos de vidro, grandes superfícies de vidro.
Pastilhas	Pequena peça de revestimento, quadrada ou hexagonal, feita de cerâmica, porcelana ou vidro.
Pérgola	Proteção vazada, apoiada em duas colunas ou balanço, servindo como suporte para plantas decorativas.
<i>Pilotis</i> ou pilar	Elemento vertical de sustentação da edificação. Integra o sistema.
Telhado em asa de borboleta	Cobertura com a inclinação voltada para o centro da edificação.
Telhado plano	Cobertura horizontal, sem inclinação.

Fonte: MIGLIORINI, 2008.

Org.: Mendes, 2013

Segundo Migliorini (2008), dentre os elementos da arquitetura modernista que merecem destaque, pode-se apontar os *pilotis*, que demonstram o uso do concreto armado nas construções. Com o aprimoramento da técnica, foi possível inserir *pilotis* cada vez mais finos e das mais diferenciadas formas nas construções. Os *brises soleils*, painéis horizontais ou verticais, móveis ou fixos, tem a função de filtrar, direcionar e barrar a iluminação e os ventos. Eles estão entre os principais elementos característicos do modernismo no Brasil, por serem empregados com êxito nas edificações, em muitos casos, prédios de uso público.

Os *cobogós*, *muxarabies* ou elementos vazados, também merecem ser mencionados. Elementos de diferentes materiais, que barram a visão, mas não a luminosidade. São elementos vazados que possuem a finalidade estética e permitem maior privacidade, dificultando a visualização de áreas internas das residências por transeuntes. Quanto aos *pans de verre*, estes têm a finalidade de captar a luz solar. Com a tecnologia, durante o modernismo, foi possível o emprego de paredes envidraçadas cada vez maiores. Este elemento está presente em várias das residências analisadas nesta pesquisa. Seu uso, que causa um impacto visual, justifica-se por captar luz e calor ao interior das residências (MIGLIORINI, 2008).

As pérgolas, proteções vazadas, apoiadas em colunas ou balanço, compostas por elementos paralelos em madeira ou concreto, integram os projetos modernistas nos jardins, servindo de suporte para plantas, ou inserida na edificação, em beirais ou abrigos para veículos. As janelas em fitas, elemento muito presente nas edificações modernistas, apresentam aberturas horizontais bem maiores em comparação com a vertical. Tais janelas, muitas vezes quebravam a sobriedade das empenas cegas, ou seja, paredes lisas sem qualquer abertura (MIGLIORINI, 2008).

Outra característica bem presente entre os ideais modernistas foi a solidarização da arte, realizada através dos painéis instalados no exterior das edificações, para que os transeuntes, ao caminharem nas ruas, pudessem observá-la. Estes elementos eram confeccionados com pastilhas cerâmicas, em motivos abstracionistas ou geométricos. Aliados aos painéis encontram-se os espelhos d'água que fazem parte da composição modernista. Geralmente tais espelhos em formas sinuosas que lembravam amebas eram localizados nos jardins, em meio a uma vegetação tropical, características do movimento como “palmeiras, agaves, dracenas e chefleras” (MIGLIORINI, 2008, p. 103).

Aliados aos elementos e características acima mencionados, os arquitetos e desenhistas mesclavam materiais específicos da região. Segundo Migliorini (2008, p. 80) “como o modernismo buscava uma identidade, o uso de materiais regionais ia ao encontro de seus ideais, acrescentando significados ao estilo”. No caso das residências modernistas de Irati, madeira é um elemento comumente encontrado em detalhes nas fachadas, por se tratar de um material abundante na região.

Vale ainda frisar que os estilos arquitetônicos possuem um conteúdo social, o que Migliorini (2008, p. 31) declara ser “um capital simbólico¹¹, que interessa para as classes dominantes, uma vez que essas edificações funcionam como vitrine de um poder simbólico adquirido”. Segundo a autora, quando um novo estilo começa a vigorar, há a formação de um novo capital simbólico em torno desse novo estilo, então em voga. À medida que ele passa a ser executado, em que novas edificações surgem seguindo os seus preceitos, há um acúmulo do capital simbólico. Dessa forma, ainda segundo a autora, a classe que investe nesse novo

¹¹ Termo utilizado por Pierre Bourdieu em *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Os sistemas simbólicos, segundo Migliorini (2008), são instrumentos que cumprem uma função política de legitimação da dominação e asseguram o predomínio de uma classe sobre a outra, expondo relações de força. Segundo a autora, o poder simbólico age na construção de um mundo objetivo, dando um sentido concreto ao mundo. Tal sentido é percebido através dos meios de comunicação como língua, cultura, arte e discurso. Vale ressaltar que o domínio desses meios garantem a manutenção do poder.

estilo, vê nele uma forma de distinção social. Quando esse estilo é utilizado em larga escala, outras classes sociais passam a assimilá-lo, absorvendo as características mais marcantes.

O Movimento Modernista foi direcionado à classe dominante, que via implícito no novo estilo o ideário de progresso. Aos poucos, a classe média, foi adotando certos elementos modernistas das construções da classe abastada e inserindo de uma forma mais discreta em suas residências. A partir desse momento, pode-se dizer que o estilo foi legitimado, sendo reproduzido nas mais diferentes situações sociais.

O ‘espaço de morar’ é, portanto, detentor de vários significados: é o local de repouso, símbolo de *status* social, local onde se constroem sonhos e se instalam as memórias, local onde se revela a intimidade, é o reduto da família. No entanto, nessa pesquisa, ele é reconhecido como local de ação e não refúgio, e por isso a necessidade de ser ligado à ideia de praticidade para proporcionar conforto aos seus habitantes. Nesse sentido, é reconhecido como a “máquina de morar” tão debatida durante o Movimento Modernista.

Assim, como esse espaço é destinado a satisfazer as necessidades de seus habitantes e conferir a estes uma maior comodidade, ao ser projetado o processo é iniciado pela planta, e não pela fachada como nos processos anteriores, sendo esta uma consequência do interior. Dessa forma, o ‘espaço de morar’ modernista adquire sentido somente quando analisado no todo: espaços internos e externos. Ou seja, a conjugação da forma com a função, tão preconizada durante o Movimento Modernista, permite que elementos construtivos e estruturais empregados nos espaços internos e nas fachadas façam parte de um só conjunto.

O ‘espaço de morar’ enquanto “máquina de morar”, diferente das residências de épocas anteriores que possuíam amplas dimensões com inúmeros cômodos, se torna um espaço mais funcional, e por isso, mais prático aos seus habitantes.

2.2. Metodologia: a apreensão da realidade

A partir das reflexões em torno da elaboração de um conceito de ‘espaço de morar’, aprofunda-se aqui a metodologia utilizada para a apreensão da realidade em Irati, ou seja, a do ‘espaço de morar’ modernista de Posfaldo entre as décadas de 1950 e 1970. Para definir a metodologia, elaborou-se um Quadro Conceitual (Quadro 04), a partir de três autores considerados fundamentais e complementares para tal apreensão.

Quadro 04 – Quadro Conceitual utilizado para a análise dos ‘espaços de morar’ posfaldianos de Irati - PR

Autor	Metodologia empregada	Aspectos de análise
Zevi (1996)	Técnicas de leituras das edificações. Interior como protagonista da arquitetura.	<p>a) No <i>aspecto econômico-social</i> analisa-se a conjuntura socioeconômica em que se desenvolvem os programas construtivos, resultando destes, todos os edifícios. Tais programas fundamentam-se no contexto econômico do país e, pensando em uma escala local, na economia da cidade e do indivíduo que promove as construções. Além do aspecto econômico, as relações de classe em que o indivíduo está inserido e a sua concepção de cultura influenciam muito na maneira de pensar uma construção.</p> <p>b) Quanto ao <i>aspecto técnico</i>, este se encarrega de demonstrar o progresso da ciência, particularmente aplicado à indústria da construção e à capacitação dos profissionais e da mão-de-obra respectiva. Segundo Zevi, a interpretação técnica nada mais é que “o modo prático de construir os espaços” (1996, p. 191). Aqui será analisado o uso dos elementos construtivos e o profissional que criou os projetos arquitetônicos.</p> <p>c) Com relação ao <i>aspecto espacial</i>, Zevi vai declarar que tal interpretação não disputa o caminho com as demais interpretações, porque não decorre no mesmo plano. Segundo o autor “não é uma interpretação específica como as outras, porque podem-se dar do espaço interpretações políticas, sociais, científicas, técnicas, fisiopsicológicas, musicais, geométricas, formalistas” (1996, p. 191-192).</p>
Veríssimo e Bittar (1999)	Interior como ‘espaço de morar’. Nesta visão, mostra-se a integração entre homem e casa, ultrapassa as formas geométricas e a casa é vista como um espaço vivido pelo homem, ganhando características e valores humanos. Neste sentido, a objetividade da casa mistura-se à vivência humana. A metodologia empregada é a análise de cada um dos setores da casa.	<p>Segundo estes autores, os espaços internos das residências se classificam em: social, íntimo e de serviços. Para fins deste estudo, optou-se por cinco classes de ‘espaço de morar’:</p> <p>a) Espaço social – espaço tratado com formalidade, servindo como transição entre o exterior e o interior. Adequado para recepção das visitas, devendo apresentar-se sempre organizado e com requinte, passando a ideia do <i>status</i> social da família. Representado pelo hall social, sala de estar, sala de jantar (copa na inexistência da sala de jantar), banheiro social e terraço social.</p> <p>b) Espaço íntimo – espaço reservado aos integrantes da família, com acesso restrito. Representado por quartos de dormir e banheiros íntimos.</p> <p>c) Espaço de serviço – espaço reservado para a realização das tarefas que movimentam a casa e que são utilizados, sobretudo, por empregados domésticos. Representado pela cozinha, área de serviços, quarto de empregada, sala de costura e depósitos.</p> <p>d) Espaço profissional – espaço destinado ao trabalho profissional específico de um ou mais integrantes da família, no qual se recebe (ou não) clientes/pacientes. Representado por escritório, consultório, sala de espera e sala de leituras.</p> <p>e) Espaço de circulação – área destinada à circulação dos habitantes da casa. Representada por corredores, escadas e garagens que interligam os demais espaços.</p>
Migliorini (2008)	Análise dos elementos que definem o estilo modernista.	<p>Entre os elementos que definem o estilo modernista, os que se propagam na arquitetura nacional são:</p> <p>a) <i>Pilotis</i>, ou seja, pilares aparentes demonstrando o uso do concreto armado;</p> <p>b) <i>Brisés soleils</i>, sendo estes painéis horizontais ou verticais, móveis ou fixos, que assumem a função de filtrar, direcionar ou barrar a iluminação e os ventos;</p> <p>c) Cobogós, muxarabies ou elementos vazados, sendo elementos que barram a visão, mas não a luminosidade;</p> <p>d) <i>Pans de verres</i> ou panos de vidros, que têm a finalidade de captar a luz solar;</p> <p>e) Pérgulas, as quais são proteções vazadas, apoiadas em colunas ou balanço, compostas por elementos paralelos em madeira, concreto ou alvenaria;</p> <p>f) Janelas em fita, tendo aberturas com grandes dimensões horizontais comparada à vertical;</p> <p>g) Telhados planos e em asas de borboleta,</p> <p>h) Espelhos d’água em forma de ameiba e painéis, instalados no exterior das edificações, para que os transeuntes pudessem apreciar a arte (p. 78-80).</p>

Fontes: ZEVI, 1996; VERÍSSIMO e BITTAR, 1999; MIGLIORINI, 2008.

Org.: Mendes, 2013

Optou-se por focar a análise do ‘espaço de morar’ posfaldiano a partir da própria arquitetura por ele idealizada, assim, foram utilizadas técnicas de leitura de edificações. Pautou-se na metodologia empregada por Zevi (1996) em sua obra intitulada *Saber Ver a Arquitetura*. Este autor declara que o espaço interior é o que dá sentido à arquitetura, salientando três aspectos de análise: o econômico-social, o técnico e o espacial. Optou-se aqui também por priorizar a interpretação espacial, pois se entende que esta não se trata de uma visão específica, mas sim de uma visão que engloba todas as demais.

Segundo Zevi, “em cada edifício, o continente é o invólucro mural, o conteúdo é o espaço interior” (1996, p.20). Assim, vale grifar que tudo aquilo que não possui um espaço interior não é arquitetura e, a bela arquitetura é aquela que possui um espaço interior que atrai o contemplador, o eleva e o “subjuga espiritualmente” (1996, p. 24). Diante dessa perspectiva, buscou-se identificar no espaço urbano de Irati, através do “continente”, do seu invólucro mural, quais seriam as habitações modernistas ali dispostas.

Certeau (1994, p. 169) reconhece que a cidade é “feita de lugares paroxísticos em relevos monumentais”. Ou seja, é o local em que realidades paradoxas se confrontam, onde ao mesmo tempo em que se pode deparar com espaços de ostentação, caminhando um pouco, se encontra, na mesma cidade que é destinada à classe detentora de poder, espaços marginalizados, carentes de infraestrutura e condições básicas para a sobrevivência. Quando o autor sugere que a cidade é palco do paradoxo, ele relembra também que a cidade se reinventa de hora em hora, fazendo com que o presente se torne passado e lançando um desafio no sentido de como será a cidade do futuro. O espectador que observa a cidade, andando em meio à multidão e observando suas construções, transformado em um *voyeur*¹², compreende que a urbe é um palimpsesto, ou seja, a cidade acaba tendo várias “faces”, sendo permitido diferenciadas leituras que dependem do olhar que o observador lança sobre ela.

Ao caminhar por entre as ruas de Irati, onde, através de detalhes a autora tentou identificar as edificações modernistas, esta se deu conta que, em meio às construções dos diversos estilos e épocas e paisagens verdes, a cidade guarda a história do seu passado. Como metodologia foi, então, empregada a observação das residências, na maioria localizadas na região central da cidade, e procurou-se ater a elementos modernistas aparentes localizados nas fachadas, prolongamentos dos espaços internos dentro da concepção modernista. Após

¹² O autor intitula de *voyeur* o observador da cidade, sendo que este se distancia dos “praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 1994, p. 171) que nela habitam, mas que não a compreendem como um todo, para à distância, capturar o verdadeiro significado da realidade urbana.

fotografá-las, foi certificado, através das plantas baixas encontradas na Prefeitura Municipal de Irati, que o desenho era da autoria de Eduardo Posfaldo. Assim, a partir destas plantas foram elaborados os croquis, para análise do aspecto espacial interno das edificações, confrontando a distribuição espacial (espaços social, íntimo, de serviços, profissional e de circulação) nas diferentes temporalidades (décadas de 1950, 1960 e 1970).

Considerando-se que o 'interior' é o protagonista da arquitetura, o espaço arquitetônico foi analisado enquanto 'espaço de morar'. Tal análise buscou respaldo na metodologia elaborada por Veríssimo e Bittar (1999). Para esses autores, a casa transcende as simples formas geométricas, “uma realidade visível e tangível” (p. 9), no momento em que o 'morar' resulta de um processo criativo, conduzido pelas necessidades sociais e culturais do homem. Desta forma, buscou-se captar a integração entre homem e casa, entendendo que esta passa de um conjunto de volumes, planos, linhas retas e curvas, a um espaço a ser vivido pelo homem, adquirindo valores humanos.

Para a análise do aspecto espacial, foram reunidas plantas baixas de residências unifamiliares desenhadas por Eduardo Posfaldo, profissional local, detentor de forte influência modernista e responsável pela criação da maioria das residências modernistas de Irati. Tais plantas (Figuras 05 e 06), retiradas dos projetos arquitetônicos originais, fazem parte do acervo do Departamento de Controle Interno de Documentos da Prefeitura Municipal da cidade.

Figura 05 – Projeto original da planta da residência Família Pavia - 1958

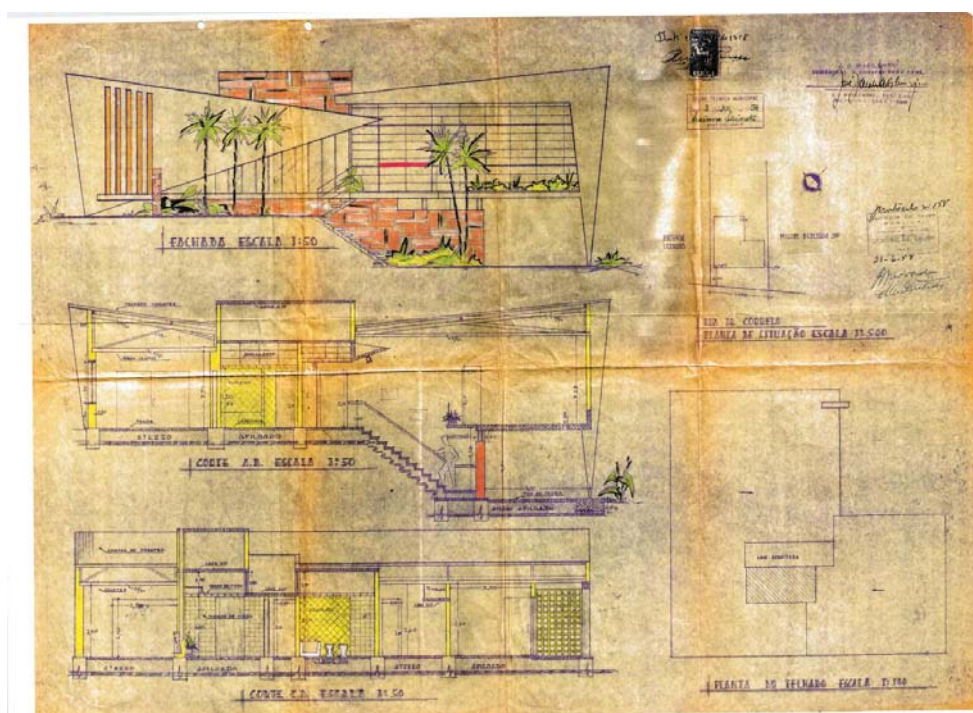
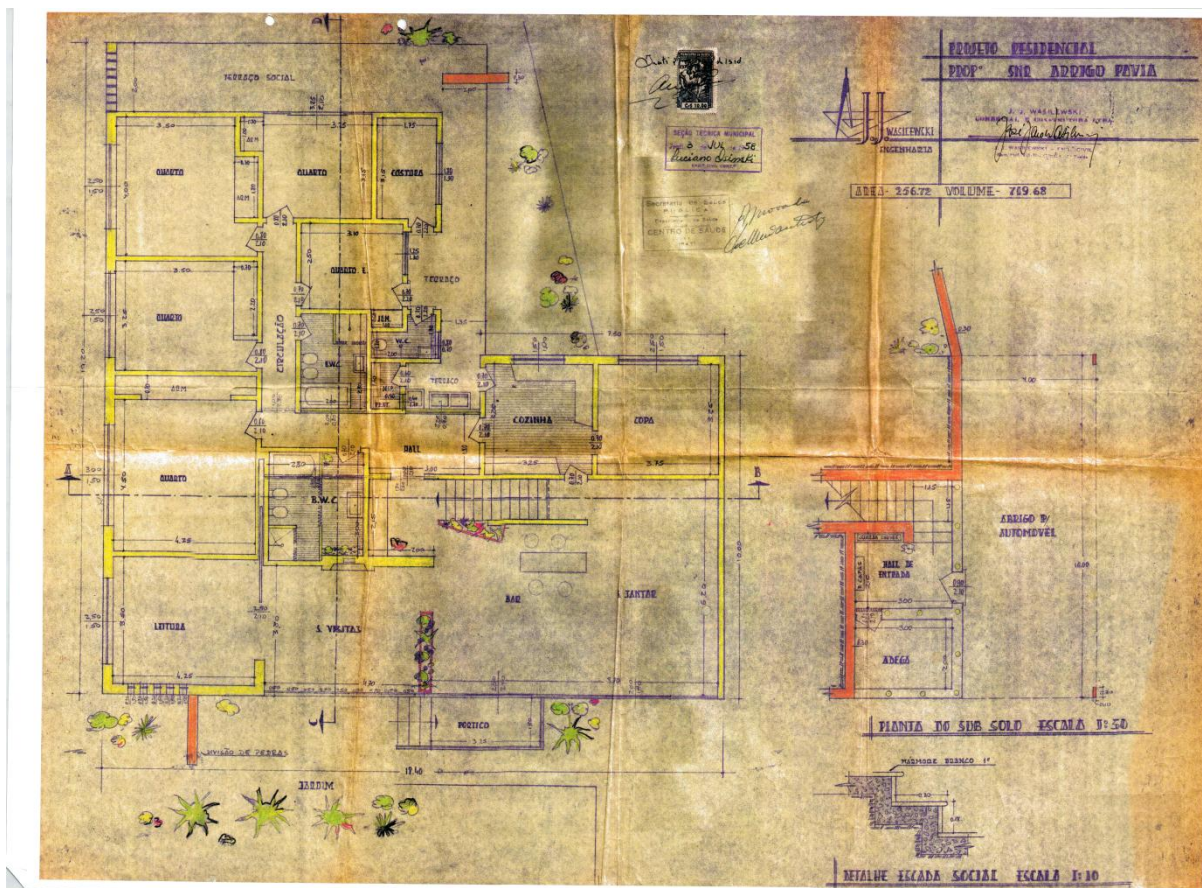


Figura 06 – Projeto original da planta baixa da residência Família Pavia - 1958



Fonte: PMI, 2011.

As edificações escolhidas – doze residências no total – pertencem às décadas de 1950, 1960 e 1970, quatro de cada década, sendo de médio porte, ou seja, com metragem quadrada inferior a 220, e de grande porte, ou seja, com metragem quadrada superior a 350.

Ao encontrar as plantas junto à Prefeitura Municipal, após confrontá-las com as características atuais capturadas pelas fotografias e pelo endereço constante na documentação das plantas, estas foram reelaboradas em formas de croquis e, uma a uma, analisadas quanto à disposição dos cômodos e as funções desempenhadas por eles. Tal análise foi respaldada na obra de Veríssimo e Bittar (1999), em que os espaços são divididos em: social, íntimo, de serviços, profissional e de circulação. Ainda, buscando pormenorizar a análise da arquitetura modernista de Irati, foi empregada a metodologia de Migliorini (2008), quanto à análise dos elementos que definem o estilo modernista, que foram mais utilizados na arquitetura nacional.

É de suma importância evidenciar que as residências foram escolhidas a partir da existência dos elementos modernistas nas suas fachadas, após foi realizada a triagem para averiguar quais delas eram de autoria de Posfaldo. Na maioria dos casos, tais elementos –

pans de verre, pilotis, brises soleil, janelas em fita, telhados planos, pérgolas e muxarabies – aparecem de modo bem marcante nas fachadas residenciais, o que facilitou a trabalho durante a escolha da amostra qualitativa. A abordagem qualitativa utilizada, embora fundamentada também numa análise quantitativa (sobretudo a metragem quadrada), justifica-se em função de se tratar de uma pesquisa que busca mais a análise de mecanismos e processos do que os resultados em si.

Zevi (1996) faz uma importante declaração, apontando que para se entender a arquitetura, não se pode deixar de lado o conceito de espaço, pois ela se diferencia das demais artes por atuar em três dimensões. Neste sentido, o homem penetra e aprecia o seu interior, o qual não pode ser representado perfeitamente por nenhum método e que só é conhecido e vivido pela experiência direta. Desta forma, buscaram-se pessoas que tenham tido experiências diretas com as obras de Posfaldo, ou que tenham conhecido as famílias a quem suas obras foram idealizadas. Através do contato com estas pessoas tornou-se possível uma aproximação do conteúdo social de sua arquitetura, ou seja, a que grupo ou classe social pertenciam as pessoas contempladas pelas edificações modernistas de Irati.

Primeiramente foi realizada uma entrevista com a esposa de Eduardo Posfaldo, a dona de casa Leoni Leandro Posfaldo. A entrevista, que foi gravada, foi realizada no ano de 2011 na cidade de Curitiba-PR, na residência atual da esposa. Durante a entrevista, a qual foi semi-estruturada, a viúva, de forma tranquila, relatou a vida do esposo, desde quando se conheceram na cidade de Irati, sua mudança para a capital por motivos profissionais e grande parte da sua vida profissional, dedicada à arquitetura modernista. Tal entrevista foi crucial para o desenvolvimento da biografia do autor dos desenhos das residências modernistas analisadas.

Foram também procurados os proprietários pioneiros das doze residências escolhidas, construídas nas décadas de 1950 a 1970. A ideia era levantar dados que permitissem a análise dos aspectos econômico-sociais. A procura iniciou-se nas próprias residências, mas na maioria dos casos, os primeiros donos já não moravam mais nelas. Então procurou-se por estes em outros locais ou até mesmo em outras cidades ou, nos casos de falecimento, por parentes próximos ou habitantes locais que pudessem relatar sobre as suas vidas. Esse levantamento foi realizado durante os anos de 2011 e 2012, com o intuito de apreender a realidade social e econômica destas famílias, tendo como pontos cruciais o número de pessoas que habitaram cada residência e as atividades que cada um desempenhava, além de características de sua vida profissional.

Desempenhar o papel de *voyeur*, caminhante das ruas que observa detalhes da cidade que passam despercebidos por outros habitantes; fotografar residências com características modernistas e confrontá-las com as plantas posfaldianas que foram encontradas junto à Prefeitura Municipal de Irati; transformar tais plantas em croquis e analisar a disposição dos seus cômodos e as funções que estes desempenhavam; bem como, entrevistar proprietários e/ou pessoas que conheceram os proprietários pioneiros das residências modernistas para a análise do aspecto econômico-social deste estilo; foram atividades necessárias para a construção desta dissertação. Todas estas metodologias permitiram chegar a uma série de resultados e, sobretudo, análises que são apresentados no Capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3 - O ESPAÇO DE MORAR POSFALDIANO: UMA LEITURA DA ARQUITETURA MODERNISTA EM IRATI

Para a análise do espaço urbano iratiense, de forma geral, e o ‘espaço de morar’ posfaldiense em particular, levou-se em conta que o espaço é um produto social em permanente transformação e que a sociedade que nele vive opera conjuntamente neste processo. Sendo assim, para se estudar o espaço, seja ele o espaço urbano ou o próprio ‘espaço de morar’, é necessário “apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos *processos* (tempo e mudança) e especifica as noções de *forma*, *função* e *estrutura*, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço” (SANTOS, 1997, p. 49, grifos da autora).

Assim, faz-se importante pontuar a definição que Santos atribui a estes quatro elementos:

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. *Função* (...) sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (SANTOS, 1997, p. 50).

Desta maneira, partindo da visão de que estes quatro conceitos são necessários para explicar a estrutura do espaço, como os homens nele organizam sua sociedade, além das transformações que nele ocorrem, é que se constrói o presente capítulo. Primeiramente faz-se um breve histórico da cidade de Irati, desde sua formação no século XIX até as primeiras transformações modernistas na sua estrutura urbana, ocorridas a partir da década de 1950. Na sequência, é avaliada a dinâmica temporal das residências modernistas através da análise das mudanças externas relacionadas à forma e função de tais edificações. Por fim, aprofundam-se as reflexões com relação ao ‘espaço de morar’, enfatizando o conteúdo social e a diferenciação funcional interna das edificações.

Eduardo Posfaldo, protagonista dos ideários modernistas em Irati, projetou várias construções na cidade entre as décadas de 1950 a 1970, onde, em meio a edificações religiosas, de serviços e entretenimento, a maioria detinha funções residenciais. Dentre suas diversas criações, foram selecionadas doze residências unifamiliares modernistas, visando um

maior aprofundamento na leitura arquitetônica destas. Par a cada uma das décadas analisadas, tomou-se quatro projetos, o que possibilitou uma análise do ‘espaço de morar’ posfaldiano enquanto um ‘espaço de morar’ modernista.

3.1. A modernização no espaço: estrutura e processo

A história do município de Irati, não é uma história isolada, implicando uma estrutura de inter-relações, que não é apenas local ou global, mas sim ‘glocal’. Trata-se da junção de processos contínuos, que implicam tanto em continuidades como em mudanças. A seguir analisa-se estas estruturas e processos, tanto nos primórdios do município como também na contemporaneidade.

a) Os antecedentes rurais de Irati

Anterior à chegada das famílias colonizadoras de Irati, seu território era habitado por indígenas Caingangues e Tupis. Segundo Rigoni (2011), a formação da localidade, que tinha por nome Covalzinho, ocorreu na segunda metade do século XIX, quando algumas famílias procedentes da região de Curitiba emigraram para a região do Segundo Planalto Paranaense, fixando-se na atual Vila São João ou Irati Velho, como também foi costumeiramente chamada.

A partir da década de 1860 chegaram a Irati outras famílias vindas de Campo Largo, Palmeira, Itaiacoca e Assungui. Diferentes famílias podem ser apontadas como pioneiras:

Como pioneiro de destaque, pode-se citar Francisco de Paula Pires, que era o líder dessa localidade e fixou residência em Covalzinho, na década de 1880. Outros pioneiros de destaque nessa fase foram Pacífico de Souza Borges, José Monteiro, João Thomaz Ribas, Lino Esculápio e José Pacheco Pinheiro. (RIGONI, 2011, p. 48)

Estas famílias saíram do local de origem buscando encontrar um local onde pudessem prosperar, tornando-se donos de terra e gado. O que encontraram quando da sua chegada foi um enorme ‘sertão’ praticamente inabitado, porém rico em florestas nativas. A erva mate e a madeira de lei, como a imbuia e o pinheiro, eram abundantes na região.

Segundo Orreda (1981), Irati recebeu essa denominação aproximadamente em 1830, quando Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, oriundos da região de Teixeira

Soares, desbravaram as matas, batizando rios e as terras por onde passavam. O autor relata que a partir de 1840, adentraram no território iratiense duas bandeiras¹³ vindas de Sorocaba, sendo uma de José Domingues da Trindade que originou o Bom Retiro, hoje distrito de Guamirin, e a outra de João Pereira de Jesus, dando início a localidade que hoje é conhecida como Pirapó.

Segundo Mendes (2005, p. 56), “as primeiras casas construídas eram modestas, feitas de madeira de cerne e na sua maioria de chão batido. As ruas sem calçamento também demonstravam a simplicidade da vila que acabara de originar-se”. A população era bastante reduzida e as famílias dedicavam-se à agricultura de subsistência e à criação extensiva, caracterizando-se como uma sociedade basicamente campestre.

O crescimento de Irati foi muito lento nos seus primórdios. Porém, na última década do século XIX, com a construção da Estrada de Ferro São Paulo/Rio Grande em 1899 a localidade foi integrada a esta rota, presenciando desenvolvimento em todos os setores. A localidade transformou-se em um entreposto comercial em que os habitantes locais comercializavam seus produtos, ao mesmo tempo em que adquiriam especiarias oriundas de outros lugares. A ferrovia, todavia, acabou por desviar o crescimento da localidade, pois as famílias que até então emigravam e se estabeleciam em Irati Velho (atual Vila São João), a partir da existência da ferrovia, começaram a construir suas habitações ao longo desta e, principalmente, nas proximidades da Estação Ferroviária (Figura 07), acomodando-se em Covalzinho, hoje centro da cidade.

¹³ Expedições compostas de homens conhecidos como “bandeirantes”, os quais exploravam o interior do país em busca de riquezas e/ou escravos.

Figura 07 - Estação Ferroviária – 1950



Fonte: Centro de Memória e Documentação – UNICENTRO.

Em 1903 é criado o Distrito Judiciário de Irati, onde foram eleitos os juízes distritais e dois camaristas para a Câmara de Vereadores de Imbituva, território a que Irati pertencia. No entanto, devido ao difícil acesso à sede do município ao qual estava vinculado, a população começou a reclamar a autonomia do distrito. O movimento em prol da autonomia iniciou com a renúncia dos camaristas Francisco de Paula Pires e Coronel Emílio Batista Gomes. Em 1907, entretanto, o vice governador do estado e presidente em exercício Dr. João Cândido Ferreira sancionou a Lei nº 716, a qual criou o município de Irati. Nesse mesmo processo foram desmembrados os distritos de Imbituvinha – hoje município de Fernandes Pinheiro – e Bom Retiro – atualmente Guamirim (BALHANA, 1968).

Com a elevação de Irati a distrito judiciário, as relações políticas ganham importância devido ao fato de famílias influentes procurarem inserir-se na política local buscando a emancipação do município. Nesse sentido, Rigoni (2011) cita as figuras dos coronéis Manoel Grácia e Francisco de Paula Pires como os primeiros políticos locais influentes. Como sucessor, pode ser citado João Baptista Anciutti, o qual liderou por algum tempo o cenário político local.

Dentro do contexto estadual, o surgimento da rede ferroviária auxiliou na decadência do sistema tropeiro, que até então dominava o interior do Paraná, pois a ferrovia seria a nova responsável pelo escoamento do café paulista, principal produto da economia brasileira a partir do final do século XIX e pelo transporte do gado, tão característico do sul e dos Campos

Gerais. No caso de Irati, que não possuía uma economia campeira, pois não “existia em função das fazendas de criação de gado e do movimento das tropas de muares que vinham do sul para Sorocaba” (BALHAMA, 1968, p. 39), a economia não foi muito afetada, pelo contrário, foi impulsionada visto que a base da economia paranaense passou a ser a atividade ervateira.

Este novo setor teve papel importante na vida econômica de Irati, já que este investimento é considerado como o primeiro ciclo econômico do município. A extração da erva-mate, apesar de ser vista como uma atividade de caráter meramente predatório, se tornou a atividade mais importante da região no início do século XX e foi a principal fonte de renda dos habitantes de Irati. Além da presença da ferrovia que facilitava seu transporte, que até então era realizado por meio de carroças e cargueiros, o governo do Paraná promoveu a abertura de estradas e outras melhorias para o escoamento do produto (ORREDA, 1981), que também atingia o mercado externo.

Para o aumento da produção da erva mate, o governo do Paraná realizou uma série de campanhas, as quais incentivavam a vinda de imigrantes para a região. Como resultado desta campanha, em 1908, o município recebe um primeiro contingente de imigrantes alemães, holandeses, ucranianos, poloneses e italianos. Vale ressaltar que um ano depois, holandeses fundaram a colônia de Gonçalves Junior e em 1910 ucranianos e poloneses ocupam a região. Os imigrantes italianos chegam à mesma época e ocupam as localidades de Caratuva I e II, Pinho de Baixo e Pinho de Cima. Algumas famílias italianas se instalaram no Rio do Couro, Barra do Gavião, Mato Queimado e na sede do município. Outra localidade formada pela etnia polonesa foi a Serra dos Nogueiras (ORREDA, 1981).

Irati possuía grandes reservas ervateiras e era produtora da erva bruta. No entanto, sua comercialização era realizada em Curitiba e Ponta Grossa, o que não ocasionou a retenção de capitais na cidade. Também as oscilações do mercado externo sobre o produto se refletiam diretamente nas regiões produtoras, gerando crises acompanhadas de desemprego. Como desfecho, com a auto-suficiência da Argentina, principal consumidor, generalizou-se a crise e por volta de 1930 ocorreu a estagnação da produção (MENDES, 2005, p. 58).

A mão-de-obra que ficou sem emprego com a crise da produção da erva mate, em parte foi absorvida por outra atividade de caráter predatório: a extração da madeira. A partir da década de 1940, a extração da madeira passou a ser considerada como outra importante fonte econômica da região e o segundo ciclo econômico de Irati (MENDES, 2005, p. 58). Até então, apesar de sua alta qualidade, a madeira branca e de fácil aplicação era pouco explorada,

sendo utilizada apenas na região para construções de cercas, casas e alguns objetos de decoração. Sua pouca procura era devido à concorrência que havia com a madeira importada, sobretudo o pinheiro de Riga (MENDES, 2005).

A intensificação da extração da madeira esteve inserida dentro do contexto nacional, em que o Brasil adotou uma política de industrialização voltada ao mercado interno, devido à carestia de produtos importados por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Sob esse aspecto Wachowicz relata:

O grande estímulo para a exportação do pinheiro paranaense surgiu com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Impossibilitada a importação do similar estrangeiro para o Brasil por causa do conflito bélico, houve intensa procura do pinho. Não só foi abastecido o mercado interno, como conquistado o de Buenos Aires, que rapidamente deu preferência à madeira do Paraná, devido às suas qualidades superiores. Multiplicaram-se as serrarias, de preferência ao longo da estrada de ferro, recém aberta, ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul. (WACHOWICZ, 2001, p. 210)

Para atender às necessidades do mercado, a extração da madeira foi intensiva. No caso do Paraná, a extração teve um caráter predatório, o que ocasionou o esgotamento das reservas florestais.

As reservas de araucária e madeiras de lei, muito abundantes no Segundo Planalto onde se localiza Irati, foram devastadas por empresas comerciais em busca do lucro. Geralmente, o processo de devastação era feito da seguinte forma: madeireiros arrendavam enormes extensões de terras com mata nativa para a extração da madeira desejada, ou então compravam as árvores em pé de proprietários interessados em destocar suas terras para o cultivo (MENDES, 2005, p. 59). O desenvolvimento do transporte feito por caminhão após 1930 libertou a indústria madeireira da dependência da ferrovia, impulsionando a penetração para o interior e a consequente devastação de áreas cada vez maiores.

Ainda que existam algumas madeireiras e serrarias em Irati atualmente, o aspecto predatório desenvolvido por esta atividade fez com que as madeireiras, na sua grande maioria, não criassem raízes na cidade e nem se estruturassem de forma permanente. A esse respeito, Wachowicz comenta que:

Sendo a serraria uma atividade nômade, não se integra na região em que está estabelecida. Esgotada a floresta, a serraria é transferida para outro lugar e forma, em torno de si, um núcleo populacional característico, com dezenas de casas para

operários, mercado, farmácia etc, tudo pertencendo à companhia exploradora. Caracterizam-se os seus trabalhadores pelo baixo nível de vida, fruto deste sistema.

(...)

A serraria deixa, por onde passa, uma região devastada, sem ter contribuído para a fixação duradoura da população. (WACHOWICZ, 2001, p. 211)

Com a crise do setor madeireiro, decorrente do esgotamento das reservas florestais da região e da queda das exportações, quando os países que participaram da Primeira Guerra Mundial já haviam se restabelecido, tendo condições de abastecer seus mercados internos e voltar à exportação; muitas serrarias fecharam e mudaram-se para outros locais. À população de trabalhadores que ficou sem emprego, coube a iniciativa de procurar outras atividades no campo, como lavradores, ou na cidade, como trabalhadores informais, para sobreviver.

Paralelo a estes dois ciclos econômicos, o da erva mate e o da madeira, houve mais uma atividade como protagonista da história iratiense. Graças a uma terra fértil, a agricultura também foi uma importante fonte de renda aos habitantes da região, já que o município de Irati é constituído por diversas colônias agrícolas, na maioria de imigrantes europeus, os quais vieram para o Brasil no período de guerras em busca de paz e um local para prosperar, e conferiram a Irati a característica de um município rural.

A agricultura, mesmo que esteja sendo praticada desde o século XIX, quando formou-se o povoado, é considerada como o terceiro ciclo econômico da cidade. Em 1940, ainda quando o ciclo da madeira estava no auge, o município foi o maior produtor de batata-inglesa, a qual foi exportada para várias regiões do país, inclusive para São Paulo. Porém, no fim da mesma década, o comércio do produto entrou em declínio seguido pela estagnação por duas razões: o esgotamento da terra, ocasionado pelo cultivo intenso, que conferia ao produto uma qualidade inferior, e a incipiente concorrência de São Paulo que oferecia o mesmo produto com preços mais baixos e qualidade superior (MENDES, 2005, p. 60).

Se Irati presenciou um crescimento urbano lento até a década de 1950, devido o fato de ter desenvolvido atividades ligadas ao extrativismo vegetal e à agricultura de subsistência, os quais não favoreciam a fixação da população, devido disporem de uma mão-de-obra flutuante; a partir dessa década o município teve seu perfil, tanto rural como urbano, profundamente modificado por ocasião da chegada de um novo contingente populacional originário de outras regiões do estado e pelas modificações ocorridas no sistema de produção agrícola. A decadência do setor madeireiro também foi um fator importante para o aumento populacional da cidade, à medida que os desempregados ou procuravam outro trabalho no

campo, ou mudavam-se para a cidade.

É importante frisar que este movimento de migração foi em menor proporção comparado ao ocorrido no início do século XX, em que o Paraná era o principal estado a receber o grande fluxo migratório vindo da Europa. A migração ocorrida na década de 1950 foi resultado da vinda de famílias e indivíduos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, motivados pela procura de terras e uma possível ascensão social, pois no sul já havia ocorrido o esgotamento de lotes.

Outro fator que auxiliou na modificação do perfil da ocupação de terras em Irati, foi a expansão das fronteiras agrícolas, o que também atraiu a vinda de pessoas originárias de outros estados e municípios do Paraná, os quais ocuparam os campos nativos e fizeram uso da moderna agricultura. Apesar de não ser uma cidade de grande porte, Irati passou a operar como suporte para o desenvolvimento de novas relações comerciais e financeiras decorrentes da modernização da produção agrícola. Dessa forma, em função das mudanças nas relações de trabalho, a cidade acabou absorvendo a população procedente do campo.

A associação desses novos fatores econômico-sociais, como a maior comercialização dos produtos locais e a afluência de novos habitantes, deram a Irati novas características urbanas. A partir de 1950, a cidade passa a comandar o espaço produtivo, havendo um processo de troca, em que cidade e campo se sustentam, porém com a sobreposição daquela sobre este.

b) A configuração de uma Irati urbana

O crescimento desordenado da cidade e a proliferação da população, a partir de 1950, culminaram em uma significativa alteração da vida urbana, a qual exigia de imediato a formulação de um melhor ordenamento urbano, coordenado por engenheiros, arquitetos e urbanistas oriundos de outras cidades, e que buscasse conferir à cidade um caráter funcional, visando a higienização da cidade, através da modernização de sua infra-estrutura e o embelezamento de suas áreas (REIS FILHO, 1978).

Aliado ao novo pensar desses intelectuais, merece ser mencionado o fato de que, em decorrência às transformações desse momento, houve uma modificação nos hábitos da população, que passa a exigir a ampliação da capacidade e qualidade de serviços públicos. As exigências mais constantes consistiam no “aperfeiçoamento dos serviços públicos, fossem nas formas de pavimentação, fossem meios de comunicação ou transporte” (REIS FILHO, 1978,

p. 54).

Até então, a cidade possuía carência dessa infraestrutura, pois a maioria das ruas não eram asfaltadas ou calçadas. Além disso, nota-se, a partir da legislação da época¹⁴, que foram feitos empréstimos não só para fins de pavimentação e conservação de estradas, mas também para construção de logradouros públicos e sua manutenção. Desta forma, fica claro a preocupação do poder municipal em criar espaços urbanos destinados à recreação da população e que dariam à cidade uma aparência mais bela. A Praça Etelvina Andrade Gomes, localizada em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz (Figura 08), é um exemplo das obras construídas durante esse processo modernizador.

Figura 08 - Praça Etelvina Andrade Gomes – 1950



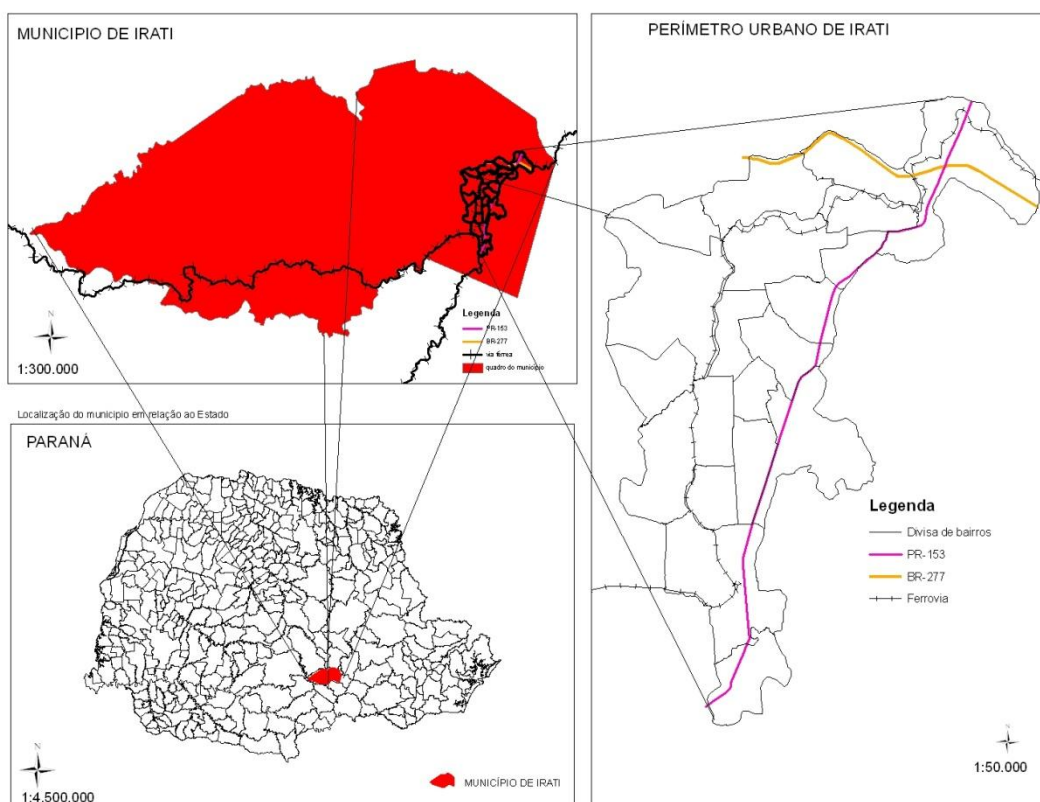
Fonte: Centro de Memória e Documentação – UNICENTRO.

A cidade está situada em um entroncamento cortado por duas rodovias, a BR 277 e a PR 153 (Figura 09), e atualmente, segundo Orreda (2007), possui 18 bairros, além da área central, totalizando uma área urbana de 33,520 km². Os bairros, segundo o autor são: “Vila

¹⁴ IRATI. Decreto-Lei n.º 69, de 22 de junho de 1950. Decreto-lei que autorizou o poder municipal a contrair do Governo do Estado do Paraná, um empréstimo de Cr\$100.000,00 (cem mil cruzeiros), para pavimentação da zona central da cidade.

São João, Lagoa e Rio Bonito, os mais antigos; Riozinho, Eng^o. Gutierrez, Alto da Glória, Nhapindazal, Canisianas, Vila Nova, Colina N. S. das Graças, DER, Jardim Califórnia, Stroparo, Fósforo, Alto da Lagoa, Jardim Virgínia, Jardim Aeroporto e Camacua”, além da área central. (ORREDA, 2007, p. 07). O município possui ainda três distritos sendo Guamirim, Gonçalves Junior e Itapará, totalizando uma área de 998,30 km².

Figura 09 – Localização do Município de Irati



Fonte: Prefeitura Municipal de Irati, 2009
Elaboração: CAETANO, Sergio L.

Tendo em vista que a cidade é uma “uma cidade-estação ferroviária” (DEFFONTAINES¹⁵ apud SILVA JUNIOR E TCHMOLA, 2011, p. 105), esta surgiu espontaneamente para depois organizar e planejar bairros que foram aparecendo conforme se desenvolvia. Silva Junior e Tchmola (2011) relatam que a cidade cresceu e alguns bairros se distanciaram da região central a partir de grandes glebas. Na década de 1940, surgem os bairros do Rio Bonito e DER, devido à abertura da Avenida Vicente Machado, acompanhados

¹⁵ DEFFONTAINES, P. Como se constituiu no Brasil a rede das cidades. In: **Cidades**. v. 1, n. 1, pp. 119-146, 2004 [publicado originalmente em 1938].

dos bairros Canisianas e Vila Nova, localizados próximos à linha férrea. Nesta mesma época surgem algumas edificações, onde atualmente é o bairro Stroparo, devido à ligação entre o centro e a Vila São João.

Nas décadas posteriores, com a valorização de terrenos próximos a região central, a procura por áreas adjacentes aumentou, principalmente nos bairros Stroparo, Fósforo, DER, Alto da Glória, Rio Bonito e Canisianas, os quais, com o tempo cresceram e tornaram-se áreas valorizadas (SILVA JUNIOR E TCHMOLA, 2011).

Além disso, com a instalação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Irati – FECLI, no início da década de 1970, próxima à região central, as áreas do entorno foram mais valorizadas e os bairros tiveram um crescimento visível, devido à vinda de pessoas de outros locais em busca de uma graduação. Tal situação foi acentuada na década de 1990, com a criação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, a qual surgiu da fusão das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava – FAFIG e Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Irati – FECLI. Segundo Silva Junior e Tchmola (2011, p. 105) “a presença da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) é um dos mais importantes fatores de captação de renda municipal e conseqüentemente de especulação de terrenos e imóveis”. Os autores declaram que com a vinda de professores e alunos oriundos de diversos lugares do país para residir na cidade, a procura por imóveis na cidade aumentou virtuosamente, culminando em um crescimento urbano.

Bairros como Riozinho e Engenheiro Gutierrez, próximos à Universidade, que até então tinham um número reduzido de moradores e com uma infraestrutura precária, começam a presenciar um desenvolvimento. Construções destinadas para locação aos estudantes e professores vindos de outras cidades e outras realizadas por pessoas da região que trabalhavam e/ou estudavam na instituição de ensino aparecem com expressividade, conjugadas a um melhoramento na infraestrutura, como saneamento básico e asfalto.

Segundo estudos realizados por Silva Junior e Tchmola (2011, p. 108) acerca dos bairros de Irati, no período de 2005 a 2009, pode-se afirmar que locais como o Centro, seguido por Rio Bonito, Vila São João, Stroparo e Alto da Glória, foram os que tiveram maior número de construções. A Tabela 01 traz informações gerais sobre os bairros, quanto às suas áreas, números de construções e população.

Tabela 01 - Área dos bairros, número de residências e população média residente em Irati

Bairros	Área Km ²	Unidades Residenciais	População Média	População/Área (Km ²)	Residências/Área (Km ²)
Alto da Lagoa	1,325	275	1.375	1,03	0,21
Alto da Glória	0,617	251	1.255	2,03	0,40
Canisianas	1,036	402	1.608	1,55	0,39
Centro	1,929	1.300	5.200	2,70	0,67
Colina N. Sra das Graças	1,9	470	2.350	1,23	0,25
DER	1,168	438	2.190	1,88	0,37
Engenheiro Gutierrez	2,635	270	1.350	0,51	0,10
Fósforo	1,062	606	2424	2,28	0,57
Jardim Aeroporto	1,796	535	2.675	1,49	0,30
Jardim Califórnia	1,116	306	1.530	1,37	0,27
Jardim Virgínia	0,64	60	300	0,47	0,09
Lagoa	3,193	316	1.580	0,49	0,10
Nhapindazal	3,672	72	850	0,23	0,04
Rio Bonito	2,473	1.636	8.180	3,30	0,66
Riozinho	1,934	72	450	0,23	0,04
Stroparo	1,215	502	2.510	2,06	0,41
Vila Nova	1,425	210	1.050	0,74	0,15
Vila Raquel	0,878	140	360	0,41	0,16
Vila São João	2,431	398	1.990	0,82	0,16

Fonte: Prefeitura Municipal de Irati, 2009

Org.: TCHMOLA, 2011.

Tomando-se por base as informações da Tabela 01, pode-se afirmar que nesta última década os bairros com maior área são o Nhapindazal, seguido do bairro Lagoa, Engenheiro Gutierrez, Rio Bonito, Vila São João e Centro. Destes, Rio Bonito e Vila São João apresentam uma população maior. Já os bairros de menor área são Alto da Glória, Jardim Virgínia e Vila Raquel. O maior número de edificações e população encontra-se no bairro Rio Bonito, seguido pelo Centro. Se analisado a média de residências por área, o maior número de edificações encontra-se no Centro, local em que está localizada a maioria das residências modernistas, objeto de estudo desta pesquisa.

Quanto ao aspecto populacional, atualmente a cidade possui uma população de 56.207 habitantes, de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010¹⁶. A população urbana é de 44.932 habitantes, perfazendo um percentual de aproximadamente 79,9% da população total e a população que reside no campo totaliza 11.275 habitantes.

Durante as décadas de 1950 a 1970, a população rural era bem mais expressiva em

¹⁶ Dados concedidos pelo INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações. Unidade Estadual do IBGE no Paraná, Curitiba, 2013.

relação à população urbana. Tal situação foi alterada, apenas na década de 1980, quando a população urbana ultrapassou 50% em relação à população total. A Tabela 02 apresenta as informações quanto à evolução populacional urbana e rural de Irati, desde 1950 a 2010.

Tabela 02 – Evolução da população urbana e rural em Irati de 1950 a 2010

Ano	População Urbana	População Rural	População Total	% Urbana
1950	7.939	17.552	25.491	31,14
1960	14.115	16.702	30.817	45,80
1970	15.809	20.662	36.471	43,35
1980	22.765	19.469	42.234	53,90
1990	31.278	16.576	47.854	65,36
2000	39.306	13.046	52.352	75
2010	44.932	11.275	56.207	79,94

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013

Org.: Mendes, 2013.

Tomando-se em base a evolução populacional da cidade (Tabela 02), nota-se que na década de 1950, a população urbana era bem reduzida em relação à população rural, totalizando aproximadamente 30% da população total. No entanto, mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, o Movimento da Arquitetura Modernista teve uma boa aceitação pelos habitantes de Irati, dando a entender que a cidade estava acompanhando as tendências, tendo em vista que o modernismo estava em voga e era pregado no país como um todo.

Voltando a este contexto, durante a década de 1950, ao passo que Irati ganhava características de uma cidade moderna, na sua área central, as casas construídas no início do século XX, sob os moldes arquitetônicos trazidos pelos imigrantes do leste europeu (poloneses e ucranianos), eram aos poucos demolidas, dando lugar às “construções modernistas”. Estas, além de afirmarem o discurso progressista assumido pela administração municipal e por membros da elite local, acabaram por valorizar o centro. O espírito de progresso foi determinante nos discursos do poder público, o qual incentivou medidas que viessem a contribuir para a transformação da cidade, fazendo com que esta fosse inserida no contexto de desenvolvimento brasileiro e mundial.

No entanto, faz-se de suma importância frisar que, apesar de diversas construções com traços europeus terem sido demolidas na região central, ainda encontra-se este estilo na imagem urbana, ao lado de edificações modernistas. A esse processo de convivência de diferentes temporalidades num mesmo espaço, Santos (2009) chama de ‘rugosidades’. Assim, tem-se que o “espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à

mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que os outros criam novas formas para se inserir dentro delas” (SANTOS, 1980, p. 138).

Nessa fase modernista, entre os profissionais que levantaram a bandeira de uma arquitetura racional, merece destaque Eduardo Posfaldo, considerado o precursor do estilo arquitetônico na cidade de Irati. Ele, além de projetar várias construções religiosas, de serviços e entretenimento, foi o desenhista de inúmeras edificações residenciais.

Posfaldo elaborou vários projetos arquitetônicos na cidade de Irati, tanto residenciais como edificações de serviços e entretenimento, como por exemplo o Colégio São Pedro Canísio; S/A Moageira e Agrícola; Igreja Imaculado Coração de Maria; Samuara Clube de Campo; SBCI - Sociedade Beneficente Cultural Iratiense; e a base da Estátua da Santa Nossa Senhora das Graças (Figura 10). Assim, sua obra não se restringiu a vertente modernista.

Figura 10 – Construções não residenciais Posfaldianas

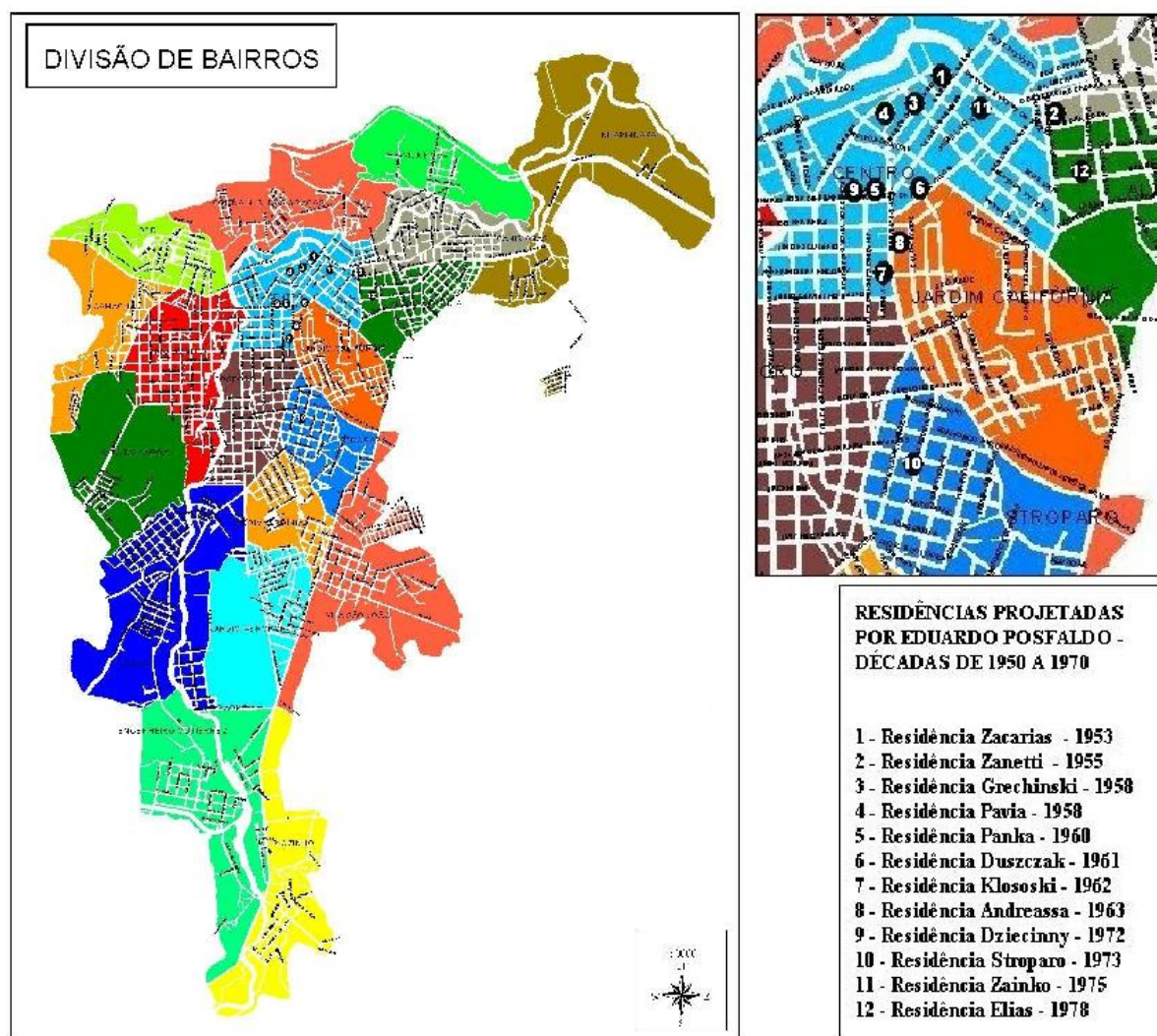


Fonte: Acervo de Mendes, novembro de 2012.

Org.: Mendes, 2012

Dentre as várias edificações residenciais modernistas projetadas por Posfaldo nas décadas de 1950 a 1970, a maioria localiza-se na região central da cidade (Figura 11). Doze das residências projetadas, sendo quatro de cada década, foram plotadas no mapa da cidade com a divisão dos bairros, apontando esta tendência da arquitetura modernista da época.

Figura 11 – Localização de residências posfaldianas modernistas das décadas de 1950 a 1970 – Irati/PR



Fonte: Plano Diretor Municipal de Irati, 2010
Org.: Mendes, 2012.

Vale ressaltar que as residências de números 1, 3, 4 e 11 estão localizadas no que hoje é considerado centro histórico da cidade. Pode-se notar que residências posteriores foram sendo construídas em torno desse centro histórico, mas não saindo da região central da cidade, exceto a residência de número 10, construída na década de 1970 no bairro Stroparo, considerado de classe média alta.

Estas construções, símbolos impressos na paisagem da cidade, demonstram a fase progressista em que o país atravessava. Aderir à vertente modernista era sinônimo de ser alguém que simpatizava com o progresso. No entanto, deve-se frisar que tal movimento não foi algo acessível a todos, sendo o Modernismo criado e direcionado à elite. Nesse sentido, Artigas (1999, p. 27) declara que as obras realizadas pelos arquitetos modernistas exprimiam ideologicamente o pensamento da classe dominante, sendo a Arquitetura Modernista uma arma de opressão. Ainda hoje, ao observar as residências modernistas, que atuam como parte do cenário urbano da cidade, mescladas em meio a edificações pertencentes a outras vertentes, nota-se que tais construções pertenciam a famílias abastadas, detentoras de poder econômico e político local.

3.2. As residências modernistas: mudanças na forma e função

O modernismo arquitetônico mostra-se bastante presente na cidade de Irati, marcando sua paisagem urbana, principalmente na área central. Esse estilo, tão cotizado a partir da primeira metade do século XX, imprime na cidade uma composição de destaque. Trata-se de edificações que destoam pelas suas linhas puras e retas, aliadas a grandes *pans de verre*, platibandas em formas geométricas e marquises sustentadas por finíssimos *pilotis*. Todos estes elementos encontram-se conjugados à concepção racionalista do construir e do morar.

Analisa-se a seguir doze residências posfaldianas pertencentes às décadas de 1950, 1960 e 1970. Salienta-se suas características externas, como os elementos modernistas presentes em suas fachadas, as transformações em suas formas e funções e seu posicionamento no lote.

a) Década de 1950

A residência da família Zacarias (Figura 12), projetada em 1953, é considerada de médio porte e marcada por elementos arquitetônicos modernistas. Possui recuo frontal, nos fundos e na lateral esquerda, entretanto, é colada à divisa lateral direita. Observam-se *pans de verre* em sua fachada e duas janelas em fita, sendo uma na fachada frontal e outra na lateral. Complementando a fachada frontal, está presente uma marquise em forma de ameiba, suportada por finos *pilotis* de ferro. O telhado inclinado com calha central denota a utilização de recursos tecnológicos e é escondido parcialmente por uma platibanda localizada no centro da construção, com detalhes de seis círculos em relevo negativo. Tal ornamento, tão criticado durante o movimento modernista denota a dialética existente entre a cultura global e a cultura local, resultando em algo ímpar, ou seja, uma cultura ‘glocal’. O muro tem a função de segurar a terra do jardim, permitindo ao transeunte a visualização das fachadas frontal e lateral. Esta edificação se mantém até os dias de hoje na função residencial, todavia, atualmente sob posse da família Koch. A fachada não teve alteração alguma se comparada com seu projeto original, permanecendo com as mesmas características de quando foi construída.

Figura 12 – Residência em estilo modernista projetada para a família Zacarias - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência da família Zanetti (Figura 13), projetada em 1955 e também considerada de médio porte, encontra-se solta no lote, com recuos frontais, laterais e de fundo. Possui telhado em três folhas, uma com inclinação para frente associada à outra para os fundos, e uma independente com inclinação lateral. A chaminé da lareira, revestida em pedras ornamentais, marca uma linha horizontal na fachada, dividindo-a em duas partes. A presença de ornamento, algo totalmente repudiado pelo movimento modernista, sugere a articulação de elementos tradicionais na conjuntura modernista. A fachada, com linhas puras e retas, contendo molduras e frisos geométricos que enfatizam a linha horizontal, é evidenciada por *pans de verre*. Uma marquise de linhas retas cobre o hall de entrada, sendo sustentada por finíssimos *pilotis* de ferro. O muro frontal baixo permite a visualização de toda a fachada frontal pelo transeunte. Esta edificação se mantém na sua forma, todavia, mudou sua função, abrigando atualmente uma empresa do ramo contábil. Comparando a fachada atual com projeto original, percebe-se que ela não foi modificada, permanecendo com suas características originais.

Figura 13 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Zanetti - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência Grechinski (Figura 14), projetada em 1958, também é considerada uma construção de médio porte. Possui recuo frontal, de fundo e na lateral direita, entretanto, é colada à divisa lateral esquerda. Em sua fachada estão presentes elementos como *pans de verre* e *brise soleil*, estes para filtrar a iluminação. O telhado não aparente esconde-se em uma platibanda de linhas puras e retas em relevo. As grades altas no muro frontal e nas janelas são „elementos posteriores, que se destoam dos ideais modernistas. Originalmente o muro exercia apenas a função de contenção do jardim, permitindo a fruição da fachada por parte dos transeuntes. Até hoje, mantém-se a edificação na sua função residencial sob posse da mesma família. A fachada original sofreu algumas alterações quando comparada com a atual. Além das grades nas janelas, as quais foram colocadas em uma reforma recente, ao invés da janela do meio, no projeto original havia um detalhe na parede com *cobogós*. Havia também uma rampa de acesso até a porta, fazendo com que o jardim ficasse em um plano abaixo da construção. No entanto, mesmo com a reforma, a residência continua com suas características modernistas, onde as linhas retas e puras dão o acabamento da obra.

Figura 14 – Residência em estilo modernista projetada para a Família Grechinski - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência da família Pavia (Figura 15), projetada em 1958, é considerada de grande porte e encontra-se solta no lote, com recuos laterais, frontal e de fundo. Sua fachada é marcada por uma inovação plástica, contando com a presença de dois grandes *pans de verre*. O telhado em asa de borboleta é coberto por grandes platibandas ornamentais que compõem figuras geométricas, associadas a uma laje, situada ao meio e revestida por pedras ornamentais. O muro de arrimo ornamentado denota a correlação entre o global e o local e tem a função de contenção da terra do jardim, sendo a grade superior elemento posterior. Ao transeunte é permitida a visualização da fachada como um todo. A edificação mantém sua função residencial, no entanto, atualmente sob a posse da família Kominski. Comparando a fachada atual com o projeto original, nota-se que esta continua com as características de quando foi construída, não alterando seus elementos modernistas.

Figura15 – Residência em estilo modernista projetada para a Família Pavia - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, novembro de 2011

Observando-se as quatro residências, elementos modernistas como *pans de verre*, *pilotis*, platibandas, marquises e linhas retas se fazem presentes alternadamente em todos os casos. Quanto às linhas, nota-se que apenas a residência da família Zacarias é que se utiliza de curvilíneas, no caso da marquise em forma de ameiba e os círculos em relevos negativos existentes na platibanda. Nas demais a preferência é pelas linhas retas. Além disso, o elemento *brise soleil* aparece apenas na residência Grechinski, e o telhado não aparente é encontrado

tanto na residência Grechinski como na Pavia. Muros e fachadas ornamentados e telhados expostos denotam a influencia que a cultura local exerceu na cultura global.

Para fins de análise destas residências enquanto ‘espaços de morar’ são apresentados, a seguir, informações retiradas dos projetos originais das casas, projetos estes disponíveis no acervo do Departamento de Controle Interno de Documentos da Prefeitura Municipal de Irati. Com relação ao porte das residências escolhidas (Tabela 03), observa-se que três delas não ultrapassando 220m², podendo ser consideradas de médio porte. Trata-se das residências projetadas originalmente para as famílias Zacarias, Zanetti e Grechinski. A residência projetada originalmente para a família Pavia é considerada de grande porte, ultrapassando 350m².

Tabela 03 – Residências modernistas de Irati, segundo a família original, o ano de construção, a área construída, a área do lote e a taxa de ocupação – Projetos de Posfaldo da década de 1950 - Irati/Pr

Família Original	Ano de Construção	Área Construída (m ²)	Área do Lote (m ²)	Taxa de Ocupação (%)
Zacarias	1953	206,10	580	35,53
Zanetti	1955	206,92	1029,80	20,09
Grechinski	1958	219,23	630	34,8
Pavia	1958	360,35	1070	33,7
Média	----	248,15	827,45	31,03

Fonte: Plantas do DCID da PMI
Org.: Mendes, 2011

Quanto à taxa de ocupação¹⁷, percebe-se que nos quatro casos esta não ultrapassa os 40% do lote. A maior taxa é a da residência Zacarias com 35,53% e a menor é a da Zanetti com 20,09%. Analisando tais dados, conclui-se que todas as residências têm lotes de grandes dimensões, no entanto, em dois casos, estas são coladas nas divisas laterais, como é o caso das residências Zacarias e Grechinski, ou seja, nas casas de médio porte. Embora os ideais modernistas indiquem a planta livre, ou seja, totalmente descolada das divisas do lote, o que nem sempre ocorre em Irati, infere-se que se mantêm a premissa de grandes espaços verdes e de jardins em todos os casos estudados na década de 1950.

¹⁷ Taxa de Ocupação é o percentual da sombra projetada pela edificação no seu respectivo lote.

b) Década de 1960

A residência da família Panka (Figura 16), projetada em 1960, é considerada de médio porte e marcada por elementos arquitetônicos modernistas. Encontra-se solta no lote, com recuos frontal, laterais e de fundos. Possui telhado em três folhas, uma com inclinação para frente associada à outra para os fundos, e uma independente com inclinação lateral. A fachada, com linhas puras e retas, é evidenciada por *pans de verre*. Uma marquise de linhas retas cobre o hall de entrada. O muro frontal baixo permite a visualização de toda a fachada pelo transeunte, atuando na contenção das terras do jardim. A existência de pedras no muro de arrimo e frisos na empena denotam a influencia da cultura local, tendo em vista que o movimento modernista global repudiava qualquer tipo de ornamento. Esta edificação se mantém na sua forma e função. Comparando a fachada atual com projeto original, percebe-se ela não foi modificada, permanecendo com suas características originais. Apenas o vidro fumê de duas das janelas frontais apresenta-se como uma descaracterização posterior.

Figura 16 - Residência em estilo modernista projetada para a família Panka - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência da família Duszczak (Figura 17), projetada em 1961, também é considerada de médio porte e possui dois pavimentos, sendo que no pavimento térreo localiza-se os espaços social, íntimo e parte do de serviços. O porão incorpora os espaços de serviços e profissional. A residência possui recuos frontal e laterais, no entanto, está colada à divida dos fundos. A fachada, com linhas puras e retas, é evidenciada por *pans de verre*. O telhado de quatro folhas não aparente esconde-se em uma platibanda de linhas retas. O muro frontal baixo permite a fruição entre a residência e o transeunte. Esta edificação se mantém na sua forma, todavia, mudou sua função, abrigando atualmente uma empresa do ramo de ensino de línguas estrangeiras. Comparando a fachada atual com projeto original, percebe-se que ela não foi modificada, permanecendo com suas características originais.

Figura 17 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Duszczak - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência Klososki (Figura 18), projetada em 1962, é construção de médio porte e encontra-se solta no lote, com recuos frontal, laterais e de fundo. A sua fachada é inteiramente revestida por pastilhas cerâmicas, elemento característico da tendência modernista e nesta estão presentes dois grandes *pans de verre*. Possui um telhado aparente em quatro folhas, não característico do modernismo e proveniente da cultura local. A lateral esquerda aloja um abrigo para carro, sendo a parede da divisa constituída por cobogós, elementos vazados de cerâmica, os quais filtram luz solar e vento. O muro frontal baixo permite a visualização de toda a fachada pelo transeunte. Esta edificação se mantém na sua forma e função. Comparando a fachada atual com projeto original, nota-se que não foi construída uma pérgola planejada para a lateral direita, no entanto, a residência continua com características modernistas, onde as linhas retas e puras dão o acabamento da obra.

Figura 18 – Residência em estilo modernista projetada para a Família Klososki - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência da família Andreassa (Figura 19), projetada em 1963, também considerada de médio porte, encontra-se solta no lote, com recuos frontal, laterais e de fundo. A fachada, com linhas puras e retas, é evidenciada por *pans de verre*. Três linhas verticais, uma delas revestida com pedras ornamentais, dividem a fachada em quatro partes. O telhado não aparente esconde-se em uma platibanda de linhas puras e retas. O muro frontal baixo permite a visualização de toda a fachada pelo transeunte. Esta edificação se mantém na sua forma e função. Comparando a fachada atual com projeto original, percebe-se ela não foi modificada, permanecendo com suas características originais.

Figura 19 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Andreassa - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

Observando-se as quatro residências, elementos modernistas como *pans de verre*, platibandas e linhas retas se fazem presentes alternadamente em todos os casos. Além disso, o telhado aparente é encontrado nas residências das famílias Panka e Klososki, enquanto que nas residências Andreassa e Duszczak o telhado é escondido por platibandas. Ornamentos e telhados aparentes denotam a influência da cultura local entre o movimento modernista na cidade.

Para fins de análise destas residências enquanto ‘espaços de morar’, são apresentados a seguir, informações retiradas dos projetos arquitetônicos originais, os quais encontram-se disponíveis no acervo do Departamento de Controle Interno de Documentos da Prefeitura Municipal de Irati. Com relação ao porte das residências escolhidas (Tabela 04), observa-se que as quatro não ultrapassam 300m², podendo ser consideradas todas de médio porte.

Tabela 04 – Residências modernistas de Irati, segundo a família original, o ano de construção, a área construída, a área do lote e a taxa de ocupação – Projetos de Posfaldo da década de 1960 – Irati/Pr

Família Original	Ano de Construção	Área Construída (m ²)	Área do Lote (m ²)	Taxa de Ocupação (%)
Panka	1960	218	700	31,14
Duszczak	1961	210,20	450	46,70
Klososki	1962	256,26	640	40
Andreassa	1963	298,50	1.012	29,50
Média	----	245,74	700,50	36,83

Fonte: Plantas do DCID da PMI

Org.: Mendes, 2012

Quanto à taxa de ocupação, percebe-se que nos quatro casos esta não ultrapassa os 50% do lote. A maior taxa é a da residência Duszczak com 46,70% e a menor é a da Andreassa com 29,50%. Analisando tais dados, conclui-se que todas as residências têm lotes de grandes dimensões, no entanto, no caso da residência Duszczak, esta encontra-se colada na divisa dos fundos, embora os ideais modernistas indiquem a planta livre, ou seja, totalmente descolada das divisas do lote. Nota-se que se mantêm a premissa modernista de espaços verdes e de jardins em todos os casos estudados.

c) Década de 1970

A residência da família Dziecinny (Figura 20), projetada em 1972 e considerada de médio porte, é marcada por elementos arquitetônicos modernistas. Trata-se de uma edificação de dois pisos, cuja verticalidade se contrapõe à horizontalidade das linhas da construção. A edificação encontra-se solta no lote, com recuos frontal, laterais e de fundos. Possui telhado plano, com telhas aparentes nas extremidades. O pavimento superior, possuidor de dois grandes *pans de verre*, está apoiado em quatro pilotis. O pavimento térreo conta também com a presença de um *pans de verre*, que marcam a ideia da horizontalidade. A fachada é marcada por linhas puras e retas. A parede da garagem é revestida por cerâmica, elemento característico do movimento modernista. O telhado, composto por telhas de fibrocimento exposta, conta com a presença de calha central para escoamento da água pluvial, indicando inovação tecnológica na construção.

Na sacada do pavimento superior há a presença de uma proteção em madeira, elemento que não pertence aos ideais modernistas, mas que provavelmente foi utilizado na construção devido à abundância do material na região. O muro frontal baixo permite a visualização de toda a fachada pelo transeunte. Esta edificação se mantém na sua forma e função. Comparando a fachada atual com projeto original, percebe-se ela não foi modificada, permanecendo com suas características originais.

Figura 20 – Residência em estilo modernista projetada para a família Dziecinny - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2011

A residência da família Stroparo (Figura 21), projetada em 1973, também é considerada de médio porte e possui dois pavimentos. A residência encontra-se solta no lote, com recuos frontal, laterais e de fundos. A fachada, com linhas puras e retas, é evidenciada por *pans de verre* e um detalhe com pedras ornamentais. O telhado de quatro folhas aparente, não característico do modernismo, forma uma composição harmoniosa com a platibanda de linhas retas. O desnível do terreno é aproveitado pela construção de um pavimento inferior, que acompanha parte do pavimento superior. Nele localizam-se áreas de serviços e a garagem. O muro frontal baixo acompanha o ideário modernista, todavia, o gradil alto, posteriormente colocado, embora destoe deste ideário ainda permite a fruição entre a residência e o transeunte. Esta edificação se mantém na sua forma e função e comparando a fachada atual com o projeto original, percebe-se que ela não foi modificada, permanecendo com suas características.

Figura 21 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Stroparo - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, abril de 2012

A edificação pertencente à família Zainko (Figura 22), projetada em 1975, é uma construção de grande porte, constituída de dois pavimentos, onde o pavimento térreo foi concebido para fins comerciais e o pavimento superior para uso residencial. Por ser uma construção com amplas medidas e estar em um lote mediano, não está solta no lote. Possui apenas recuo de fundos, estando colada à divisa frontal e às divisas laterais. Sua fachada original é marcada por linhas retas conjugadas a uma platibanda que esconde parcialmente um grande terraço. O pavimento superior é marcado por *pan de verre* e marquise. No pavimento térreo, as linhas puras fazem uma bela composição com os *pans de verre* das vitrines. A vitrine direita fica ao lado de um detalhe com pedras ornamentais. Esta edificação mantém-se na forma e função, no entanto, se comparada a fachada atual com o projeto original, nota-se que esta encontra-se descaracterizada, restando poucos elementos modernistas.

Figura 22 - Residência em estilo modernista projetada para a Família Zainko - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, maio de 2012.

A residência da família Elias (Figuras 23a e 23b), projetada em 1978, também é considerada de médio porte e possui recuos frontal e de fundo, no entanto, está colada às dividas laterais. A fachada original é evidenciada com linhas puras e retas e dividida em três partes, onde na extremidade esquerda há um revestimento com pedras ornamentais conjugada com uma floreira. Na parte central, revestido com mármore, vê-se a porta do hall de entrada e uma janela da sala de estar. Já na extremidade direita, há a porta da garagem em madeira, material atípico ao movimento modernista, mas inserido localmente devido à abundância da madeira na região. Uma fileira dupla de *cobogós* permite a ventilação da garagem. Elementos como porta entalhada e arandelas demonstram a influência colonial na edificação. A edificação mantém a sua forma e função, no entanto, se comparada a fachada atual com o projeto original, percebe-se que esta foi alterada. A porta atual da garagem agora é de metal. O telhado não aparente, escondido por uma platibanda, deu lugar a um telhado de quatro folhas aparente. O gradil frontal baixo deu lugar a um alto, por medidas de segurança, todavia, ainda se permite a visualização de toda a fachada pelo transeunte.

Figura 23a - Residência em estilo modernista projetada para a Família Elias - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, maio de 2012

Figura 23b - Residência em estilo modernista projetada para a Família Elias - Irati/Pr



Fonte: Acervo de Mendes, maio de 2012

Observando-se as quatro residências, elementos modernistas como *pans de verre*, platibandas e linhas retas se fazem presentes alternadamente em todos os casos. O telhado aparente é encontrado apenas na residência da famílias Dziecinnny. Nas residências das famílias Stroparo, Elias e Zainko os telhados se escondem na platibanda. O uso de pedras ornamentais como detalhe na fachada é evidente, pois tal material está presente em três das residências: Stroparo, Zainko e Elias.

Para fins de análise destas residências enquanto ‘espaços de morar’ são apresentados, a seguir, informações retiradas dos projetos arquitetônicos originais, os quais encontram-se disponíveis no acervo do Departamento de Controle Interno de Documentos da Prefeitura Municipal de Irati. Com relação ao porte das residências escolhidas (Tabela 05), observa-se que três não ultrapassam 300m², podendo ser consideradas de médio porte e uma ultrapassa 500m², sendo considerada de grande porte.

Tabela 05 – Residências modernistas de Irati, segundo a família original, o ano de construção, a área construída, a área do lote e a taxa de ocupação – Projetos de Posfaldo da década de 1970 – Irati/Pr

(continua)

Família Original	Ano de Construção	Área Construída (m ²)	Área do Lote (m ²)	Taxa de Ocupação (%)
Dziecinnny	1972	228,99	252	90,87
Stroparo	1973	244,90	1120	21,87

(conclusão)

Zainko	1975	518,22	678,30	76,4
Elias	1978	280,83	921,90	30,46
Média	----	318,23	743,05	54,90

Fonte: Plantas do DCID da PMI
Org.: Mendes, 2012

Quanto à taxa de ocupação, percebe-se que nas residências Stroparo e Elias esta não ultrapassa os 40% do lote. Já nas residências Dziecinny e Zainko tais taxas ultrapassam os 75%. A maior taxa de ocupação é a da residência Zainko com 91% e a menor é a da Stroparo com 22%.

Analisando estes dados, conclui-se que três das residências tem lotes de grandes dimensões, no entanto, no caso da residência Zainko, devido à construção ter porte elevado, a taxa de ocupação ultrapassou a média. Outro fato curioso é que mesmo a taxa de ocupação da residência Dziecinny ultrapassando os 90%, a construção está totalmente solta no lote, seguindo os ideais modernistas que indicam a planta livre. A residência Stroparo também encontra-se solta no lote, ao passo que as residências Zainko e Elias se colam às divisas laterais. Quanto aos espaços verdes, são encontrados jardins em três dos casos estudados (Dziecinny, Stroparo e Elias), no entanto, não mais com as espécies vegetais utilizadas no modernismo: palmeiras, agaves, estrelíztias e bromélias.

Contrastando com as habitações desenhadas por Posfaldo na década de 1950, onde os elementos modernistas marcavam as fachadas de uma forma bem evidente, estes aparecem de uma forma mais tímida nas residências projetadas nas décadas de 1960 e 1970. Percebe-se a existência de marquises, *pans de verre*, platibandas e linhas retas e puras definindo o caráter modernista das residências. Elementos como *pilotis*, *brise-soleil*, telhados em asa de borboleta, muito evidenciados nas habitações projetadas na primeira década, ausentam-se nas fachadas construídas posteriormente. O emprego da madeira em detalhes nas fachadas das residências projetadas na década de 1970 é um fato curioso, tendo em vista que este não é um material que fazia parte do “espírito funcionalista”. Seu uso provavelmente se justifica pela abundância da madeira na região.

Algumas singularidades da década de 1950 continuaram presentes nas décadas de 1960 e 1970. A principal continuidade deve-se ao fato das construções não estarem totalmente soltas, mesmo com a existência de grandes lotes. Tal fato é evidenciado em cinco dos doze casos analisados. Na sequência estas residências são avaliadas enquanto “espaço de morar”,

sendo evidenciado seu conteúdo social, levantando-se um breve histórico das famílias proprietárias, e as diferentes funções internas.

3.3. O espaço modernista de morar: conteúdo social e diferenciação funcional

Considerando-se que o 'interior' é o protagonista da arquitetura, o espaço arquitetônico será analisado enquanto 'espaço de morar'. Segundo Veríssimo e Bittar (1999, p. 9), a casa transcende as simples formas geométricas, “uma realidade visível e tangível”, no momento em que o 'morar' resulta de um processo criativo, conduzido pelas necessidades sociais e culturais do homem. Assim, busca-se captar a integração entre homem e casa, entendendo que esta passa de um conjunto de volumes, planos, linhas retas e curvas, a um espaço a ser vivido, adquirindo valores humanos. Neste sentido, fez-se necessário abordar as famílias proprietárias que as construíram e os vários espaços que constituem as residências modernistas.

a) Década de 1950

A residência da família Zacarias foi projetada em 1953, a pedido de Naby Zacarias (KOCH, 2012), primeiro proprietário, o qual exercia a profissão de médico na cidade. Morou nesta apenas com sua esposa, Inês Sandre, a qual exercia atividade de costureira na própria residência. O casal não teve filhos e mudou-se para a capital paranaense no final da década de 1950 por motivos profissionais.

A residência da família Zanetti, por sua vez, foi projetada em 1955 a pedido de Ildefonso Zanetti, seu primeiro proprietário, o qual exercia a profissão de médico e foi prefeito da cidade no período de 1964 a 1969 (KOMINSKI, 2012). Morou na residência com sua esposa, a dona de casa Dulce Zanetti e seus quatro filhos: Ildefonso Zanetti Filho, Ernesto Zanetti Neto, Fernando Zanetti e Heloisa Zanetti, na época, todos crianças. Segundo relatos (ORREDA, 2012), em seu mandato foram realizadas várias obras como a construção da rodoviária, ginásio de esportes, 07 escolas rurais e 33 escolas na zona urbana, além da revitalização das existentes. Após terminado seu mandato, voltou a exercer sua profissão como médico. Morou em Irati, na residência modernista, até sua morte na década de 1980.

Quanto à residência da família Grechinski, esta foi projetada em 1958 a pedido de Miguel Luciano Grechinski, seu primeiro proprietário, o qual era empresário da cidade, sócio da cerealista Apiaba (GRECHINSKI, 2012). Miguel Luciano Grechinski, juntamente com sua esposa, a dona de casa Ester Grechinski, e seus três filhos, na época crianças, Roseli

Grechinski, João Grechinski e Miguel Grechinski Filho, moraram na referida residência por um período menor que um ano. Por motivos profissionais, Miguel, juntamente com a família, mudou-se para o Rio de Janeiro, ficando a residência fechada.

Após sete anos, a residência, que vinha deteriorando-se, foi novamente habitada, agora por Casimiro Grechinski, que a comprou de seu irmão. Quando mudou-se para a residência, o casal Casimiro Grechinski e sua esposa, a dona de casa Terezinha Grechinski, tinha apenas um filho, o recém nascido Davi. Ao longo dos anos, eles tiveram mais três filhos: Daniel, Débora Natasha e Andréia. Até hoje o casal mora na cidade de Irati, todavia, sua residência modernista encontra-se alugada (GRECHINSKI, 2012).

A residência da família Pavia também foi projetada em 1958, a pedido de Arrigo Pavia, proprietário da Carvorite, empresa produtora de carvão. Imigrante italiano, após morar certo tempo em São Paulo, mudou-se para Apiaba, localidade rural do município de Irati. Somente no final da década de 1950 é que Arrigo mudou-se para a cidade, construindo a residência em que morou com a esposa, a dona de casa Aceli Prado Pavia, e sua primeira filha, Ida Pavia. O casal ainda teve mais três filhos, que nasceram e viveram na residência. Segundo relatos (KOCH, 2012), a família morou na cidade aproximadamente oito anos, mudando-se posteriormente para Curitiba, por motivos profissionais.

Quanto à divisão dos 'espaços de morar' nas residências modernistas de Irati da década de 1950 (Tabela 06), esta segue um mesmo padrão, no qual o espaço íntimo detém a maior área construída, seguida do espaço social. O espaço social é privilegiado nas residências Zanetti e Pavia (Figuras 24 e 25). No caso da residência Zanetti também o espaço íntimo apresenta destaque em relação à média das 4 residências analisadas. Na residência Grechinski (Figura 26), o destaque é para a área de serviços.

Tabela 06 – 'Espaços de morar' das residências modernistas, segundo o uso – Projetos de Posfaldo da década de 1950 – Irati/Pr

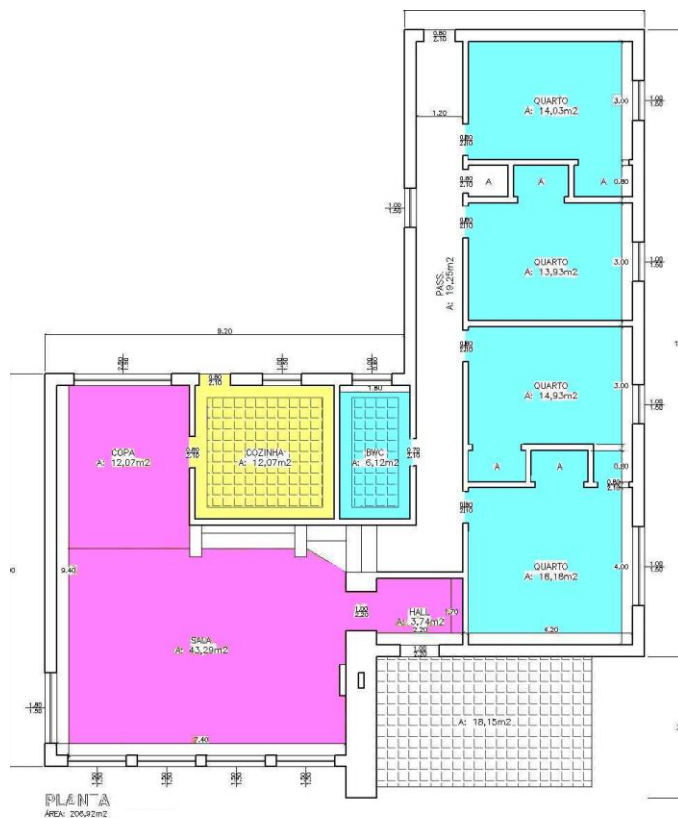
Família Original	Espaços de morar*									
	Social		Íntimo		Serviços		Profissional		Circulação	
	m ²	%	m ²	%	m ²	%	m ²	%	m ²	%
Zacarias	51,52	26,19	51,40	26,14	26,83	13,64	22,02	11,19	44,89	21,78
Zanetti	59,10	33,63	67,19	38,23	12,07	6,87	----	----	37,40	18,07
Grechinski	26,90	14,43	45,90	24,64	68,46	36,73	----	----	45,12	20,58
Pavia	97,15	31,15	77,95	24,99	55,45	17,78	14,88	4,77	66,44	18,43
Média	58,67	26,35	60,61	28,50	40,70	18,76	9,23	3,99	48,46	19,71

Nota: (*) Considerou-se apenas as áreas úteis, ou seja, não foram computadas as áreas das paredes

Fonte: Plantas do DCID da PMI

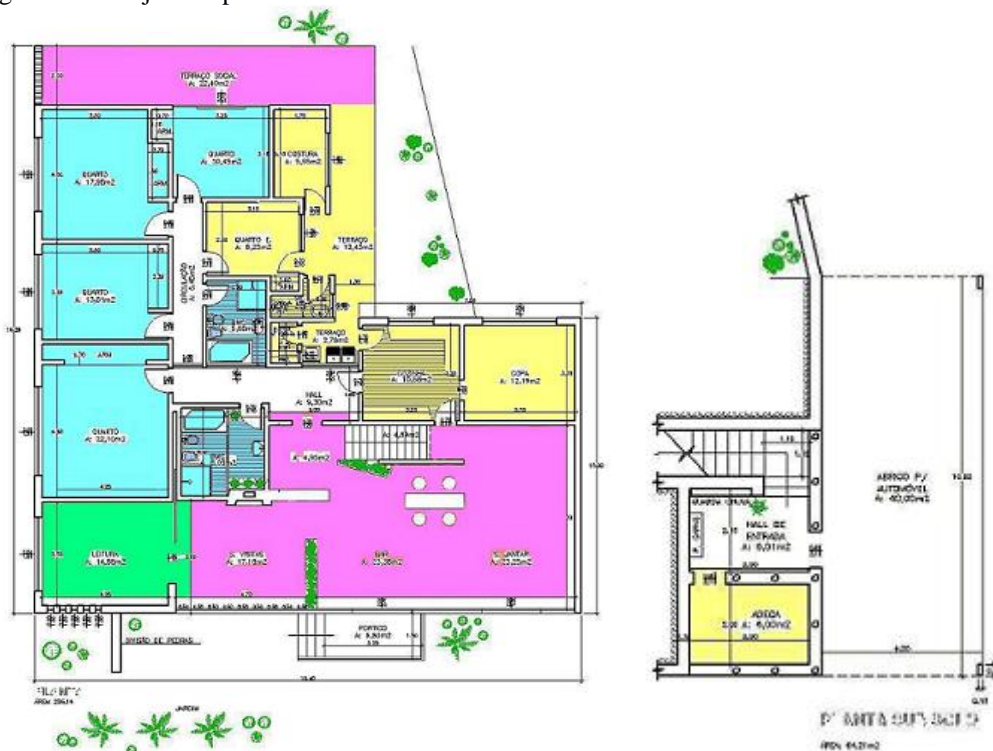
Org.: Mendes, 2011

Figura 24 – Projeto da planta baixa da residência Família Zanetti – 1955



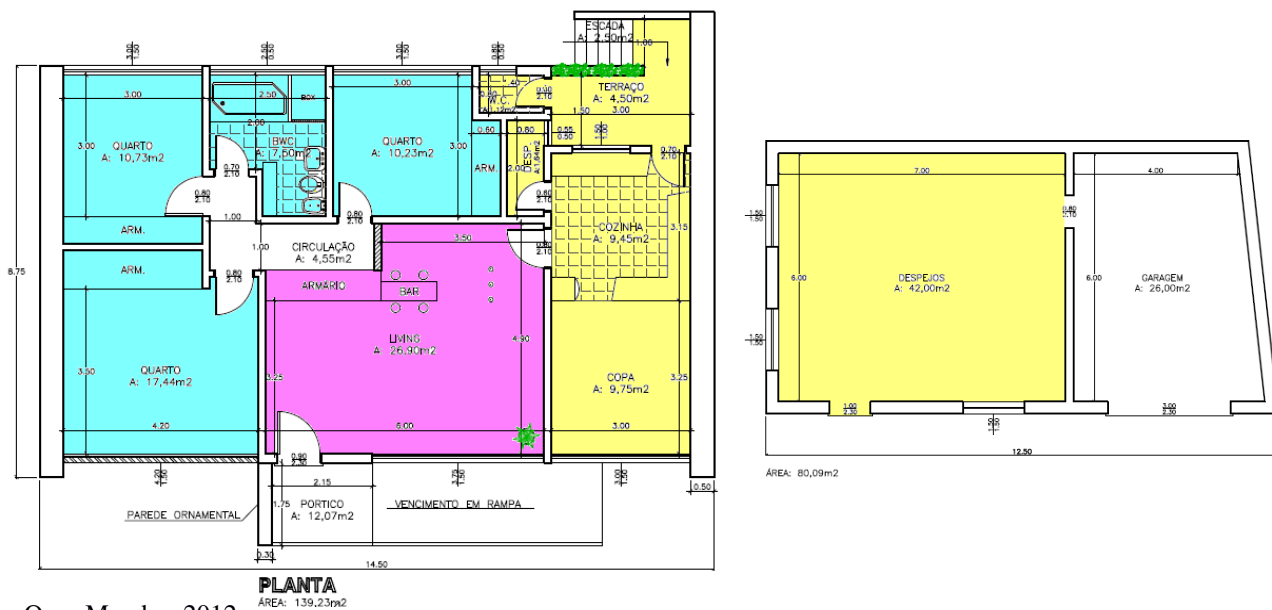
Org.: Mendes, 2012

Figura 25 – Projeto da planta baixa da residência Família Pavia – 1958



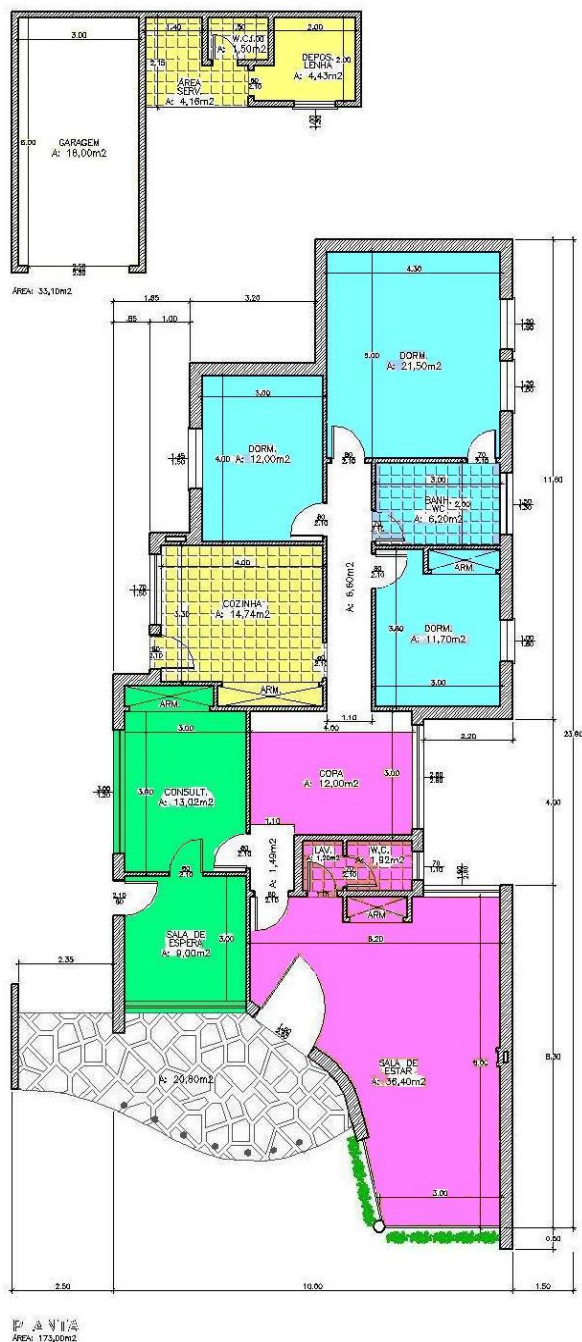
Org.: Mendes, 2012

Figura 26 – Projeto da planta baixa da residência Família Grechinski – 1958



O espaço profissional está presente em duas residências. O projeto da residência da família Zacarias (Figura 27) é constituído de uma sala de espera e de um consultório, tendo em vista que o primeiro proprietário, Naby Zacarias, atuava como médico. No projeto da residência Pavia (Figura 25) encontra-se uma sala de leitura, onde provavelmente Arrigo Pavia trabalhava ou mantinha seu hobby, tendo em vista que ele era um empresário de renome na cidade. Nos quatro projetos pode-se notar que há um zoneamento funcional, em que os diferentes espaços ficam agrupados. Os quartos ‘em série’ por exemplo, demonstram a circulação funcional, ou seja, a racionalização da arquitetura modernista.

Figura 27 – Projeto da planta baixa da residência Família Zacarias – 1953



Org.: Mendes, 2012

Em uma análise quantitativa dos cômodos e suas funções (Tabela 07), nota-se que, nas residências analisadas da década de 1950, há uma tendência da quantidade de cômodos no espaço de serviços ser maior, seguido pelo espaço íntimo. Isto se repete tanto nas residências de médio como de grande porte. Tal tendência do espaço de serviços possuir maior quantidade de cômodos deve-se ao fato da superposição de funções existentes nestes compartimentos, como a realização das tarefas domésticas: preparar e servir a alimentação, lavar e passar

roupas e a manutenção dos empregados. Além disso, há os cômodos destinados a guardar utensílios que não são mantidos nos demais espaços, e a garagem, local onde se mantém o veículo da família. Na década de 1950 se projetava apenas um automóvel por família, diferentemente do que ocorre na atualidade. A residência Zanetti acaba destoando da tendência das demais, tendo em vista que a maior quantidade de cômodos pertence ao espaço íntimo, representado por quatro quartos e um banheiro, ao passo que o espaço de serviços é bem modesto, possuindo apenas dois cômodos: cozinha e copa.

Tabela 07 – Quantidade e tipologia dos cômodos das residências modernistas, segundo os espaços de morar – Projetos de Posfaldo da década de 1950 – Irati/Pr

Família Original	Espaços e morar (nº. e tipologia)			
	Social	Íntimo	Serviços	Profissional
Zacarias	03 - sala de estar, sala de jantar (copa) e banheiro social	04 – quartos e banheiro íntimo	04 – cozinha, área de serviços, banheiro de empregada e depósito de lenha	02 – sala de espera e consultório
Zanetti	03 – sala de estar, sala de jantar (copa) e hall	05 – quartos e banheiro	01 – cozinha	----
Grechinski	02 – <i>living</i> (Sala de estar e jantar conjugadas)	04 – quartos e banheiro	06 – cozinha, copa, despensa, área de serviços, banheiro de empregada e quarto de despejo	----
Pavia	05 – sala de visitas, bar, sala de jantar, hall de entrada e terraço social	06 – quartos e banheiros	08 – cozinha, copa, dependências de empregada (quarto e banheiro), quarto de costura, área de serviços, terraço e adega	01 – sala de leitura

Fonte: Plantas do DCID da PMI
Org.: Mendes, 2011

b) Década de 1960

A Residência da família Panka foi projetada em 1960, a pedido de Adão Panka. O proprietário exercia profissão autônoma como motorista de caminhão e era casado com Antonina Filus, a qual exercia a profissão de professora no ensino fundamental. O casal, pertencente à classe média, viveu na residência com seus cinco filhos até o momento que estes cresceram e mudaram-se para outras cidades em busca de complementar os estudos. Segundo relatos (DZIECINNY, 2011), o casal viveu na residência até a década de 1990, época em que faleceram.

A residência da família Duszcak foi projetada em 1961 a pedido de Micislau Duszcak, imigrante polonês e sócio da Sociedade Comercial Cerealista Brasileira Ltda. O

empresário morou na residência com sua esposa, a dona de casa Estefânia Duszczak, seus dois filhos: Henrique e Ana Duszczak e sua irmã Camila Duszczak. O filho Henrique formou-se em Engenharia Florestal e a filha Ana formou-se em Odontologia. Depois de formada e já casada, Ana montou um consultório no porão da residência de seus pais. Segundo relatos (ORREDA, 2012), o casal viveu na residência até falecer. A esposa Estefânia faleceu na década de 1980, a partir daí Micislau passou a viver com sua irmã Camila na residência até 1990, década em que faleceu. Nesse momento Camila foi embora pra Teixeira Soares viver com um outro irmão e a casa foi colocada à venda.

Quanto à residência Klososki, esta foi projetada em 1962 a pedido de Leonardo Klososki, trabalhador da zona rural que mudou-se para a zona urbana já casado com Janete Klososki. A partir do momento que se mudou para a cidade, Leonardo passou a exercer a profissão de motorista de caminhão e sua esposa de costureira e professora de costura. O casal vivia na residência com seus três filhos: Helena Klososki, Lídia Klososki e João Vicente Klososki. Atualmente, a viúva Janete vive sozinha na residência, e suas duas filhas estão casadas, ao passo que seu filho morreu aos 21 anos em um acidente na piscina do Clube Atlético Recreativo Olímpico (KLOSOSKI, 2012).

A residência Andreassa foi projetada em 1963 a pedido de Ambrósio Andreassa, proprietário da empresa de Commodities de Cereais “Cerealista Andreassa” e esposo da dona de casa Catarina Andreassa. O casal vivia na residência juntamente com quatro dos seus cinco filhos: Maria Andreassa, Regina Andreassa, Ivete Andreassa e Luiz Andreassa. A primeira filha, Edite Andreassa, já era casada quando seus pais se mudaram para a residência e, portanto, já não morava com sua família. A família toda, inclusive esposa e filhos, trabalhava na cerealista. Era da empresa que provinha toda a renda familiar. Atualmente, a viúva Catarina Andreassa mora sozinha na residência, pois seus filhos estão casados, cada um com sua família. (ANDREASSA, 2012).

Quanto à divisão dos 'espaços de morar' nas residências modernistas de Irati, projetadas na década de 60 (Tabela 08), esta segue um mesmo padrão, onde o espaço íntimo detém a maior área construída, seguida do espaço de serviços. O espaço social é privilegiado na residência Duszczak (Figura 28), seguido pelo de serviços. No caso da residência Klososki (Figura 29), o destaque é para a área de serviços.

Tabela 08 – 'Espaços de morar' das residências modernistas, segundo o uso – Projetos de Posfaldo da década de 1960 – Irati/Pr

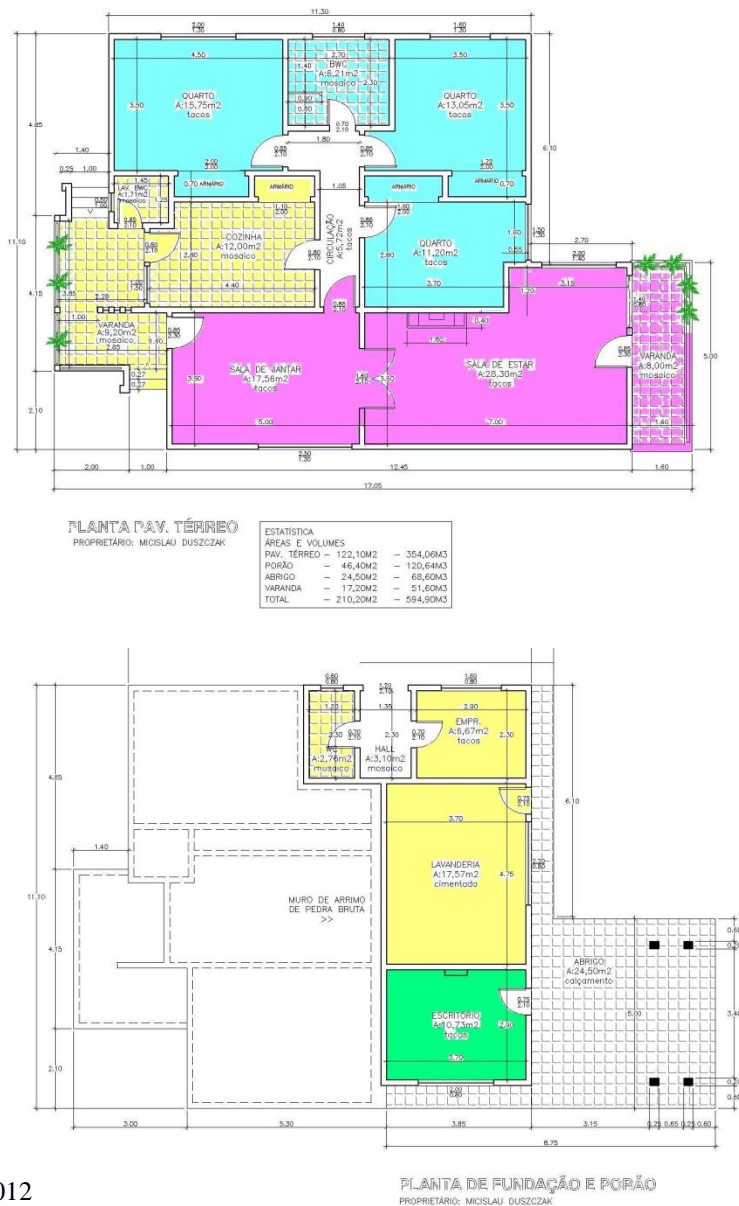
Família Original	Espaços de morar*									
	Social		Íntimo		Serviços		Profissional		Circulação	
	m ²	%	m ²	%	m ²	%	m ²	%	m ²	%
Panka	38,22	17,53	48,18	22,10	46,47	21,31	12,25	5,61	42,99	19,72
Klososki	46,25	18,04	53,75	20,97	54,31	21,19	----	----	27,67	10,79
Duszczak	53,86	25,62	46,21	21,98	49,91	23,74	10,73	5,10	8,82	4,19
Andreassa	28,93	9,69	109,83	36,80	43,12	14,44	7,05	2,36	42,69	14,30
Média	41,81	17,72	64,49	25,46	48,45	20,17	7,50	3,26	30,54	12,25

Nota: (*) Considerou-se apenas as áreas úteis, ou seja, não foram computadas as áreas das paredes

Fonte: Plantas do DCID da PMI

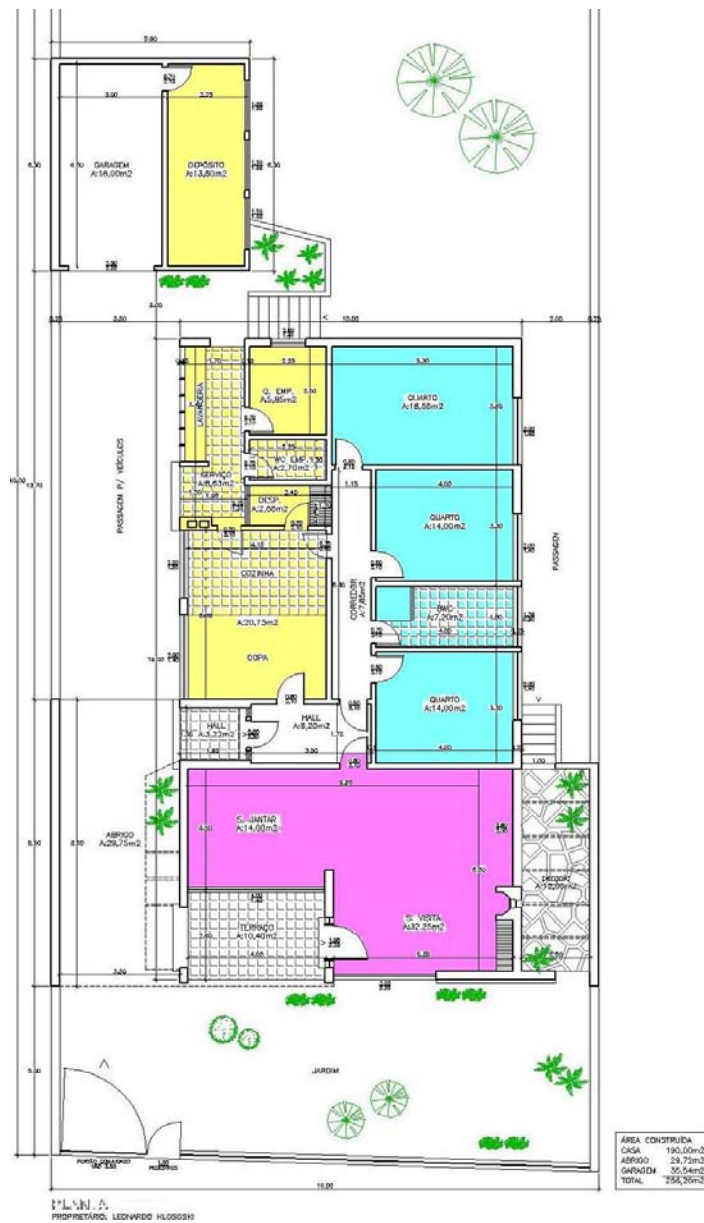
Org.: Mendes, 2012

Figura 28 – Projeto da planta baixa da residência Família Duszczak – 1961



Org.: Mendes, 2012

Figura 29 – Projeto da planta baixa da residência Família Klososki – 1962



Org.: Mendes, 2012

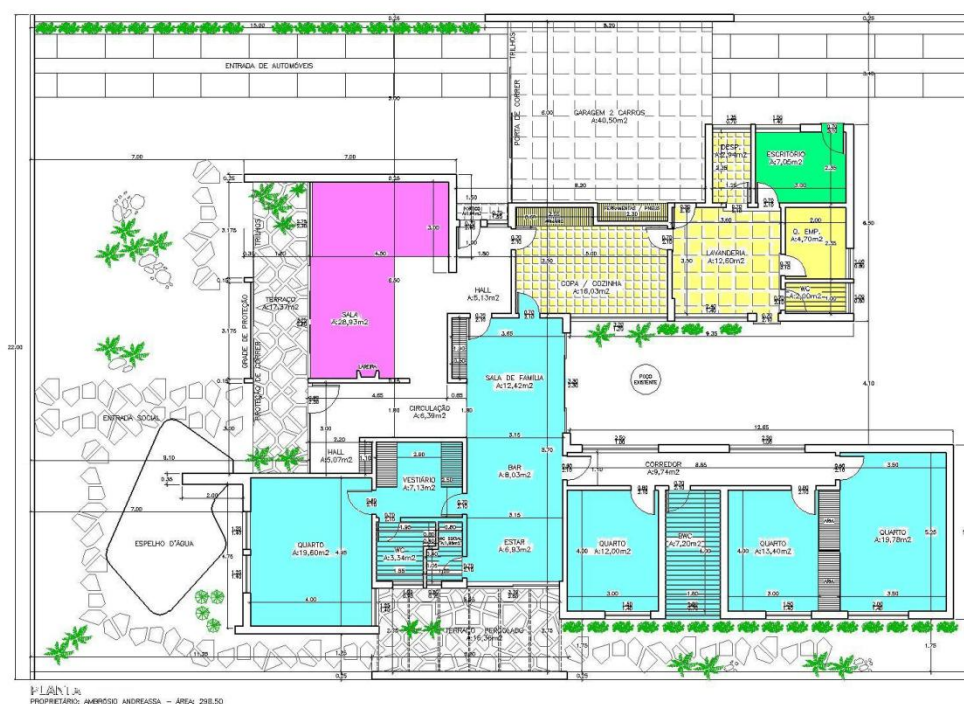
O espaço profissional está presente em três residências. O projeto da residência da família Panka (Figura 30) é constituído de um quarto de costura, tendo em vista que a esposa do proprietário Adão Panka, a professora Antonina Filus, costurava para a família. Nos projetos das residências Duszczak (Figura 28) e Andreassa (Figura 31), há a presença de um escritório, espaço destinado a um integrante da família. Em consonância com os projetos da década passada, nestes também está presente o zoneamento funcional e a circulação funcional.

Figura 30 – Projeto da planta baixa da residência Família Panka – 1960



Org.: Mendes, 2012

Figura 31 – Projeto da planta baixa da residência Família Andreassa – 1963



Org.: Mendes, 2012

Em uma análise quantitativa (Tabela 09) dos cômodos e suas funções, nota-se que, nas residências analisadas da década de 1960, há uma tendência da quantidade de cômodos no espaço de serviços ser maior, seguida do íntimo. Tal tendência do espaço de serviços possuir

maior quantidade de cômodos deve-se ao fato da superposição de funções existentes nestes compartimentos, como a realização das tarefas domésticas: preparar e servir a alimentação, lavar, quilar, estender e passar roupas e a manutenção dos empregados. Além disso, há os cômodos destinados a guardar utensílios que não são mantidos nos demais espaços. Um fato curioso é de que, diferentemente da década de 1950, em que se projetava garagem para apenas um automóvel, no projeto da residência da família Andreassa, surge uma garagem mais ampla, destinada a dois veículos. Ainda, tal residência acaba destoando da tendência das demais, tendo em vista que a maior quantidade de cômodos pertence ao espaço íntimo, representado por quatro quartos, dois banheiros, um vestiário, além de sala de estar, bar e sala de uso restrito da família.

Tabela 09 – Quantidade e tipologia dos cômodos das residências modernistas, segundo os espaços de morar – Projetos de Posfaldo da década de 1960 – Irati/Pr

Família Original	Espaços e morar (nº. e tipologia)			
	Social	Íntimo	Serviços	Profissional
Panka	02 - sala de estar/jantar e terraço	04 – quartos, malas e banheiro íntimo	06 – cozinha/copa, despensa, área de serviços, banheiro e depósitos	01 – costura
Andreassa	01 – sala	10 – quartos, banheiros, vestiário, estar, bar e sala da família	06 – cozinha/copa, lavanderia, quarto de empregada, banheiro de empregada, despensa e quarto para ferramentas e pneus	01 – escritório
Klosowski	02 – Sala de jantar e sala de visitas	04 – quartos e banheiro	06 – cozinha/copa, despensa, área de serviços, banheiro de empregada, quarto de empregada e depósito	----
Duszczak	03 – Sala de jantar, sala de estar e varanda	04 – quartos e banheiros	06 – cozinha banheiro, varanda, lavadeira e dependências do empregada (quarto e banheiro)	01 – escritório

Fonte: Plantas do DCID da PMI
Org.: Mendes, 2012

c) Década de 1970

A residência Dziecinny foi projetada em 1972 a pedido de Luiz Carlito Dziecinny, proprietário da fábrica de erva-mate Águia. O empresário morou na residência com a sua esposa, Maria Helena Panka Dziecinny, professora de história e pedagoga, juntamente com seus três filhos: Leise Carla Dziecinny, Lais Helen Dziecinny e Heliton Luis Dziecinny. Atualmente o casal, agora aposentado, ainda vive na referida residência (DZIECINNY, 2012).

Quanto à residência Stroparo, esta foi projetada em 1973 a pedido de Rafael Celito Stroparo, dentista e casado com a dona de casa Dalva Stroparo. Na residência morava o casal com suas duas filhas: Katia e Gisele Stroparo. Atualmente, encontra-se apenas o casal na residência e o proprietário continua atuando na área da odontologia (STROPARO, 2012).

A residência Zainko foi projetada em 1975 a pedido de Theophilo Zainko, casado com Terezinha Zainko. O casal eram donos da loja de confecções Ideal, localizada no pavimento térreo do sobrado onde moravam. Na residência moravam o casal, mais o filho chamado Telmo Zaions Zainko, o qual formou-se em direito e hoje exerce a profissão de juiz. A família residiu no local por aproximadamente 03 décadas, mudando-se para a capital Curitiba por assuntos familiares (LUKAVY, 2012).

A residência Elias, projetada em 1978 a pedido de Dionísio Elias, bancário do Banco do Brasil e casado com a dona de casa Olívia Elias. Na residência habitavam o casal com seus 05 filhos: Marcelo, Sérgio, Eliane, Josiane e Luciane. A família residiu no local por aproximadamente 06 anos, mudando-se para Curitiba por motivos profissionais, já que Dionísio foi transferido para uma agência bancária localizada na capital (CANESSO, 2013).

Quanto à divisão dos 'espaços de morar' nas residências modernistas de Irati, projetadas na década de 70 (Tabela 10), esta, de um modo geral, segue um padrão no qual o espaço íntimo detém a maior área construída, seguida do espaço social. O espaço profissional é privilegiado na residência Zainko (Figura 32), devido à edificação abrigar um pavimento comercial. Já na residência Stroparo (Figura 33), o espaço social acaba ficando em terceiro plano, perdendo para o espaço íntimo e o de serviços.

Figura 32 – Projeto da planta baixa da residência Família Zainko – 1975

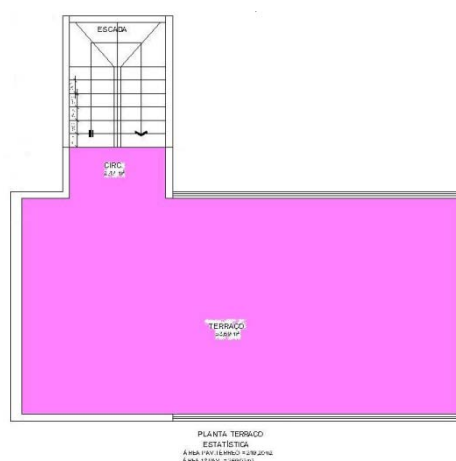




Figura 33 – Projeto da planta baixa da residência Família Stroparo – 1973



Org.: Mendes, 2012

Tabela 10 – 'Espaços de morar' das residências modernistas, segundo o uso – Projetos de Posfaldo da década de 1970 – Irati/Pr

Família Original	Espaços de morar*									
	Social		Íntimo		Serviços		Profissional		Circulação	
	m ²	%	m ²	%	m ²	%	m ²	%	m ²	%
Dziecinny	51,11	22,32	59,89	26,15	41,61	18,17	---	---	3,30	1,44
Stroparo	31,55	12,89	64,04	26,15	52,93	21,61	---	---	14,27	5,83
Zainko	96,02	18,53	105,74	20,40	61,19	11,80	174,27	33,63	19,71	3,80
Elias	48,72	17,35	69,77	24,84	36,13	12,86	---	---	14,46	5,15
Média	56,85	17,77	74,86	24,38	47,96	16,11	43,56	8,40	9,19	3,33

Nota: (*) Considerou-se apenas as áreas úteis, ou seja, não foram computadas as áreas das paredes

Fonte: Plantas do DCID da PMI

Org.: Mendes, 2012

O espaço profissional está presente em apenas uma residência – residência Zainko – representada por: copa/cozinha, lavabo, escritório, loja e provador. Tal espaço ocupava todo o pavimento térreo, sendo que o pavimento superior era destinado ao uso residencial da família proprietária da loja. Em três casos (exceto da residência Zainko) nota-se o zoneamento funcional e a circulação funcional como nas duas décadas anteriores.

Em uma análise quantitativa (Tabela 11) dos cômodos e suas funções, nota-se que, nas residências analisadas da década de 1970, há uma tendência da quantidade de cômodos ser maior no espaço íntimo, seguido do espaço de serviços. Tal tendência, totalmente contrária das décadas anteriores - 1950 e 1960 -, em que o espaço de serviços é que detinha a maior quantidade de cômodos, seguido do espaço íntimo. Isto deve-se provavelmente à preocupação dos proprietários no bem estar dos integrantes da família, mantendo espaços numerosos e amplos para a intimidade. A seguir projetos das plantas baixas das residências Dziecinny (Figura 34) e Elias (Figura 35).

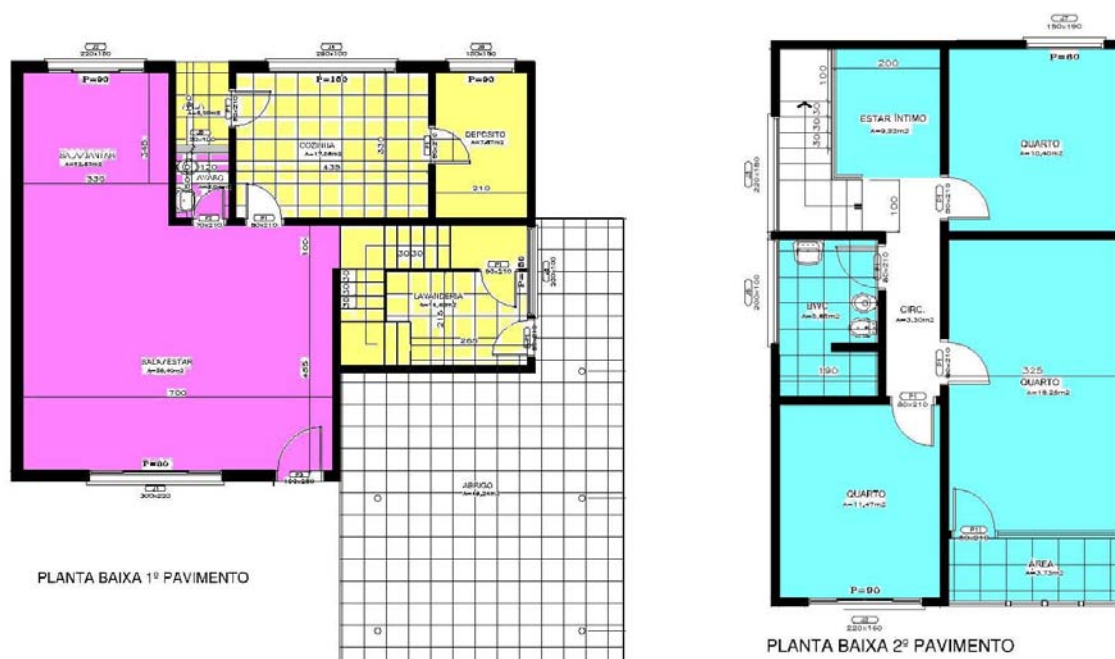
Tabela 11 – Quantidade e tipologia dos cômodos das residências modernistas, segundo os espaços de morar – Projetos de Posfaldo da década de 1970 – Irati/Pr

Família Original	Espaços e morar (nº. e tipologia)			
	Social	Íntimo	Serviços	Profissional
Dziescinny	03 - sala de estar, sala de jantar e lavabo	06 – quartos, área, banheiro íntimo e estar íntimo	04 – cozinha, lavadeira, depósito e área	----
Stroparo	01 – living	05 – quartos e banheiros	04 – cozinha/copa, quarto e depósito	----
Zainko	04 – sala de estar, sala de jantar, terraço e lavabo	07 – quartos, banheiros e terraço	06 – cozinha, copa, despensa, lavanderia, banheiro e despejo	04 – escritório, lavabo, loja e provador
Elias	02 – Sala de jantar, sala de estar	07 – quartos, banheiros e depósito	04 – cozinha lavadeira e dependências de empregada (quarto e banheiro)	----

Fonte: Plantas do DCID da PMI

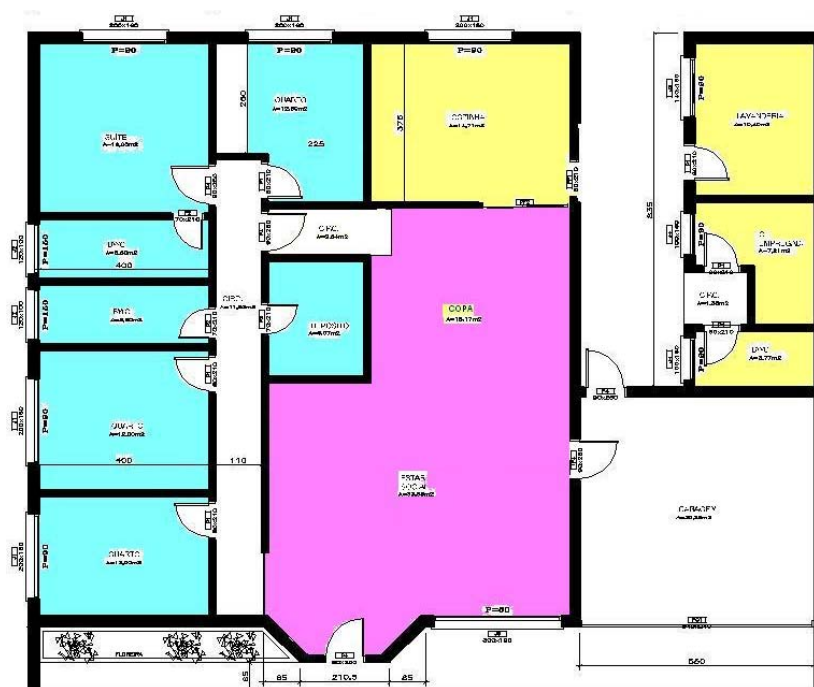
Org.: Mendes, 2012

Figura 34 – Projeto da planta baixa da residência Família Dziescinny – 1972



Org.: Mendes, 2012

Figura 35– Projeto da planta baixa da residência Família Elias – 1978



Org.: Mendes, 2012

A apropriação dos motivos modernistas assegurou o *status* almejado pela classe média emergente e pela classe alta já estabelecida na cidade. O ‘espaço de morar’ integrou casa e homem, ou seja, as residências passaram a ser projetadas para as novas necessidades impostas as famílias modernas. Nota-se que, ao desempenharem funções específicas, as partes internas das residências proporcionaram mobilidade aos moradores, o que resultou na construção de ambientes diferenciados, rompendo a tradição do estilo de morar que era perpassada por uma organização mais convencional. Assim, observou-se uma transformação na unidade compositiva, não sendo apenas um 'modernismo de fachada', como debatido por Lara (2005), onde a planta era muito semelhante aos modelos anteriores. A arquitetura modernista, que tinha a funcionalidade como uma de suas premissas, empenhou-se em racionalizar os critérios de repartições das habitações, pois tal arquitetura, segundo Artigas (1999, p. 84) definia-se “como arte de organizar o espaço para a vida humana”. Nesse mesmo sentido, Warchavchik (2003, p. 37) apontava a importância do uso da racionalidade para o plano da disposição do interior, pois desta dependia toda a construção, resultando na beleza da fachada.

Baseando-se nas residências analisadas, pertencentes às três décadas, conclui-se que é seguido um padrão modernista na distribuição dos espaços internos, o qual privilegia os espaços íntimos, seguidos pelos espaços sociais nas décadas de 1950 e 1970 e de serviços na década de 1960. Quanto à análise quantitativa, há uma tendência da quantidade de cômodos

ser maior no espaço de serviços, seguido do espaço íntimo nas décadas de 1950 e 1960 e, na década posterior, essa tendência se inverte, onde o espaço íntimo acaba tendo a maior quantidade de cômodos, seguido pelo espaço de serviços. Há, ainda, a inserção dos espaços profissionais, o que se constitui em uma singularidade no espaço de morar modernista de Irati presente nas três décadas analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arquitetura modernista, estilo que esteve em voga a partir da década de 1920 na Europa, mostra-se bastante presente na cidade de Irati, marcando a sua paisagem urbana, principalmente a área central. Suas edificações, implantadas com certo atraso temporal, ou seja, a partir da década de 1950, são compostas por linhas puras e retas, que detêm em suas fachadas grandes *pans de verre*, telhados escondidos por platibandas que representam variadas formas geométricas e marquises sustentadas por finíssimos *pilotis*. Estes elementos conjugados caracterizam a concepção racionalista do construir e do ‘morar’.

Com o processo de globalização, marcado pela fluidez e pela velocidade de informações, foi possível uma nova organização do mundo. Locais distantes uns dos outros na esfera global passaram a ser conectados e próximos virtualmente. A difusão da arquitetura modernista é um bom exemplo deste processo. Através dele, localidade e globalidade passaram a andar juntos, entrelaçando-se e dando origem ao ‘glocal’. É neste viés, em que global e local se combinam numa realidade híbrida, que o movimento modernista chega aos mais variados lugares, inicialmente nas grandes metrópoles, e mais tardiamente em cidades menores, como é o caso de Irati – PR.

A arquitetura modernista chegou à cidade de Irati na década de 1950, sendo trazida por profissionais que tiveram contato com o movimento em voga nos grandes centros. Após a análise do estudo de caso de Irati, ficou evidenciado que o protagonista do movimento na cidade foi o desenhista Eduardo Posfaldo, o qual possuía uma forte influência corbusierana ao desenhar. Nesta época, o movimento modernista estava sendo propagado e a arquitetura em evidência era a racionalista, que unia a arte com a técnica, caracterizada por edificações compostas por enormes *pans de verre*, que possibilitavam ambientes interiores mais claros e sustentadas por *pilotis* cada vez mais esguios.

Neste contexto, o desenhista local, Eduardo Posfaldo, já residindo na capital paranaense, mantinha um constante contato com profissionais modernistas. Assim, quando procurado por habitantes iratienses, o profissional optava em projetar edificações modernistas. O movimento modernista foi criado e destinado a uma burguesia sequiosa por poder e que via nas construções modernistas uma forma de evidenciar o seu *status*. No caso de Irati não foi diferente, tais edificações foram projetadas à classe média emergente e à classe alta. Das doze residências analisadas, a maioria foi projetada a pedido de profissionais como médicos, bancários, comerciantes e empresários que pertenciam à elite política e cultural local.

Durante o movimento, o qual teve a sua maior representatividade até a década de 1970, a estrutura urbana de Irati também presenciou algumas transformações. Em virtude do crescimento populacional, houve a necessidade de formulação de um ordenamento urbano, conferindo a esta um caráter funcional através da modernização da sua infra-estrutura e do embelezamento de suas áreas. Residências sob os moldes arquitetônicos europeus foram dando espaço às novas edificações modernistas, que foram trazidas pelos profissionais que viam nessa nova tendência o ideário progressista.

Atualmente, a cidade ainda possui dezenas de residências modernistas de autoria de Eduardo Posfaldo, sendo estas de médio e grande porte. Tais exemplares, com as mais diversas características, possuem formas envolventes, que atraem o olhar do transeunte. Elas representam uma sociedade em ascensão, de um período em que a classe abastada fazia questão de evidenciar o seu prestígio através das edificações modernistas que denotavam a ideia de progresso.

Analisando estas edificações enquanto ‘espaço de morar’ ligado à praticidade, pode-se concluir que tais residências se associaram ao sentido de verdadeiras “máquinas de morar”. Elas uniram a beleza das suas fachadas repletas de elementos modernistas com a funcionalidade de seus cômodos internos. Além disso, devido às paredes não terem mais a função de sustentação, houve uma maior mobilidade, o que resultou em uma planta livre, projetada conforme as necessidades de seus moradores.

O ideário modernista acabou marcando de forma ímpar o cenário urbano local. No que concerne aos ‘espaços de morar’, a unidade compositiva prevaleceu racionalizando os critérios de repartições das habitações, pois tal arquitetura, segundo Artigas (1999, p. 84) definia-se “como arte de organizar o espaço para a vida humana”. Baseando-se nas doze residências selecionadas, desenhadas por Eduardo Posfaldo durante as décadas de 1950 a 1970, conclui-se que este seguiu um padrão na distribuição dos espaços internos no qual se privilegiou os espaços íntimos e sociais.

A maioria das edificações encontra-se em lotes medianos em termos de área, o que resulta em uma taxa de ocupação relativamente baixa. No entanto, em alguns casos, foram eliminados os grandes recuos e as construções acabaram sendo coladas nas divisas laterais, fugindo um pouco de uma característica pregada pelo Movimento Modernista, que é a construção totalmente descolada das divisas do lote.

Levando-se em consideração a definição que se imprime ao termo “glocal” como sendo a prerrogativa do “olhar global adaptado às condições locais” (ROBERTSON 2000, p. 251), pode-se dizer que a construção dos ‘espaços de morar’ modernistas na cidade de Irati

seguiu uma lógica pregada pelo movimento modernista global, no entanto com a inserção de algumas particularidades, conferindo à arquitetura uma identidade local.

No campo estético da fachada, as linhas curvas, por exemplo, foram utilizadas apenas para detalhes. Além disso, a utilização da madeira em pontos específicos de fachadas se deve à abundância desta matéria prima na região, mesmo este material não fazendo parte daqueles característicos do movimento modernista. A inserção dos espaços profissionais no ‘espaço de morar’ se constitui em mais uma peculiaridade, onde as circunstâncias dos proprietários fizeram com que o movimento global sofresse adaptações, dando-se a entender que ao se reproduzir e adaptar ao local, foi possibilitada a criação de uma realidade singular no campo arquitetônico e uma identidade própria aos seus moradores.

Sendo assim, o ‘espaço de morar’ reconhecido enquanto “máquina de morar”, em que Le Corbusier (2011, p. 89) pregava que deveria ser estendida à população como um todo, pois “a casa é um produto necessário ao homem” e “todos os homens têm as mesmas necessidades”, acabou por ser direcionada à elite. Todavia, manteve-se como um ícone da beleza ligada à funcionalidade nos mais diversos cantos do mundo, entre eles o espaço urbano de Irati.

REFERÊNCIAS

- ARTIGAS, Vilanova. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.
- BALHAMA, Altiva. **Campos Gerais: Estruturas Agrárias**. Curitiba: UFPR, 1968.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- BRASILEIRO, Vanessa Borges. SALLES, Cristiane Tomaz de Campos. **A casa é uma máquina de morar (?): analisando a casa modernista**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 14, n. 15, p. 92-114, 2007.
- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CAVALCANTI, Carlos. **História das Artes**. Da Renascença fora da Itália aos nossos dias. V. 02. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1997.
- COLIN, Silvio. **Edifícios Marcantes no centro do Rio de Janeiro**. Disponível em: <coisasdaarquitetura.wordpress.com/2011/06/20/edifícios-marcantes-no-centro-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 25 set. 2012.
- FUNDAÇÃO Oscar Niemeyer. Disponível em: www.niemeyer.org.br. Acesso em 20 dez. 2012.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Sociologia**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **Regional Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IMBITUVA. **Decreto-Lei n.º 716, 02 de abril de 1907**. Decreta a elevação de Irati à categoria de Município, até então vila vinculada ao município de Ibituva.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações. Unidade Estadual do IBGE no Paraná, Curitiba, 2013.

IRATI. **Decreto-Lei n.º 69, de 22 de junho de 1950**. Contratação de empréstimo do Governo do Estado do Paraná para pavimentação da zona central da cidade.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**. A lógica do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LARA, Fernando Luiz Camargo. **Modernismo Popular: Elogio ou Imitação?** Caderno de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 171-184, 2005. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070514091852.pdf>. Acesso em: 24 out. 2011.

LE CORBUSIER. Carta de Atenas. 1933. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233>. Acesso em: 24 set. 2012.

LE CORBUSIER. **Planejamento Urbano**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2004.

_____. **Por uma Arquitetura**. 4ª reimpressão. 6.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2011.

MAIA, Ernani. **A Nova Máquina de Morar: Um Hardware de Morar?** 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

MENDES, Gigliese Aparecida. **Segregação Urbana em Irati (1950-1960)**. 2005. 95 f. Monografia (Especialização em Perspectivas do Ensino de História do Brasil) - Departamento de História, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2005.

MIGLIORINI, Jeanine Mafra. **Pilotis e Pans de Verres sob a ótica Bourdiana: um estudo sobre a arquitetura modernista no espaço urbano de Ponta Grossa – PR**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

NIEMEYER, Oscar. **Meu sócia e eu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Vol. III. Irati: EDIPAR, 1981.

_____. **Irati, teu nome é economia**. 7. ed. Irati: O Debate, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Plano Diretor Municipal de Irati**. Vol. 1 e 2, 2010

RATZSCH, Andy. **Prédios você deve conhecer: Villa Savoye de Le Corbusier**. Disponível em: <frivolousdisorder.com/p=408>. Acesso em: 25 set. 2012.

REGO, Renato Leão (Org.). **A Palavra Arquitetônica**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

_____. DELMONICO, Renato. **Casas de estilo: arquitetura moderna e edificações residenciais em Maringá**, Estado do Paraná. Acta Scientiarum. Technology, Maringá, v. 25, n. 2, 2003, p. 179-184.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

RIGONI, Emerson. **Partidos Políticos e Grupos de Poder em Irati/PR: Uma análise do poder local no período de 1988 a 2008**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

ROBERTSON, Roland. **Globalização**. Teoria Social e Cultura Global. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ROCHA, Ana Rita Pinto. MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **A Dialética do Global e o Local: Um Olhar sobre o Turismo e o Patrimônio Cultural**. Revista Terr@ Plural, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 145-154, 2008.

SANTIAGO, Marcelo Palhares. **Novas Formas de Morar**. Arquitetura em Movimento. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <http://novasformasdemorar.blogspot.com.br/>. Acesso em: 24 jan. 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, EDUSP: 2009.

_____. **Espaço e Método**. 4. ed. São Paulo, Nobel, 1997.

_____. **Por uma Geografia Nova**. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

SCULLY Jr, Vincent. **Arquitetura Moderna: a arquitetura da democracia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA Jr, Roberto França. TCHMOLA, Rafaela. **O processo recente de valorização do espaço urbano em Irati-PR: o caso do bairro Alto da Glória**. Revista Terr@ Plural, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 99-119, 2011.

TRAMONTANO, Marcelo; BENEVENTE, Varlete. A. **Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads**. In: ENTAC'04, 2004, São Paulo. Anais, 2004. 210mmx297mm. 10 p. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

TURROSSI, Sonei. ODEBRECHT, Clarisse. **Re-significando espaços: o novo jeito de morar**. Disponível em <http://www.go-to->

idee.com.br/public/uploads/artigos/Artigo1SoneiErgodesign2009.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2013.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **A família mineira e a arquitetura contemporânea**. O Globo: Rio de Janeiro, 1961.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da Casa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.

WARHAVCHIK, Gregori. Acerca da Arquitetura Moderna. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac &Naify, 2003. p. 35 - 38.

WARNIER, Jean Pierre. **A Mundialização da Cultura**. São Paulo: EDUSC, 2000.

ZEVI, Bruno. **A Linguagem Moderna da Arquitetura**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

_____. **Saber ver a Arquitetura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná (Brasil Diferente), 2001.

Entrevistas

ANDREASSA, Catarina. Irati. 27 jun. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

CANESSO, Valentin. Irati. 08 jan. 2013. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

DZIECINNY, Maria Helena Panka. Irati. 17 abr. 2011. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

DZIECINNY, Luiz Carlito. Irati. 18 jun. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

GRECHINSKI, Terezinha. Irati. 07 mar. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

KLOSOSKI, Janete. Irati. 27 jun. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

KOCH, Adair. Irati. 19 mar. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

KOMINSKI, Amilton. Irati. 07 mar. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

LUKAVY, João. Irati. 29 nov. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

ORREDA, José Maria. Irati. 12 mar. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

ORREDA, José Maria. Irati. 19 jun. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

POSFALDO, Leoni Leandro. Curitiba. 08 out. 2011. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

STROPARO, Rafael Celito. Irati. 05 jun. 2012. Entrevista concedida a Gigliese Mendes.

ANEXO**Roteiro das pesquisas de dados direcionadas aos proprietários das residências analisadas ou habitantes da cidade que conheceram os referidos proprietários.**

- Quais eram os moradores da residência;
- Qual o perfil sócio-econômico dos familiares que residiam na residência analisada;
- Em que contexto que se deu a construção da residência;
- Em caso de mudança, qual o motivo que levou família a deixar a residência e/ou a cidade;